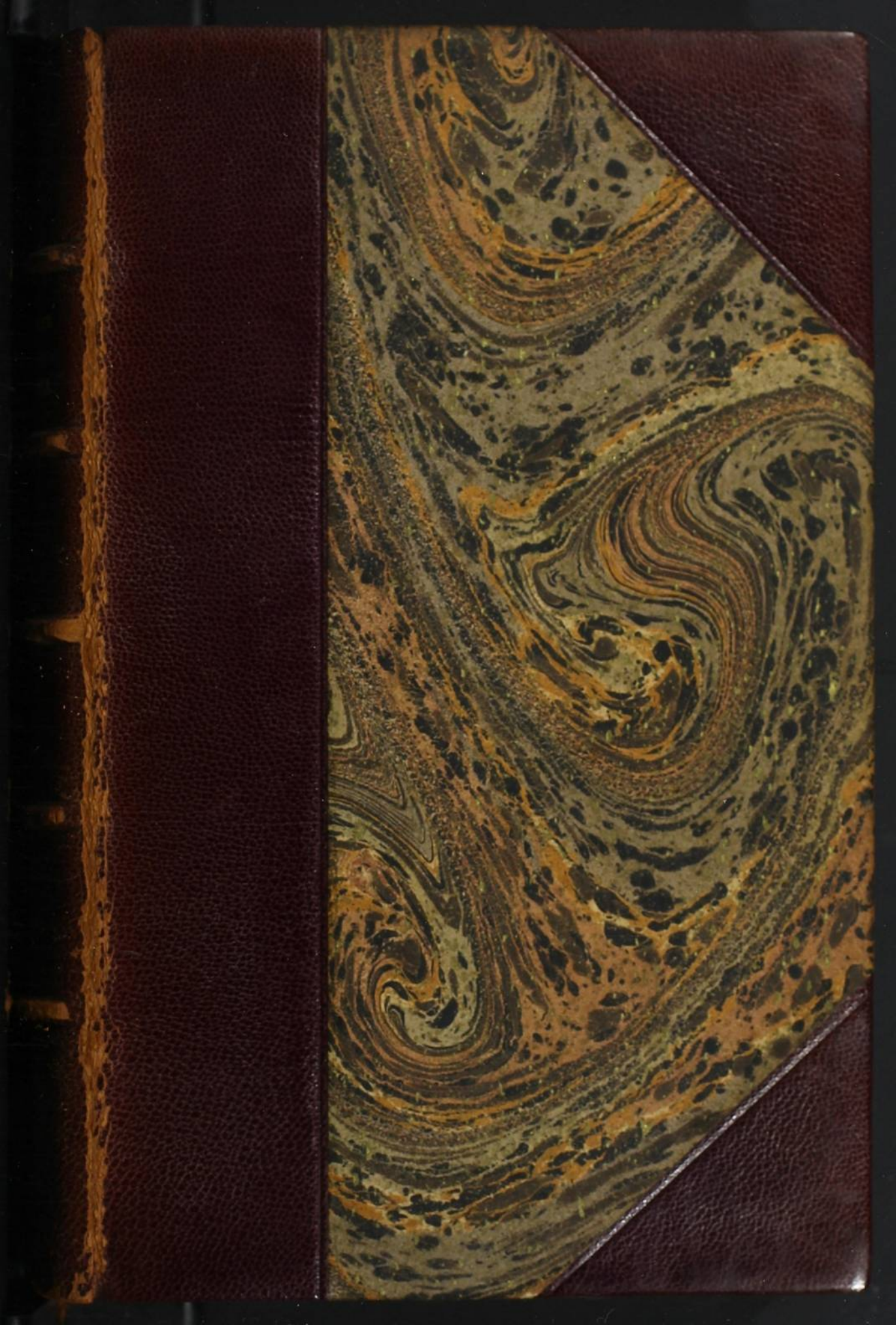
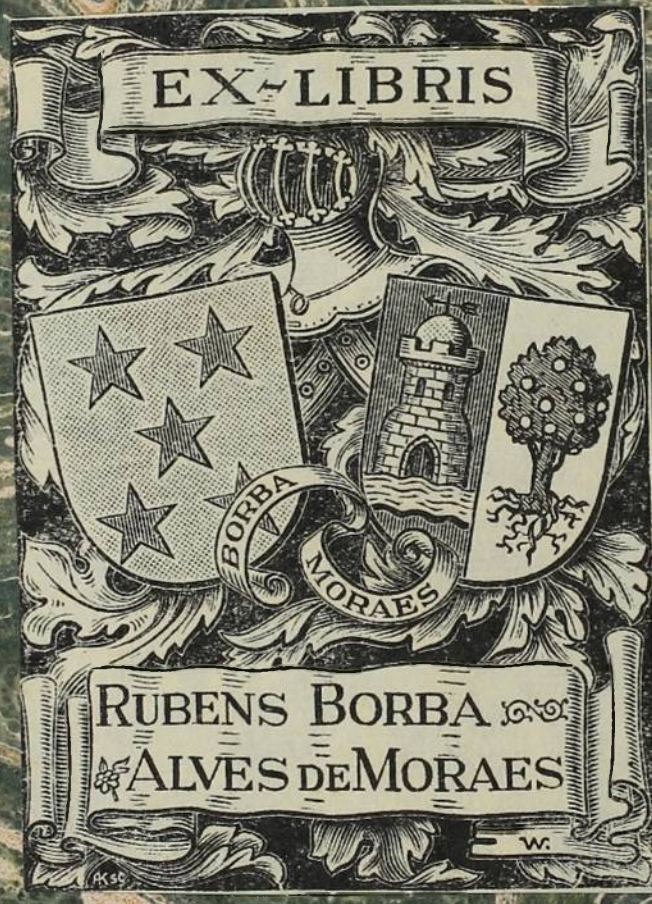
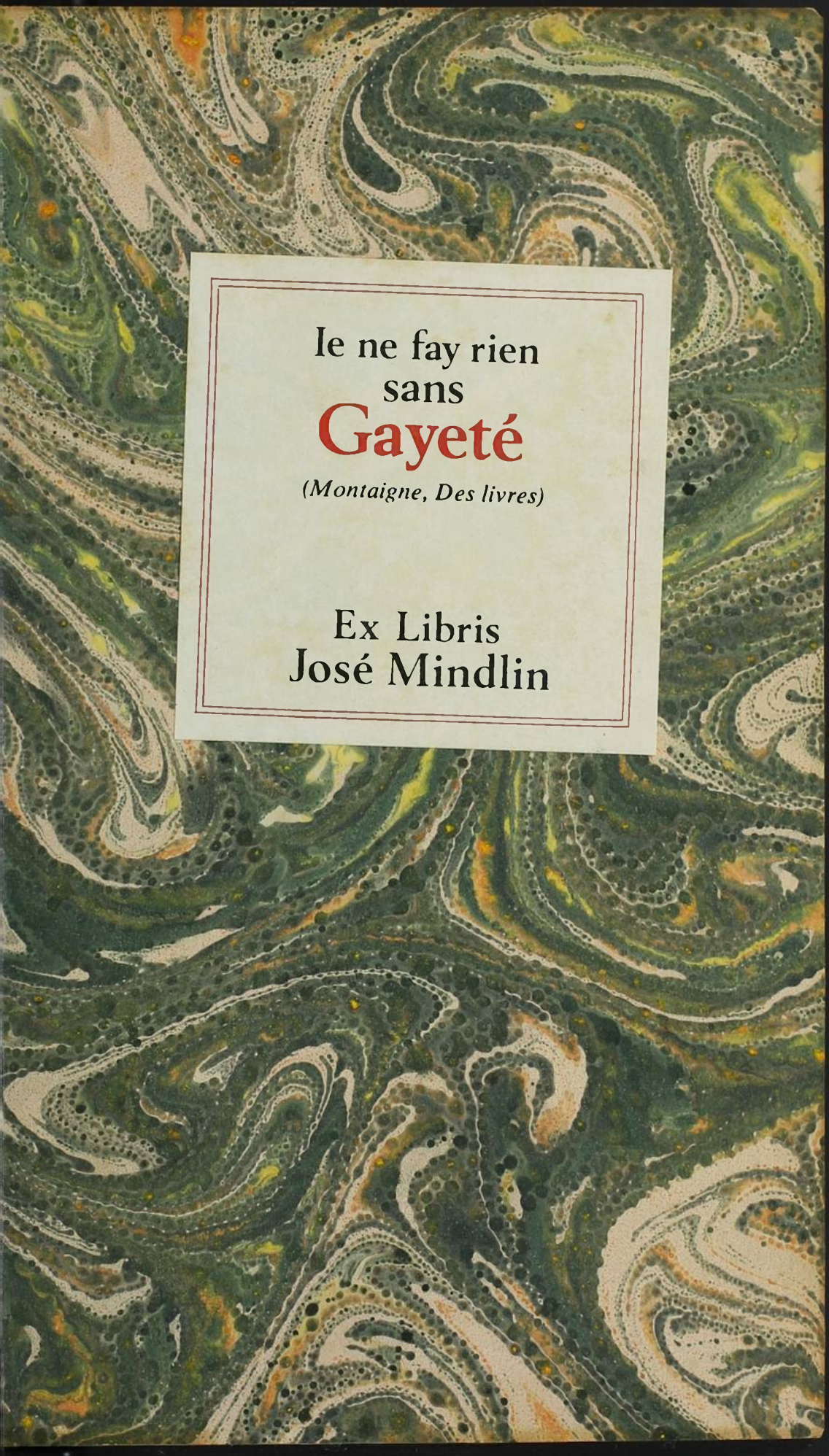



EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES


Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

Ao Ex.mo ar.e Sr. Gene-
ral Conte de Maga-
lhães homenagem do
Autor
Rio de Janeiro 16 de Maio
de 1885

INNOCENCIA

INNOCENCIA

POR

SYLVIO DINARTE

(ESCRAGNOLLE TAUNAY)

Autor da Mocidade de Trajano, Céos e Terras do Brazil, etc.

2.ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, RUA DO OUVIDOR 31

1884

665

..... *Innocencia.* Este livro terá longa vida, do mesmo modo que se póde, ainda hoje, viajar a Escossia com as novellas de Walter Scott por guias.

FRANCISCO OCTAVIANO.

A

JOSÉ ANTONIO DE AZEVEDO CASTRO

AMIGO DE INFANCIA

Azevedo Castro,

Se nos antigos tempos da Grecia me fôra possivel erigir custoso templo, dedicava-o á Amizade para no frontispicio gravar o teu querido nome.

Daquelle vivo sentimento permitte-me hoje, amigo, dentro do circulo de fracos e limitados meios, qualquer demonstração.

Não é em valioso monumento que vou inscrever tua lembrança; simplesmente na primeira pagina de uma narrativa campestre e despretenciosa, de um livro singelo e sem futuro.

Aceita-o como um dos mais espontaneos movimentos da minha alma, que n'esta declaração sincera julga assentar direitos a completo indulto.

A. d'Escragnolle Taunay

Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1872.

INNOCENCIA

CAPITULO I

O SERTÃO E O SERTANEJO

Ihr alle fühlt geheimes Wirken
Der ewig waltenden Natur ;
Und aus den untersten Bezirken
Schmiert sich heraus lebend'ge Spur

GOETHE.—*Faust*, 2.er Theil.

Todos vós bem sentis a acção secreta
Da natureza em seu governo eterno ;
E de infimas camadas subterraneas
Da vida o indicio á superficie emerge.

GOETHE.—*Fausto*, 2.ª parte.

Então com passo tranquillo mettia-me eu por algum recanto da floresta, algum lugar deserto, onde nada me indicasse a mão do homem, me denunciasse a servidão e o dominio ; asylo em que pudesse crêr ter primeiro entrado, onde nenhum importuno viesse interpôr-se entre mim e a natureza.

J. J. ROUSSEAU— *O encanto da solidão.*

CORTA extensa e quasi despovoada zona da parte sul-oriental da vastissima provincia de Matto-Grosso a estrada que da villa de Santa Anna do Paranahyba vai ter ao sitio abandonado de Camapoan. Desde aquella povoação, assente proxima ao vertice do angulo em que confinam os territorios de S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz e

Matto-Grosso até ao rio Sucuriú, affluente do magestoso Paraná, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de leguas, anda-se commodamente de habitação em habitação mais ou menos chegada uma da outra; raream, porém, depois as casas, mais e mais, e caminha-se largas horas, dias inteiros, sem se vêr morada nem gente até ao *retiro* (1) de João Pereira, guarda avançada daquellas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe com carinho o viajante desses alongados páramos, offerece-lhe momentaneo agazalho e o provê da matalotagem precisa para alcançar os campos de Miranda e Pequiry, ou da Vaccaria e Nioac, no Baixo Paraguay.

Alli começa o sertão chamado *bruto* (2).

Pousos succedem a pousos, e nenhum técto habitado ou em ruinas, nenhuma palhoça ou tapéra dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça, ou a chuva que está cahindo. Por toda parte, a calma da campina não arroteada; por toda parte, a vegetação virgem, tão virgem, como quando ahi surgio pela vez primeira.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se á maneira de alvejante faixa, aberta que é na arêa, elemento dominante na composição de todo aquelle sólo, fertilisado aliás por um sem

(1) Chama-se em Matto-Grosso *retiro* o local em que os criadores de gado reunem as rezes para as contar, marcar e dar-lhes sal.

(2) Sem moradores.

numero de limpidos e borbulhantes regatos, cujos contingentes são outros tantos tributarios do rio Paraná e do seu contravertente, o Paraguay.

Essa arêa solta e um tanto grossa tem côr uniforme que reverbéra com intensidade os raios do sol, quando nella batem de chapa. Em alguns pontos é tão fôfa e movediça, que os animaes das *tropas* viajeiras arquejam de cansaço, ao vencerem aquelle terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canella.

Frequentes são tambem os desvios, que da estrada partem de um e outro lado e proporcionam na matta adjacente trilha mais firme, por ser menos pisada.

Se parece sempre igual o aspecto do caminho, em compensação mui variadas se mostram as paizagens em torno.

Ora é a perspectiva dos *cerrados* (1), não desses cerrados de arvores rachiticas, enfezadas e retorcidas de S. Paulo e Minas-Geraes, mas de garbosos e elevados madeiros que, se bem não tomem todo o corpo de que são capazes á beira das aguas correntes ou regados pela lympha dos corregos, comtudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca lisa a força da seiva que os alimenta; ora são campos á perder de vista, cobertos de macéga alta e alourada, ou de viridante e mimosa grama, toda

(1) Florestas de arbustos de 3 a 4 pés de altura mais ou menos, mui chegados uns aos outros.

salpicada de sylvestres flôres; ora successões de luxuriantes capões (1), tão regulares e symetricos em sua disposição que sorprendem e enfeitiçam os olhos; ora, emfim charnécas meio apaúladas, meio seccas, onde nasce o altivo bority e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso.

Nesses campos, tão diversos pelo matiz das côres, o capim crescido e resiccado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incendio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, atêa com uma faulha do seu isqueiro.

Minando á surda na touceira quéda a vivida scentelha. Corra d'ahi a instantes qualquer aragem, por debil que seja, e levanta-se a lingua de fogo esguia e tremula, como que a contemplar medrosa e vacillante os espaços immensos que se abrem diante della. Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos a um tempo arrebentam sofregas labaredas que se enroscam umas nas outras, de subito se dividem, deslisam, lambem vastas superficies, despedem ao céo rôlos de negrejante fumo e vôam, roncando pelos matagaes de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio que não possam transpôr, caso não as tanja para além o vento, ajudando com valente folego a obra de destruição.

Acalmado aquelle impeto por falta de ali-

(1) Excellente palavra brazileira derivada da lingua geral, *caá-paún* (matto isolado)

mento, fica tudo debaixo de espessa camada de cinzas. O fogo, detido em pontos, aqui, alli, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como signal da avassalladora passagem o alvacento lençól, que lhe foi seguindo os velozes passos.

Atravéz da atmosphera ennublada mal póde então coar a luz do sol. A incineração é completa, o calor intenso, e nos ares revoltos volitam palhinhas carboretadas, detritos, argueiros e granulos de carvão que redemoinham, sóbem, descem e se emmaranham nos sorvedouros e adelgaçadas trombas, caprichosamente formadas pelas aragens, ao embaterem umas de encontro ás outras.

Por toda parte melancolia; de todos os lados tetricas perspectivas.

É cahir, porém, dahi a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aquelles sombrios recantos a traçar ás pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo n'um trabalho intimo de espantosa actividade. Transborda a vida. Não ha ponto em que não bróte o capim, em que não desabrochem rebentões com o olhar sofrego de quem espreita azada occasião para buscar a liberdade, despedaçando as prisões de penosa clausura.

Áquella instantanea resurreição nada, nada póde pôr peas.

Basta uma noite, para que formosa alfombra verde, verde-claro, verde-gáio, assetinado, cubra

todas as tristezas de ha pouco. Aprimoram-se depois os esforços; rompem as flôres do campo que desabotoam ás caricias da brisa as delicadas corollas e lhe entregam as primicias dos seus candidos perfumes.

Se falham essas chuvas vivificadoras, então por muitos e muitos mezes, ahi ficam aquellas campinas, devastadas pelo fogo, lugubremente illuminadas por avermelhados clarões, sem uma sombra, um sorriso, uma esperança de vida, com todas as suas opulencias e verdejantes pimpolhos occultos, como que raladas de dôr e mudo desespero por não poderem ostentar as riquezas e galas encerradas no ubertoso seio.

Nessas afflictas paragens, não mais se ouve o piar da esquiva perdiz, tão frequente antes do incendio. Só de vez em quando echôa o arrastado guincho de algum gavião, que paira lá em cima ou bordeja ao achegar-se á terra afim de agarrar um ou outro reptil chamuscado do fogo que lavrou.

Rompe tambem o silencio o grasnido do caracará, que aos pulos procura insectos e cobrinhas ou, junto ao sólo, segue o vôo dos urubús, cujos negrejantes bandos, guiados pelo fino olfacto, buscam a carniça putrefacta.

É o caracará commensal do urubú. De parceria se atira, quando urgido pela fome, á rêz morta e, intromettido como é, a custo de algumas bicadas do pouco amavel conviva, bellisca do seu lado no immundo repasto.

Se passa o caracará á vista do gavião, precipita-se este sobre elle com vôo firme, dá-lhe com a ponta da aza, atordôa-o, atormenta-o, só pelo gosto de lhe mostrar a incontestada superioridade.

Nada, com effeito, o mette em brios.

Pelo contrario, mal levou dous ou tres encontrões do miudo, mas audaz adversario, baixa prudente á terra e põe-se ahi desageitadamente aos saltos, apresentando o adunco bico ao antagonista, que com a extremidade das azas levanta pó e cinza, tão de perto as arrasta ao chão.

Afinal de cansado deixa o gavião o folguedo, segurando de um bote a serpesinha, que em custoso rasto procurava algum buraco onde fosse, mais a salvo, pensar as fundas queimaduras.

II

Taes são os campos que as chuvas não vêm regar.

Com que gosto demanda então o sertanejo os capões que lá de bem longe se avistam nas encostas das collinas e baixuras, ao redor de alguma nascente orlada de pindahybas e boritys ?!

Com que alegria saúda os formosos coqueiraes, nuncios da lympha que lhe ha de estancar a sêde e banhar o afogueado rosto ?!

Enfileiram-se ás vezes as palmeiras com singular regularidade na altura e conformação; mas não raro amontoam-se em compactos massiços, dos

quaes se segregam algumas mais e mais, a acompanharem com as raizes qualquer tenue fio d'agua, que collêa falto de forças e quasi a sumir-se na ávida arêa.

Desde longe dão na vista esses capões.

É a principio um ponto negro, depois uma cupola de verdura, afinal, mais de perto, uma ilha de luxuriante rama, um oásis para os membros lassos do viajante exhausto de fadiga, para os seus olhos encandeados e sua garganta abrasada.

E pois, com sofreguidão natural acolhe-se elle ao sombreado retiro, onde prestes desarreia a cavalgadura, á qual dá liberdade para ir pastar, entregando-se sem demora ao somno reparador que lhe trará novo alento para proseguir na cansativa jornada.

Ao homem do sertão afiguram-se taes momentos incomparaveis, acima de tudo quanto possa idear a imaginação no mais vasto circulo de ambições.

Satisfeita a sêde que lhe seccára as fauces, e comidas umas colheres de farinha de mandióca ou de milho adoçada com rapadura, estira-se a fio comprido sobre os arreios desdobrados e contempla descuidoso o céo azul, as nuvens que se espaciam nos ares, a folhagem lustrosa e os troncos brancos das pindahybas, a copa dos ipês e as palmas dos boritys a ciciarem, a modo de harpas eólias, musicas sem conto com o perpassar da brisa.

Como são bellas aquellas palmeiras!

O estipite liso, pardacento, sem manchas mais que ponctuadas estrias, sustenta denso feixe de peciolos longos e canulados, em que assentam flabellas abertas como um leque, cujas pontas se acurvam flexiveis e tremulantes.

Na base e em torno da coma, pendem, amparados por largos spathos, densos cachos de côcos tão duros, que a casca revestida de escamas rhomboidaes e de um amarello avermelhado desafia por algum tempo o férreo bico das aráras.

Tambem com que vigor trabalham as barulhentas aves antes de conseguirem a appetecida e saborosa amendoa! Em grupos ajuntam-se ellas, umas vermelhas como chispas soltas de intensa labaréda, outras versicolores, outras pelo contrario de todo azues, de maior viso e que, por parecerem negras em distancia, têm o nome de araraúnas. (1) Alli ficam alcandoradas, balouçando-se gravemente e atirando, de espaço a espaço, aos ares immensos das dilatadas campinas notas estridentes, quando não seja um clamor sem fim, ao quererem muitas disputar o mesmo cacho. Quasi sempre, porém estão a namorar-se aos pares, pousadas uma bem encostadinha á outra.

Vê tudo aquillo o sertanejo com olhar carregado de somno. Cahem-lhe pesadas as palpebras; bem se lembra de que por alli podem rastejar venenosas alimarias, mas é fatalista; confia no des-

(1) Araras pretas.

tino e, sem mais preoccupação, adormece com serenidade.

Correm as horas: vem o sol descambando; refresca a brisa, e sopra rijo o vento. Não ciciam mais os borityś; gemem, e convulsamente se agitam as flabelladas palmas.

É a tarde que chega.

Desperta então o viajante; esfrega os olhos; distende preguiçosamente os braços; boceja; bebe uma pouca d'agua; fica uns instantes sentado, a olhar de um lado para o outro e corre afinal a buscar o animal, que de prompto ensilha e cavalga.

Uma vez montado, lá vai elle a passo ou a trote, bem disposto de corpo e de espirito, por aquelles caminhos além, em demanda de qualquer pouso onde pernoite.

Quanta melancolia baixa á terra com o cahir da tarde!

Parece que a solidão alarga os seus limites para se tornar acabrunhadora. Ennegrece o sólo; formam os matagaes sombrios massiços, e ao longe se desdobra tenue véo de um rôxo uniforme e desmaiado, no qual, como linhas a meio apagadas, resaltam os troncos de uma ou outra palmeira mais alterosa.

É a hora, em que se aperta de inexplicavel receio o coração. Qualquer ruido nos causa sobresalto; ora o grito afflicto da zabelé nas mattas, ora as plangentes notas do bacuráo a cruzar os ares. Fre-

quente é tambem amiudarem-se os pios angustiados de alguma perdiz, chamando ao ninho o companheiro extraviado, antes que a escuridão de todo lhe impossibilite a volta.

Quem viaja attento ás impressões intimas, estremece máu grado seu ao ouvir, nesse momento de saudades, o tanger de um sino muito, muito ao longe ou o silvar distante de uma locomotiva impossivel. São insectos occultos na macéga que trazem essa illusão, por tal modo viva e perfeita que a imaginação, embora desabusada e prevenida, ergue o vôo e lá vai por estes mundos fóra a doudejar e a crear mil fantasias.

III

Espalham-se, por fim, as sombras da noite.

O sertanejo que de nada cuidou, que não ouvio as harmonias da tarde, nem reparou nos esplendores do céo, que não viu a tristeza a pairar sobre a terra, que de nada se arreceia, consubstanciado como está com a solidão, pára, relanceia os olhos ao derredor de si e, se no lugar presentir alguma aguada, por má que seja, apeia-se, desensilha o cavallo e, reunindo logo uns gravetos bem seccos, tira fogo do isqueiro, mais por distracção do que por necessidade.

Sente-se devéras feliz. Nada lhe perturba a paz do espirito ou o bem estar do corpo. Nem

sequer monologa, como qualquer homem acostumado a conversar.

Raros são os seus pensamentos: ou rememora as leguas que andou, ou computa as que tem que vencer para chegar ao término da viagem.

No dia seguinte, quando aos clarões da aurora acorda toda aquella esplendida natureza, recomeça elle a caminhar, como na vespera, como sempre.

Nada lhe parece mudado no firmamento: as nuvens de si para si são as mesmas. Dá-lhe o sol, quando muito, os pontos cardeaes, e a terra só lhe prende a attenção, quando algum signal mais particular póde servir-lhe de marco milliario na estrada que vai trilhando.

— Bom! exclama em voz alta e alegre ao avistar algum madeiro agigantado ou uma disposição especial de terras, lá está a péuva grande... Cheguei ao Barranco alto. Até ao pouso do Jacaré ha quatro leguas bem puxadas.

E, olhando para o sol, conclue:

— D'aqui a tres horas estou batendo fogo.

Occasiões ha em que o sertanejo dá para assoviar. Cantar, é raro; ainda assim, á surdina; mais uma voz intima, um rumorejar comsigo, do que notas sahidas do robusto peito. Responder ao pio das perdizes ou ao chamado agoniado da esquiva jaó, é o seu divertimento em dias de bom humor.

É-lhe indifferente o urro da onça. Só por de-

mais repára nas muitas pégádas, que em todos os sentidos cortam a estrada.

— Que bichão! murmura elle contemplando um rasto mais fortemente impresso no chão ; com um bom onceiro (1) não se me dava de acuar este diabo e metter-lhe uma chumbada no focinho.

O letigitimo sertanejo, explorador dos desertos, não tem em geral familia. Em quanto moço, seu fim unico é devassar terras, pisar campos onde ninguem antes puzéra pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras (2) e furar mattas, que descobridor algum até então varára.

Cresce-lhe o orgulho na razão da extensão e importancia das viagens emprehendidas ; e seu maior gosto cifra-se em enumerar as correntes caudaes que transpoz, os ribeirões que baptisou, as serras que trasmontou e os pantanáes que afoutamente cortou, quando não levou dias e dias a rodeal-os com rara paciencia.

Cada anno que finda traz-lhe mais um valioso conhecimento e accrescenta uma pedra ao monumento da sua innocente vaidade.

— Ninguem póde commigo, exclama elle emphaticamente. Nos campos da Vaccaria, no sertão do Mimoso e nos *pantános* (3) do Pequiry, sou rei.

E esta presumpção de realeza infunde-lhe certo

(1) Cão caçador de onças.

(2) Despontar cabeceiras é rodear as nascentes dos rios, procurando sempre terreno enxuto.

(3) No interior pronuncia-se a palavra grave e não esdruxula, mais conforme assim com a etymologia.

modo de fallar e de gesticular magestatico em sua singela manifestação.

A certeza que tem de que nunca poderá perder-se na vastidão, como que o liberta da obsessão do desconhecido, o exalta e lhe dá fóros de infallibilidade.

Se estende o braço, aponta com segurança no espaço e declara peremptoriamente:

— N'este rumo daqui a 20 leguas, fica o espigão mestre de uma serra *braba*, depois um rio grosso: dalli a cinco leguas outro matto sujo que vai findar n'um brejal. Se *vassuncê* frechar direitinho assim umas duas horas, tópa com o pouso do Tatú, no caminho que vai a Cuyabá.

O que faz n'uma direcção, com a mesma imperturbavel serenidade e firmeza indica em qualquer outra.

A unica interrupção que aos outros consente, quando conta os innumeros descobrimentos, é a da admiração. Á minima suspeita de duvida ou pouco caso, incendem-se-lhe de colera as faces e no gesto denuncia indignação.

— *Vassuncê* não *credita!* protesta então com calor. Pois ensilhe o seu *bicho* e caminhe como eu lhe disser. Mas *assumpte* (1) bem, que no terceiro dia de viagem ficará decidido quem é *cavoqueiro* (2) e *embromador* (3). Uma cousa é

(1) Ver o assumpto, observar, attender.

(2) Cavoqueiro é qualificativo empregado para exprimir qualquer qualidade má.

(3) Enganador.

mapiar (1) á tôa, outra andar com tento por estes mundos de Christo.

Quando o sertanejo vai ficando velho, quando sente os membros cansados e entorpecidos, os olhos já ennevoados pela idade, os braços frôxos para manejar a machadinha que lhe dá o substancial palmito ou o saboroso mel de abelhas, procura então quem o queira para esposo, alguma viuva ou parenta chegada, fórma casa e escola, e prepara os filhos e enteados para a vida aventureira e livre que tantos gozos lhe déra outr'ora.

Esses discipulos, aguçada a curiosidade com as repetidas e animadas descripções das grandes scenas da natureza, n'um bello dia desertam da casa paterna, espalham-se por ahi além, e uns nos confins do Paraná, outros nas brenhas de S. Paulo, nas planuras de Goyaz ou nas bocainas de Matto-Grosso, por toda a parte emfim onde haja deserto, vão pôr em activa pratica tudo quanto souberam tão bem ouvir, relembrando as façanhas do seu respeitado mestre e progenitor.

(1) Termo peculiar aos sertões de Matto-Grosso—quer dizer parolar, tagarellar.

CAPITULO II

O VIAJANTE

> Proprio de espirito sorumbatico, é andar sempre calado: tagarellar é o encanto e a alma da vida.
>
> LA-CHAUSSÉE.

> Commigo, respondeu Sancho, meu primeiro movimento é logo tal comichão de fallar que não posso deixar de desembuxar o que me vem á boca.
>
> CERVANTES.— *D. Quixote.*

O dia 15 de Julho de 1860 era dia alegre, sereno e fresco, como costumam ser os chamados de inverno no interior do Brazil.

Ia o sol alto em seu percurso, illuminando com raios não muito ardentes para regiões intertropicaes a estrada, cujo aspecto ha pouco tentámos descrever e que da villa de Sant'Anna do Paranahyba vai ter aos campos de Camapoan.

Á essa hora, um viajante, montado n'uma boa besta tordilho-queimada, gorda e marchadeira, seguia aquella estrada. Sua physionomia e maneiras de trajar denunciavam de prompto que não era

homem de lida fadigosa e commum ou algum fazendeiro daquellas cercanias que voltasse para a casa. Trazia á cabeça um chapéo do Chile com abas largas e cingido de larga fita preta, sobre os hombros um ponche-pala de variegadas côres, e calçava botas de couro da Russia bem feitas e em bom estado de conservação.

Tinha quando muito vinte e cinco annos, presença agradavel, olhos negros e bem rasgados, barba e cabellos cortados quasi á escovinha e ar tão intelligente quanto decidido.

Na mão empunhava uma comprida vara que de pouco cortára, e com que ia distrahidamente fustigando o ar ou batendo em ramos de arvores que se dobravam ao alcance do braço.

Vinha só e, no momento em que damos começo a esta singela historia, achava-se no bonito trecho de caminho que medeia entre a casa de Albino Lata e a do Leal, a sete boas leguas da sezonatica e decadente villa de Sant'Anna do Paranahyba.

Nesta porção de estrada, ensombrada pelas arvores de vistoso cerrado, o leito, ainda que já bastante arenoso, é firme e parece mais aléa de bem tratado jardim, do que caminho de tropas e carreiadores.

Ainda augmenta os encantos daquelle lance a innumera quantidade de rôlas caboclas a brincar na areia e de pombas de cascavel, cujo bater de azas produz um arruido tão caracteristico e singular.

O nosso viajante, se caminhava distrahido e meio pensativo, não parecia, comtudo, de genio sombrio ou pouco divertido.

Muito ao contrario, sacudia ás vezes o torpôr em que vinha e entrava a cantarolar, ou assoviar, esporeando a valente cavalgadura, que na marcha que tomava ia abanando alternadamente as orelhas com o movimento cadencial da cabeça.

N'uma dessas reacções contra alguma preoccupação, disse em voz alta, puxando por um relogio de prata, seguro em corrente do mesmo metal:

— Ás duas horas pretendo sestear no paiol do Leal. Falta pouco para o meio dia, e tenho tempo diante de mim a botar fóra...

Moderou, pois, a andadura que levava o animal e mais activamente entrou a bater nos galhos das arvores, bocejando de aborrecimento.

Tambem pouco tempo caminhou só, por isto que em breve ao seu lado emparelhou outro viajante; este escanchado n'um cavallinho feio e zambro, mas muito forte, o qual, coberto como estava de suor, mostrava ter vindo quasi a galope.

Homem já de alguma idade, o recem-chegado era gordo, de compleição sanguinea, rosto expressivo e franco. Trajava á mineira e parecia, como realmente era, morador daquellas localidades.

— Olá, patricio, exclamou elle conchegando a cavalgadura á da pessoa a quem interpellava, então se vai botando para Camapoan?

Olhou o nosso cavalleiro com desconfiança e

sobranceria para quem o interrogava tão sem ceremonia e meio-enviezado respondeu:

— Talvez sim... talvez não... Mas a que vem a pergunta?

— Ah! desculpe-me, replicou o outro rindo-se, nem sequer o saudei... Sou mesmo um estabanado... Deus esteja comvosco. Isto sempre me acontece... Minha lingua fica ás vezes tão douda que se põe logo a bater-me nos dentes... que é um Deus nos acuda e... não ha que avisar: agua vai! Olhe, por vezes já me tem vindo damno, mas que quer? É sestro antigo... Não que eu seja malcriado, Deus de tal me defenda, *abrenuncio;* mas péga-me tal comichão de fallar que vou logo, sem tir-te, nem guar-te, dando á taraméla...

A volubilidade com que foram ditas estas palavras causou certo espanto ao mancebo e o levou a novamente encarar o inopinado companheiro, desta feita com mais demora e ar menos altivo.

Notou então a physionomia alegre e bonachã do tagarélla e com ar de sympathia correspondeu ao communicativo sorriso daquelle que á força queria travar conversação.

— Pelo que vejo, disse elle, o Sr. gosta de prosear.

— Ora se! retrucou o mineiro. Nestes sertões só sinto a falta de uma cousa: é de um christão com quem de vez em quando dê uns dedos de *parola*. Isto sim, por aqui é *vasqueiro*. Tudo anda tão calado!... uma verdadeira caipiragem!... Eu,

não. Sou das Geraes (1) ; nasci no Parahybuna, conheci no meu tempo pessoas de muita educação, gente mesma de *truz* e fui criado na Matta do Rio como homem e não como bicho do *monte* (2).

— Ah ! o senhor é de Minas?

— Geraes, se me faz favor. Baptizei-me em Vassouras, mas sou mineiro da gemma. Andei séca e méca antes de vir deitar poita neste *paiz*. Isto já faz muito tempo, pois tambem vou sendo velho. Ha mais de quarenta annos pelo menos que sahi da casa dos meus pais...

E interrompendo o que dizia, perguntou :

— O senhor é tambem de Minas?

— Nhôr-não, respondeu o outro. Sou caipira de S. Paulo : nasci na villa da Casa Branca, mas fui criado em Ouro-Preto.

— Ah ! na cidade Imperial?... (3)

— Lá mesmo.

— Então é quasi de casa, replicou o mineiro rindo-se ruidosamente. Ora, quem diria ! Por isto me batia a passarinha, quando vi o seu rasto fresco na arêa. Ahi vai, disse eu por vezes com os meus botões, um sujeitinho que não tem pressa de pousar. Tambem tocando o meu *canivete*, tratei de agarral-o para não fazer a viagem a olhar para o céo e a banzar. Acha que obrei mal?

— Não, senhor, protestou o moço com affabi-

(1) De Minas Geraes.
(2) Matto.
(3) É o titulo honorifico que tem a capital de Minas Geraes.

lidade. Muito lhe agradeço a intenção. Assim alcançarei sem cansaço o Leal, onde pretendo dar hoje com os ossos.

— Oh! exclamou o outro todo expansivo, a caminhada é a mesma. Pois, meu rico senhor, eu móro a meia legua do Leal, torcendo á esquerda, e se vosmêce não tem compromissos lá com o homem, far-me-ha muito favor agasalhando-se a tecto de quem é pobre, mas amigo de servir. Minha tapera (1) é pouco retirada do caminho, e quem vem montado como o senhor não tem que andar contando bocadinhos de leguas.

Convite tão espontaneo e amavel não podia deixar de ser bem aceito, sobretudo naquellas alturas, e trouxe logo entre os dous caminhantes a familiaridade que tão depressa se estabelece em viagem.

— Com toda a satisfação irei parar na sua casa, retrucou o joven. Nunca vi o Leal, pois agora é a primeira vez que cruzo este sertão, e ando de pouso em pouso, pedindo um cantinho de paiol ou de rancho para passar a noite com os meus camaradas.

— Traz então tropa?

— Tropa não; apenas dous bagageiros que vem com as minhas cargas e uma besta á *dextra*.

— Olá! o amigo viaja á fidalga, observou o mineiro com gesto folgazão.

---

(1) Casa velha e abandonada.

— Qual!... Bastantes privações tenho já curtido.

— De certo não as sentirá em nossa casa todo o tempo que lá quizer ficar. Não encontrará *luxarias* (1) nem cousas da capital, unicamente o que se póde ter nestes *mundos* (2) : quatro paredes de páo a pique mal rebocadas, uma cama de vento, bom feijão a fartar, hervas á mineira, arroz de papa, farinha de milho torradinha, café com rapadura e talvez até um lombo fresco de porco.

— Olá! exclamou o moço rindo-se com expansão, vou passar vida de capitão-mór. Não queria tanto, bastava-me...

— O que sobretudo desejo é que tenha commigo o coração na boca. Se não gostar do passadio, vá logo *desembuxando*. Na minha rancharia pousa pouca gente, porque fica para dentro da estrada... assim, talvez lhe falte alguma cousa ; em todo o caso farei pelo melhor...

Depois de breve pausa, continuou :

— *Mas porém* creio que já é occasião, agora que nos conhecemos como dous amigos do tempo do Rojão, saber com quem lidamos. Eu, quanto a mim, me chamo Martinho dos Santos Pereira e minha historia lhe conto em duas palhetadas... Sua graça, ainda que mal pergunte?

— Cyrino Ferreira de Campos, respondeu o outro viajante, um criado para o servir.

---

(1) Superfluidades de luxo.
(2) Lugares.

— Obrigado, agradeceu Pereira inclinando-se cortezmente e levando a mão ao chapéo. Como lhe disse ha pouco, minha historia é historia de entrar por uma porta e sahir por outra. Minha gente não é de má raça, pelo contrario; meu pai, que Deus lhe dê a gloria, possuia alguma cousa de seu e deixou aos seus muitos filhos um nome limpo e respeitado. Cada qual de nós — eramos sete — tomou o seu rumo. Quanto a mim, casei muito mocinho e fui morar na Diamantina, onde abri casa de negocio. Depois de alguns annos, uns bons, outros *caipóras*, morreu minha dona e mudei-me, a principio para Piumhy e mais tarde para Uberaba. A vida começou a desandar-me de todo, e fiz logo o calculo: estar tão longe, antes estar no matto de uma boa feita. Vendi minha lojinha de ferragens e internei-me até cá com tres escravos. Ha doze annos que moro nestes *socavões* (1) e, palavra de honra, até ao presente não me tenho arrependido. Na minha *situação* ha fartura, e, louvado seja! nunca passei necessidades... Não posso por isto queixar-me sem ingratidão. Deus Nosso Senhor Jesus Christo tem olhado para mim, e me julgo bem amparado, sobretudo quando me lembro do *despotismo* (2) de miserias, que vai por estas terras afóra... Cruzes! nem fallar n'isto é bom... Diga-me porém uma cousa: vosmecê para onde se atira?

— Homem, Snr. Pereira, não tenho destino certo.

(1) Buracos, lugares retirados,
(2) Grande quantidade.

— Devéras? Então está caminhando á tôa?

— Ponho-lhe já tudo em pratos limpos. Ando por estes *fundões* (1) curando maleitas e feridas *brabas*.

— Ah! exclamou Pereira com manifesto contentamento, vosmecê é doutor, não é? Physico, como chamavam os nossos do tempo de dantes.

— É facto, confirmou Cyrino com alguma satisfação.

— Ora, pois, muito que bem, cahe-me a sôpa no mel; sim, senhor, vem mesmo ao pintar.

— Porque?

— Daqui a pouco saberá... Mas, diga-me ainda... Onde é que vosmecê leu nos livros, aprendeu suas historias e bruxarias? Na côrte do Imperio?

— Não, respondeu Cyrino, primeiro no collegio do Caraça; depois fui para Ouro-Preto, onde tirei carta de pharmacia.

E acrescentou com infatuação:

— Desde então tenho batido todo o poente de Minas e feito curas que é um milagre.

— Ah! a *sabença* é cousa boa... Eu tambem tinha geito para saber mais do que lêr e escrever, isto mesmo *malmente;* mas quem nasceu para carreiro, vira, mexe, larga e péga, sempre acaba junto ao carro. Com o que, então, vosmecê entende de curar?...

— Entendo, affirmou Cyrino sem o menor constrangimento.

(1) Sitios distantes, ermos.

— Pois cahio-me muito ao geito na mão; sim, senhor. Estou com uma menina doente de maleitas, minha filha, e por essa causa tinha ido a Sant'Anna buscar quina do commercio; mas lá não havia da maldita e voltava bem triste. Ora...

— Trago, interrompeu o outro, muito remedio nas minhas malas. Para sezões, tenho uma composição infallivel...

— Já se sabe; entra cousa de quina. Devéras é santa mézinha. A pequena tomou a do campo; mas essa pouco *talento* (1) tem, de maneira que a sezão não lhe deixou o corpo.

— Ha quantos dias appareceu o tremor de frio? perguntou o intitulado doutor.

— Faz hoje se não me engano, dez dias. Até agora era uma rapariga *forçuda*, sadia e rosada como um jambo: nem sei até como lhe entrou a maleita no corpo. Ninguem póde fiar-se na tal villa de Sant'Anna; é uma peste de febres. Eu bem a não queria levar até lá; mas ella pedio tanto que consenti: demais como era para ver a madrinha, uma boa senhora, de muita *circumstancia* (2), a mulher do major Mello Taques... Não conhece?

— Pois não.

— E dá-se com o major? perguntou Pereira para abrir novo campo á sua garrulice.

— Quando pousei na villa, estive com elle.

— E não gostou? Aquillo sim é que é homem

(1) Força, valentia. É sempre tomado no sentido material.
(2) Importancia.

ás direitas. Tambem é páo para toda obra na Senhora Sant'Anna e o *tutú* (1) de lá. Em querendo taramelar um pouco mais a meu gosto, busco o compadre. Isto arma logo uma conversa que me dá um fartão... E depois, pessoa de muitas lettras... Escreve ao governo; é juiz de paz, major reformado, serve de juiz municipal, já fez a campanha dos Farrapos lá no Rio Grande do Sul para as bandas dos castelhanos e merece muita estimação. Mora n'uma casa de *andar* (2) e tem loja muito sortida, por signal que bem baratinha para a distancia. E as historias que conta? Hen? É um nunca acabar. O homem parece que sabe o Imperio de cór e salteado! Nem o vigario! Olhe, Sr. Cyrino, vou dizer-lhe uma cousa, que talvez lhe pareça *embromação*: ás vezes dou um pulo até á villa só para bater lingua com o major, porque com esta gente daqui não se tira partido; *escurraçada* e arisca que é um Deus nos acuda! Então, como lhe ia contando, galopeio até lá, e pégo n'uma *mapiagem* (3) que me enche as medidas. Não ha...

— Gabo-lhe a paxorra, atalhou Cyrino. Mas, diga-me, Sr. Pereira; farei por aqui algum negocio?

— Homem, conforme. Gente doente é *matto* (4);

---

(1) *Tutú*, isto é, a pessoa de mais consideração e que tudo póde. Pereira falla do major Martinho de Mello Taques, o qual mora com effeito na villa de Sant'Anna do Paranahyba e goza de merecida influencia.

(2) Sobrado.

(3) Conversação.

(4) Quer dizer: ha abundancia.

mas tambem *mofina* (1) como ella só. Meio arredado da minha casa, fica o Coelho que está morre não morre ha muitos annos, e é homem de boas patacas. Este, se vosmecê o curar, talvez cáia com os cobres. Tudo o mais é uma *récula* de gente mais ou menos.

— Vosmecê traz bastante quina do commercio? perguntou em seguida.

— Trago, respondeu Cyrino, mas é cara.

— Que é cara, bem sei. Pois é quanto basta, porque no fundo aqui tudo são sezões.

Começou então o bom do Sr. Pereira a desenrolar as diversas molestias que o haviam salteado no correr da vida, raras na verdade, mas todas perigosas; e com esse thema ás ordens achou meios e modos de fallar até quasi perder o folego.

Recolheu-se o outro ao silencio e ouvio talvez preoccupado, ou em todo caso muito distrahidamente, o que lhe contava o seu novo amigo, sahindo de vez em quando da apathica attenção para instigar com a voz e o calcanhar a cavalgadura, quando parecia querer por si tomar descanso ou buscava comer os rebentões mais appetitosos de capim.

Afinal notou Pereira o tal ou qual abatimento do companheiro.

— Vosmecê a modo que está triste? disse elle. Deixou alguma cousa de seu lá por traz?

— Homem, para ser franco, respondeu Cyrino

(1) Pouco liberal. — Tambem quer dizer: ou doente ou covarde.

dando um suspiro, deixei; e essa cousa é uma divida... divida de jogo.

— Isso é máo, retrucou o mineiro fechando um tanto a cara. Por causa desse vicio e das mulheres, é que as cruzes nascem á beira das estradas. Mas é *côco* (1) grosso?

— Trezentos mil réis.

— Já é *gimbo* (2) graúdo. E com quem jogou?

— Com o Totó Siqueira, de Sant'Anna. Por isto pretendeo atrazar-me a viagem; mas prometti mandar-lhe tudo do Sucuriú por um camarada e passei-lhe um papel. No que estou pensando, é se acharei até lá meios de cumprir a palavra.

— Se lhe pagarem como devem, com certeza. Em todo caso aperte um pouco os doentes.

— Não imagina, replicou Cyrino com verdadeiro sentimento, quanto me tem amofinado essa maldita divida. Não pelo dinheiro, que delle faço pouco caso; mas por ter pegado em cartas, cousa que nunca tinha feito na minha vida; isto sim...

— Pois meu rico senhor, proseguiu Pereira, sirva-lhe esta de lição e tome tento com a gente do sertão, não com esses que moram nas suas casas muito socegados e amigos de servir, mas com viajantes, homens de tropas e carreiros. Isso sim, é uma sucia de jogadores, que andam armados de baralhos e visporas e, por dá cá aquella palha, empurram uma facada na barriga de um christão ou

(1) Dinheiro.
(2) Quantia.

descarregam uma garrucha na cabeça de um companheiro, como se fosse em melancia pôdre. Depois, o demonio do jogo, quando entra no corpo de um desgraçado, faz logo ninho e de lá pincha fóra a vergonha. Da má vida com raparigas airadas, fadistas e mulheres a tôa, ainda a gente endireita; mas com cartas e sortes, só na caldeira de Pedro Botelho é que se cuida em mudar de rumo. Quem lhe falla, teve um tio morador no Corredor, para cá de Camapoan duas leguas, que trabalhava todo o anno na terra para vir jogar até perder o ultimo *cobre* nas rancharias do Sucuriú.

Pereira, de posse de tão largo assumpto, contou mil historias, umas lugubres, outras jocosas, veridicas, inventadas na occasião ou reproduzidas.

No entretanto haviam os dous caminhado bastante. Inclinára-se no horizonte o sol, e a briza da tarde já vinha soprando do lado do poente.

— Nós, observou o mineiro, com a nossa conversa deixámos os animaes vir cochilando. Tambem já está aqui a minha estrada. Metta-se nella, Sr. Cyrino; em frente ia parar no Leal: minha fazendóla começa neste ponto á beira do caminho e vai por ahi afóra até bem longe, um mundo de alqueires de terra.

Ao dizer estas palavras, tomou elle a dianteira e dando a direita á estrada geral, enveredou por uma aberta larga e muito encoberta, que levava com voltas e tortuosidades á margem de copioso e limpido ribeirão.

Os animaes, ao perceberem o bater da agua, apertaram o passo e, entrando na corrente quasi até aos peitos, estiraram o pescoço e puzeram-se a beber ruidosamente, avançando aos poucos de encontro ao fio caudal, para buscarem o que houvesse de mais puro em lympha.

— Não deixe a sua besta *empanzinar-se*, observou Pereira. Upa! continuou elle puxando pela redea do cavallo e batendo-lhe amigavelmente na pá do pescoço, upa, Canivete! Vamos matar a fome no milho!

Transposto o ribeirão, alargava-se a vereda e, depois de cortar copada matta, abria-se n'uma verdadeira estrada, que os dous cavalleiros tomaram a meio galope.

Afinal trasmontava o sol, quando, por trás de ralo matagal, surgio a ponta de um mastro de S. João, que o mineiro saudou com mostras de grande alegria, como signal precursor da querida vivenda.

Antes, porém, de n'ella penetrarmos, digamos quem era aquelle mancebo que viajava ornado do pomposo titulo de doutor e, o que mais é, revestido de autoridade para ir, a seu talante, applicando remedios e preconisando curas milagrosas.

CAPITULO III

O DOUTOR

Semeai promessas. A ninguem causam desfalque, e o mundo é rico de palavras. A esperança, quando outros n'ella crêem, faz ganhar muito tempo.

OVIDIO.

Ao morreres, dota a algum collegio ou a teu gato.

POPE.

Sganarello — De toda parte vem gente procurar-me, e se as cousas continuarem assim, sou de parecer que de uma vez devo dedicar-me á medicina. Acho que de todos os officios é este o preferivel, por que, ou se faça bem, ou mal, sempre no fim ha dinheiro.

MOLIÈRE.—*O medico á força*

NASCÊRA Cyrino de Campos, como disséra a Pereira, na provincia de S. Paulo, na socegada e bonita villa da Casa Branca, a qual demora umas 50 leguas do littoral. Filho de um vendedor de drogas, que se intitulava boticario e a esse officio accumulava o importante cargo de administrador do correio, crescêra debaixo das vistas paternas até á idade de doze annos, completos os

quaes fôra enviado, em tempos de festas e a titulo de recordação saudosa, a um velho tio e padrinho, morador na cidade de Ouro Preto, em Minas Geraes.

Este parente, solteirão, de genio rabugento, misanthropo, e dado ás praticas da mais extrema carolice, recebeu o pequeno com máo modo e manifesto descontentamento, tanto mais quanto a presença de um estranho vinha interromper os habitos de completa solidão a que se acostumára desde longos annos.

Era homem que trajava ainda á moda antiga, usando de sapatos de fivela, calções de braguilha, e cabelleira empoada com o competente rabicho.

Sua reputação de pessoa abastada era, em toda a cidade de Ouro Preto, tão bem firmada quanto a de refinado sovina, chegando a voz publica a affirmar que o seu dinheiro, e não pouco, estava todo enterrado em numerosos buracos no chão da alcova de dormir.

— Meu amigalhóte, disse o tal padrinho para Cyrino poucos dias depois da chegada, fique sabendo que por qualquer cousinha sacudo-lhe a poeira do corpo. Dê-se por avisado, e ande direitinho que nem um fuso.

O menino, transido de medo, passou a tarde a chorar n'um canto sombrio da casa, onde relembrou, até lhe vir o somno, a alegre vida de outr'ora, os folguedos que fazia com os camaradas na viçosa relva do Cruzeiro á entrada da villa da Casa Branca e sobretudo os carinhos da saudosa mamãe.

Em seguida áquella admoestação preventiva, fôra o tio á casa de uns padres que tinham influencia na direcção do collegio do Caraça e com elles arranjára a admissão do afilhado n'aquelle estabelecimento de instrucção clerical.

Como finorio que era, conseguiu este resultado sem muita difficuldade, pagando-o, a juros compostos, com tentadoras promessas.

— Por ora, resmoneou elle, nada poderei fazer pela educação do rapaz; mas... emfim... um dia... estou já velho, e tratarei de mostrar que não me esqueci dos bons padres que tanto me ajudam.

Farejaram logo os clerigos quantioso legado, e, lançada assim a eventualidade de uma verba testamentaria, ficou decidida a entrada de Cyrino na casa collegial.

O presentimento da falta de protecção natural torna as crianças doceis e resignadas. Tambem não tugiu, nem mugiu o caipirasinha ao penetrar no internato em que devia passar tristonhamente os melhores annos da sua adolescencia a mastigar latim, gaguejar Telemaco e entoar dia e noite, e em falsete, uns trechos de cantochão.

Optimo negocio fizéra incontestavelmente o velho tio. Ia tão sómente desembolsando boas palavras e, por estar agarrado á vida, chegou até a levar ao cemiterio dous dos padres que tanto se haviam prendido ás esperanças de valiosa recordação.

Afinal, como tinha por seu turno que pagar o tributo universal, um bello dia morreu quando menos

se esperava, deixando muito recommendado um seu testamento, que foi com effeito aberto com sofreguidão digna de melhor exito.

Testamento havia, força é confessar; não já testamento, mas extenso arrazoado todo da lettra do velho; barras de ouro, porém, ou massos de notas, nem sombra.

Esfuracou-se a casa de alto a baixo; levantaram-se os soalhos; escutaram-se todas as paredes; quebraram-se os moveis; nada appareceu, nada denunciou escondrijo de riquezas, nem cousa que com isso se avizinhasse.

Descobriu-se então que aquelle carola fôra um pensador desabusado, antigo admirador de Xavier, o Tira-Dentes, que nunca tivéra vintem e vivêra como philosopho, grazinando lá comsigo mesmo de tudo e de todos.

Era o seu testamento uma gargalhada, meio de gosto, meio de ironia, atirada de além tumulo e corroborada pelo legado sarcastico que, em pomposo codicillo, fazia aos padres do Caraça da sua bibliotheca «afim, dizia elle, de ajudar a educação dos mancebos e auxiliar as boas intenções dos seus honrados e virtuosos directores.»

Procuraram-se os taes livros, e topou-se com um bahú cheio de obras, em parte devoradas pelo cupim e que, por ordem clerical, foram in-continente e no meio de gritos de indignação e santo horror entregues ás chammas de um grande auto de fé. Eram as Ruinas de Volney, o Homem da Natu

reza, as poesias eroticas de Bocage, o Diccionario philosophico de Voltaire, o Citador de Pigault-Lebrun, a Guerra dos Deuses de Parny, os romances do Marquez de Sade e outras producções de igual alcance e quilate, algumas até em francez, mas annotadas por leitor assiduo e mais ou menos convencido.

A consequencia desse pesado gracejo posthumo, que destruia de raiz o conceito de uma vida inteira, foi a immediata exclusão de Cyrino do collegio do Caraça.

Tinha então dezoito annos e, como era vivo, conseguiu, apezar da natural pécha que lhe atirava o parentesco com o estrambotico e defunto protector, ir servir de caixeiro n'uma botica manhosa, onde entre drogas e receituarios lhe foram voltando os habitos da casa paterna.

Leve era o trabalho, e o aviamento de prescripções tão lento que os ingredientes pharmaceuticos ficavam mezes inteiros nos embaçados e esborcinados frascos á espera de que alguem se lembrasse de tiral-os daquelle bolorento esquecimento.

Em localidade pequena, de simples boticario a medico não ha mais que um passo. Cyrino pois foi aos poucos e com o tempo creando tal ou qual pratica de receitar e, agarrando-se a um Chernoviz, já ceboso de tanto uso, entrou a percorrer, com alguns medicamentos no bolso e na mala da garupa, as vizinhanças da cidade á procura de quem se utilisasse dos seus serviços.

Nessas curtas digressões principiou a receber o tratamento de doutor. Então para melhor o firmar, depois de se ter despedido da botica em que servia, matriculou-se na escola de pharmacia de Ouro Preto com a intenção de tirar a carta de boticario, que o presidente da provincia de Minas Geraes tem o privilegio de conferir, dispensando documentos de qualquer faculdade reconhecida.

Antes, porém, de conseguir a posse d'aquelle lisonjeiro documento, fez-se Cyrino, n'um dia de capricho, de partida decidida e começou então a viajar pelos sertões povoados a medicar, sangrar e retalhar, unindo a alguns conhecimentos de valor positivo outros que a experiencia lhe ia indicando ou que a voz do povo e a superstição lhe ministravam.

Toda a sua sciencia assentava alicerces no tal Chernoviz. Tambem era o inseparavel *vade-mecum;* seu livro de ouro ; Homero á cabeceira de Alexandre. Noite e dia o manuseava ; noite e dia o consultava á sombra das arvores ou junto ao leito dos enfermos.

Contém Chernoviz, dizem os entendidos, muitos erros, muita lacuna, muita cousa inutil e até disparatada ; entretanto no interior do Brasil é obra que incontestavelmente presta bons serviços, e cujas indicações têm força de evangelho.

Conhecia Cyrino o seu exemplar de cór e salteado ; abria-o com segurança nos trechos que desejava consultar e graças a elle formára um fundo

de instrucção real e até certo ponto exacta, a que unira o estudo natural das utilissimas e ainda pouco aproveitadas hervinhas do campo.

Afim de augmentar os seus recursos em materia medica vegetal, foi a pouco e pouco dilatando as excursões fóra das cidades, para as quaes voltava, quando se via falto de medicamentos ou quando, digamol-o sem rebuço, queria gastar nos prazeres e folias o dinheiro que ajuntára com a clinica do sertão.

Afinal, afeito a habitos de completa liberdade, resolvêra emprehender viagem para Camapoan e sul da provincia de Matto Grosso, não só com o intuito de estender o raio das operações, como levado do desejo de vêr terras novas e longinquas.

Curandeiro, simples curandeiro, ia por toda a parte grangeando o tratamento de doutor, que gradualmente lhe foi parecendo, a si proprio, titulo inherente á sua pessoa e a que tinha incontestavel direito.

Bem formado era o coração daquelle moço, sua alma elevada e incapaz de pensamentos menos dignos ; entretanto no intimo do seu caracter se haviam insensivelmente enraizado certos habitos de orgulho, repassado de tal ou qual charlatanismo, oriundo não só da flagrante insufficiencia scientifica, como da roda em que sempre vivêra.

Afastava-se em todo caso, ainda assim com os seus defeitos, do commum dos medicos ambulantes do sertão, typos que se encontram frequentemente

naquellas paragens, eivados de todos os attributos da mais crassa ignorancia, mas rodeados de regalias completamente excepcionaes.

Por toda parte entra, com effeito, o doutor; penetra no interior das familias, verdadeiros gynecêos; tem o melhor lugar á mesa dos hospedes, a cama mais macia: é emfim, um personagem cahido do céo, e junto ao qual acodem logo, de muitas leguas em torno, não já enfermos, mas fanatisados crentes, que durante largos annos se haviam medicado ou por conselhos de vizinhos ou por suas proprias inspirações e que na chegada desses Messias depositam todas as ardentes esperanças do almejado restabelecimento.

CAPITULO IV

A CASA DO MINEIRO

Está a ceia na mesa. Torne o bom acolhimento desculpavel o máo passadio.

WALTER-SCOTT — *Ivanhoe.*

QUANDO assomaram os dous viajantes á entrada do terreiro que rodeava a vivenda de Pereira, sahiram-lhes ao encontro quatro ou cinco cães altos e magros, que aos pulos saudaram o dono da casa com uma cainçada de alegria.

Puzeram-se algumas gallinhas a correr atarantadas, ao passo que dous gallos, já empoleirados na cumieira da morada, bradavam novidade e uns porcos e bacorinhos aqui e acolá se erguiam de entre palhas de milho e estremunhados olhavam para os recem-chegados com olhos pequenos e cheios de somno.

Do interior da habitação, não tardou a sahir uma preta idosa, mal vestida, trazendo atado á cabeça um lenço branco de algodão, cujas pontas pendiam até ao meio das costas.

— Olá, Maria Conga, perguntou Pereira, que ha de novo por cá?

— A benção, meu senhor, pediu a escrava chegando-se com alguma lentidão.

— Deus te faça santa, respondeu o mineiro. Como vai a menina? *Nocencia?*

— Nhã está com *sezão*.

— Isto sei eu, rapariga de Christo; mas como passou ella de tresantontem para cá?

— Todo o dia, vindo a hora, nhã bate o queixo, nhôr-sim.

— Está bem... É que o mal ainda não abrandou... Daqui a pouco, veremos. E a *janta?*... Está prompta? Venho varado de fome. Que diz, Sr. Cyrino? indagou elle voltando-se para o companheiro.

— Não se me dava tambem de comer alguma cousa. Temos razão para...

— Pois então, interrompeu Pereira, ponha pé no chão e pise forte, que o terreno é nosso. Minha casa, já lh'o disse, é pobre, mas bastante farta e a ninguem fica fechada.

Deu logo o exemplo, e descavalgou do cavallinho zambro, o qual foi por si correndo em direcção a uma dependencia da casa com fórmas de estrebaria.

Apeou-se tambem Cyrino, mas, ao penetrar n'uma especie de alpendre de palha que ensombrava a frente toda, mostrou repentina e viva contrariedade no gesto e na physionomia.

— Ora, Sr. Pereira, exclamou elle batendo com o tacão da bota n'um sabugo de milho, só agora é que me lembro que as minhas cargas vão todas tomar caminho do Leal e aqui me deixam sem roupa, nem medicamentos. Que massada! Deviamos ter esperado na boca da sua picada.

Respondeu-lhe o mineiro todo desfeito em expansivo riso:

— Olé, pois o doutor é tão novato assim em viagens? Então pensa que lá não deixei aviso seguro á sua gente? Não se lembra de um ramo verde que puz bem no meio da estrada real?

— É verdade, confirmou Cyrino.

— E então? D'aqui a pouco a sua camaradagem está batendo o nosso rasto. Entremos, que a fome já vai apertando.

Consistia a morada de Pereira n'um casarão vasto e baixo, coberto de sapé, com uma porta larga entre duas janellas muito estreitas e mal abertas. Na parede da frente que, talvez com o peso da coberta, bojava sensivelmente fóra da vertical, grandes rachas longitudinaes mostravam a urgencia de sérias reparações em toda aquella obra feita de terra amassada e grades de páo a pique.

Ao oitão da direita existia encostado um grande paiol construido de troncos de palmeiras, por entre os quaes iam cahindo as espigas de milho, com o continuo fossar dos porquinhos, que dalli não arredavam pé.

Corrido na frente de toda a vivenda, via-se

um alpendre de palha de bority, sustentado por grossas taquaras, ligeiro appendice acrescentado por occasião de alguma passada festa, em que o numero de convidados ultrapassára os limites de abrigo da hospitaleira habitação.

Internamente era ella dividida em dous lanços: um, todo fechado, com excepção da porta por onde se entrava, e que constituia o commodo destinado aos hospedes; outro, á retaguarda, pertencia á familia, ficando portanto completamente vedado ás vistas dos estranhos e sem communicação interna com o compartimento da frente.

Era de barro compacto e soccado o chão desta sala, vendo-se n'elle signaes de que ás vezes alli se accendia fogo: pelo que estavam o sapé do fôrro e o ripamento revestidos de luzidia e tenue camada de picuman que lhes dava brilho singular, como se tudo houvéra sido jacarandá envernizado.

— Isto aqui, disse Pereira penetrando na sala e sentando-se n'uma tripeça de páo, não é meu, é de quem me procura. Poucos vêm cá de certo parar, mas emfim é sempre bom contar com elles... Minha gente mora na dependencia dos fundos.

E apontou para a parede fronteira á porta de entrada, fazendo um gesto para mostrar que a casa se estendia além.

— Sr. Pereira, disse Cyrino recostando-se a uma solida marqueza, não se incommode commigo de maneira alguma... Faça de conta que aqui não ha ninguem.

— Pois então, retorquio o mineiro, deite-se um pouco, emquanto vou lá dentro ver as novidades. A hora é mais de comer, do que de cochilar; mas espere deitadinho e a gosto, o que é sempre mais commodo do que ficar de pé ou sentado.

Não desprezou o hospede o convite. Tirou o pala, puxou as botas e, cruzando-as, fez dos canos travesseiro, em que descansou a cabeça.

Quem se colloca em posição horizontal, depois de vencidas umas estiradas leguas, adormece com certeza. Depressa veio, pois, o somno cerrar as palpebras do recem-chegado e entumecer-lhe o peito com socegada respiração.

Dormio talvez hora e meia, e mais houvéra dormido, se não fosse acordado pelo tropel de animaes que paravam e por grita de gente a pôr cargas em terra.

Assomou o Sr. Pereira á porta com ar jovial.

— Então que lhe disse eu?

— De facto; estou agora socegado.

— E o Sr. tomou uma boa *data* (1) de somno.

— *Quem sabe* (2) uma hora?

— Boa duvida, se não mais. Fiquei todo este tempo ao lado de *Nocencia*, que de frio batia o queixo, como se estivesse agora em Ouro-Preto, quando cahe geada na rua.

— Então não vai melhor?

— Qual!... Depois que o Sr. tiver comido,

(1) Quantidade, porção.
(2) Talvez.

ha de ir vêl-a. Está, pobresinha, tão desfeita que parece doente de uns dous mezes atraz.

— Felizmente, observou Cyrino com alguma infatuação, aqui estou eu para pôl-a de pé em pouco tempo.

— Deus o ouça, disse Pereira com verdadeira uncção.

— Patricios! Oh! gente! gritou elle em seguida para os dous camaradas chegados de pouco, vão mecês sestear naquelle rancho, alli. Perto ha boa agua, e lenha é o que não falta: basta estender o braço. Olhem, dêm ração de fartar aos animaes. Aproveitem o milho, emquanto ha: é a *sustancia* desses bichos. Aqui o vendo baratinho. Um *atilho* (1) por um *cobre* (2) e não são espigas chôchas, nem de grão *soboró* (3). Eh! lá! Maria Conga, vamos com isto!... *janta* na mesa!...

Foram o chamado e as indicações de Pereira cumpridos sem demora.

Appareceu a velha escrava, que estendeu em larga e mal aplainada mesa uma toalha de algodão grosseira, mas muito alva, sobre a qual derramou duas boas cuias de farinha de milho: depois, emborcou um prato fundo de louça azul, e ao lado collocou uma colher e um garfo de metal.

— Sente-se doutor, disse Pereira para Cyrino, agora não *manduco* com mecê, porque já petisquei

(1) Um atilho compõe-se de 4 espigas amarradas.
(2) Dous vintens.
(3) Soboró é o grão falhado.

lá dentro. Desculpe se não achar a comida do seu agrado.

Vinha nesse momento entrando Maria Conga com dous pratos bem cheios e fumegantes, um de feijão cavallo, outro de arroz.

— E as hervas? perguntou Pereira. Não ha?

— Nhôr-sim. Eu trago já, respondeu a preta que com effeito voltou d'ahi a pouco.

Tornou o mineiro a desculpar-se da insufficiencia e máo preparo da comida.

— Não lhe dou hoje lombo de porco; mas o promettido não cahe em esquecimento. Isto lhe posso assegurar.

— Estou muito contente com o que ha, protestou com sinceridade Cyrino.

E de facto, pelo modo por que começou a comer, repetindo amiudadas vezes dos pratos, deu evidentes mostras de que fallava inteira verdade.

— Maria, disse Pereira para a escrava que se fôra collocar a alguma distancia da mesa com os braços cruzados, *traz* agora *mel* (1) e café com *doce* (2).

Vieram a sobremesa e a chicara de café que completaram a refeição.

— Ah! exclamou Cyrino com patente satisfação estirando os braços, fiquei que nem um ovo. O feijão estava de patente. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, que me deu este bom agazalho.

(1) Melado.
(2) Rapadura de assucar.

— Amen ! respondeu Pereira.

— Agora, amigo meu, disse o moço depois de pequena pausa, estou ás suas ordens. Podemos ver a sua doentinha e aproveitar a parada da febre *para mim* (1) atalhal-a de prompto. Em taes casos não gosto de adiamentos.

Cobrio-se o rosto do mineiro de ligeira sombra: seus sobrolhos franziram-se, e vaga inquietação pairou-lhe na fronte.

— Mais tarde, disse elle com precipitação.

— Nada, meu senhor, retrucou Cyrino, quanto mais cedo, melhor. É o que lhe digo.

— Mas que pressa tem mecê? perguntou Pereira com certa desconfiança.

— Eu? respondeu o outro sem perceber a intenção, nenhuma. É mesmo para bem da moça.

Accenderam-se os olhos de Pereira de repentino brilho.

— E como sabe que a minha filha é moça? exclamou com vivacidade.

— Pois não foi o senhor mesmo quem m'o disse na *prosa* do caminho?

— Ah !... é verdade. Ella ainda não é moça... Quatorze, quinze annos, quando muito... Quinze annos e meio... Uma criança, coitadinha !...

— Emfim, replicou o moço, seja como fôr. Quando o Sr. quizer, venha procurar-me. Em-

(1) É este erro commum no interior de todo o Brasil e sobretudo na provincia de S. Paulo, onde pessoas até illustradas n'elle incorrem com frequencia.

quanto espero, remexerei nas minhas malas e tirarei alguns remedios para tel-os mais á mão.

— Muito que bem, approvou Pereira, bote os seus *trens* (1) naquelle canto e fique descansado: ninguem bolirá nelles... Quanto á minha filha... eu já venho... dou um pulo lá dentro, e... depois conversaremos.

(1) Trem na provincia de Matto Grosso é uma das palavras mais empregadas e com as mais singulares accepções. Neste caso significa objectos, cargas, etc.

CAPITULO V

AVISO PRÉVIO

Onde ha mulheres, ahi se congregam todos os males a um tempo.

MENANDRO.

Nunca é bom que um homem sensato eduque os seus filhos, de modo a desenvolver-lhes demais o espirito.

EURIPIDES — *Medéa.*

Filhos, sois para os homens o encanto da alma.

MENANDRO.

ESTAVA Cyrino fazendo o inventario da sua roupa e já começava a anoitecer, quando Pereira novamente a elle se chegou.

— Doutor, disse o mineiro, póde agora mecê entrar para vêr a pequena. Está com o pulso que nem um fio, mas não tem febre de qualidade nenhuma.

— Assim é *bem melhor* (1), respondeu Cyrino.

E arranjando precipitadamente o que havia tirado da canastra, fechou-a e pôz-se de pé.

---

(1) Locução muito usual no interior

Antes de sahir da sala, deteve Pereira ao hospede com ar de quem precisava tocar em assumpto de gravidade e ao mesmo tempo de difficil explicação.

Afinal começou meio hesitante:

— Sr. Cyrino, eu cá sou homem muito bom de genio, muito amigo de todos, muito acommodado e que tem o coração perto da boca, como vosmecê deve ter visto...

— Por certo, concordou o outro.

— Pois bem, mas... tenho um grande defeito; sou muito desconfiado. Vai o doutor entrar no interior da minha casa e... não sei, mas... eu lhe peço seja prudente e... se porte como...

— Oh, Sr. Pereira! atalhou Cyrino com animação, mas sem grande estranheza, pois conhecia o zelo com que os homens do sertão guardam da vista dos profanos os seus aposentos domesticos, gabo-me de ter sido recebido no seio de muita familia honesta e sei comportar-me como devo.

Expandio-se um tanto o rosto do mineiro.

— Vejo, disse elle com algum acanhamento, que o doutor não é nenhum *pé rapado*, mas nunca é bom facilitar... E já que não ha outro remedio, vou dizer-lhe todos os meus segredos... Não mettem vergonha a ninguem, com o favor de Deus; mas em negocios da minha casa não gosto de bater lingua... Minha filha *Nocencia* fez 18 annos pelo Natal e é rapariga que pela feição parece moça de cidade, muito ariscasinha de modos, mas bo-

nita e boa devéras... Coitada, foi criada sem mãe, e aqui nestes *fundões* (1). Tenho outro filho, este um latagão, barbado e *grosso* (2), que está trabalhando agora em porcadas para as bandas do Rio.

— Ora muito que bem, continuou Pereira cahindo aos poucos na habitual garrulice, quando vi a menina tomar corpo, tratei logo de casal-a

— Ah! é casada? perguntou Cyrino.

— Isto é, é e não é. A cousa está apalavrada. Por aqui costuma trabalhar no costeio do gado para S. Paulo um homem de mão cheia, que talvez o Sr. conheça... o Manecão Dóca...

— Não, respondeu Cyrino abanando a cabeça.

— Pois *isso* é um homem ás direitas, desemperrado e *trabucador* (3) como elle só... fura estes sertões todos e vem tangendo (4) pontas de gado que mettem medo. Tambem dizem, que tem *bichado* (5) muito e ajuntado cobre grosso, o que é possivel, porque não é gastador nem dado a mulheres. Uma feita que estava aqui de pousada... olhe, mesmo neste lugar onde estava mecê inda *agorinha*, fallei-lhe em casamento... isto é, dei-lhe uns toques... porque os pais devem tomar isso a si para bem das suas *familias* (6), não acha?

— Boa duvida, approvou Cyrino, dou-lhe toda a razão; era do seu dever.

(1) Sertões.
(2) Gordo.
(3) Trabalhador.
(4) Este elegante verbo é muito usado no interior.
(5) Feito bichas, ganho dinheiro.
(6) Filhas.

— Pois bem, o Manecão ficou *ansim* meio em duvida, mas, quando lhe mostrei a pequena, foi outra cantiga... Ah! tambem é uma menina!...

E Pereira, esquecido das suas primeiras prevenções, deu um muchôcho expressivo, apoiando a palma da mão aberta de encontro aos grossos labios.

— Agora está ella um tanto desfeita, mas quando tem saude é coradinha que nem mangaba do arêal. Tem cabellos compridos e finos como seda de paina, um nariz mimoso e uns olhos matadores... Nem parece filha de quem é...

A gabos imprudentes levava Pereira o amor paterno.

Foi o que repentinamente pensou lá comsigo, de modo que, reprimindo-se, disse com hesitação manifesta:

— Essa obrigação de casar as mulheres é o diacho!... Se não tomam estado, ficam *jururús* e *fanadinhas*... se casam, podem cahir nas mãos de algum marido malvado... E depois, as historias!... Hi, meu Deus, mulheres n'uma casa, é cousa de metter medo... São redomas de vidro que tudo póde quebrar... Emfim, minha filha, emquanto solteira, honrou o nome dos meus páes... O Manecão que se aguente, quando a tiver como sua... Com gente de saia não ha que fiar... Cruz! botam familias inteiras a perder, emquanto o demo esfrega um olho.

Esta opinião injuriosa sobre as mulheres em geral

é corrente nos nossos sertões e traz como consequencia immediata e prática, além da rigorosa clausura em que são mantidas, não só o casamento convencionado entre parentes muito chegados para filhos de menor idade, como sobretudo os numerosos crimes commettidos, mal se suspeita possibilidade de qualquer intriga amorosa entre pessoa da familia e algum estranho.

Desenvolveu Pereira todas aquellas idéas e applaudio a prudencia de tão preventivas medidas.

— Eu repito, disse elle com calor, isto de mulheres, não ha que fiar. Bem faziam os nossos do tempo antigo. As raparigas andavam direitinhas que nem um fuso... Uma piscadella de olho mais duvidosa, era logo páo... Contarão-me que hoje lá nas cidades... arrenego !... não ha menina, por pobresinha que seja, que não saiba lêr livros de lettra de fôrma e garatujar no papel... que deixe de ir a *fonçonatas* com vestidos abertos na frente como *raparigas fadistas* e que saracoteam em dansas e fallam alto e *mostram os dentes* por dá cá aquella palha com qualquer tafulo mal criado... Cruz !... Assim tambem é demais, não acha? Cá no meu modo de pensar, entendo que não se maltratem as coitadinhas, mas tambem é preciso não dar azas ás formigas... Quando ellas ficam taludas, arranja-se uma festança para casal-as com um rapaz decente ou algum primo, e acabou-se a historia...

— Depois, acrescentou elle abrindo expressivamente com os dedos a palpebra inferior dos

olhos, cautela e faca afiada para algum que se faça de tolo e venha engraçar-se fóra de villa e termo... Minha filha...

Pereira mudou completamente de tom.

— Pobresinha... Por esta não ha de vir mal ao mundo... É uma pombasinha do céo... Tão boa, tão carinhosa!... E feiticeira!! Não posso com ella... só de pensar que tenho de entregal-a ás mãos de um homem, bole todo commigo... É preciso, porém. Ha annos... devia já ter cuidado nesse arranjo, mas... não sei... cada vez que pensava nisso... cahia-me a alma aos pés... Tambem é menina que não foi criada como as mais... Ah! Sr. Cyrino, isto de filhos, são pedaços do coração que a gente arranca do corpo e bota a andar por este mundo de Christo.

Humedeceram-se ligeiramente os cilios do bom pai.

— Meu mais velho pára, Deus sabe onde... Se eu morresse neste instante, ficava a pequena ao desamparo... Tambem era preciso acabar com essa incerteza... Além disto, prometteu-me o Manecão deixal-a aqui em casa, e deste modo fica tudo arranjado... isto é, remediado, porque filha casada é traste que não pertence mais a pai

Houve uns instantes de silencio.

— Agora, proseguio Pereira com certo vexame, que eu tudo lhe disse, peço-lhe uma cousa: veja só a doente e não olhe para *Nocencia*... Fallei assim a mecê, porque era da minha obrigação... Homem

nenhum, sem ser muito chegado a este seu criado, pisou nunca no quarto da minha filha... Eu lhe juro... Só em casos destes de extrema *percisão*...

— Sr. Pereira, replicou Cyrino com calma, já lhe disse e torno a dizer que, como medico, estou ha muito tempo acostumado a lidar com familias e a respeital-as. É este o meu dever, e até hoje, graças a Deus, minha fama é boa... Quanto ás mulheres, não tenho as suas opiniões, nem as acho razoaveis e de justiça. Entretanto é inutil discutirmos, porque sei que são prevenções vindas de longe, e quem nasce torto, tarde ou nunca se endireita... Não leve a mal estas minhas palavras... Fallou-me o Sr. com toda franqueza, e tambem com franqueza quero responder-lhe. No meu parecer, as mulheres são tão boas como nós, senão melhores: não ha pois motivo para tanto desconfiar dellas e ter os homens em tão boa conta... Emfim, estas suas idéas podem quadrar-lhe á vontade, e é meu costume antigo a ninguem contrariar, para viver bem com os mais e delles merecer o tratamento que julgo ter o direito de receber. Cuide cada qual em si, olhe Deus para todos nós, e ninguem queira arvorar-se em palmatoria do mundo.

Esta profissão de fé, expendida em tom dogmatico e superior, pareceu impressionar agradavelmente a Pereira, que fôra applaudindo com um movimento expressivo de cabeça a sensatez dos conceitos e a fluencia da phrase.

CAPITULO VI

INNOCENCIA

Nesta donzella é que se acham juntas minha vida e minha morte.

HENOCH—*O livro da amisade.*

Jamais vira eu cousa tão perfeita como o seu rosto pallido, seus olhos franjados de sedosos cilios muito espessos e seu ar meigo e doentio.

GEORGE SAND — *Os mestres gaiteiros.*

Tudo em Fenella realizava a idéa de uma miniatura. Alem do mais havia em sua physionomia e sobretudo no olhar extraordinaria promptidão, fogo e atilamento.

WALTER-SCOTT — *Peveril do Pico.*

Depois das explicações dadas ao seu hospede, sentio-se o mineiro mais despreoccupado.

— Então, disse elle, se quizer, vamos já vêr a nossa doentinha.

— Com muito gosto, concordou Cyrino. E, sahindo da sala, acompanhou Pereira, que fel-o passar por duas cercas e rodear toda a casa, antes de tomar a porta do fundo, fronteira a um magnifico laranjal, naquella occasião coberto todo das brancas e olorosas flôres.

— Neste lugar, disse o mineiro apontando para o pomar, todos os dias se juntam tamanhos bandos de *graúnas* (1) que é um barulho dos meus peccados. *Nocencia* gosta muito disso e vem sempre coser debaixo do arvoredo. É uma menina exquisita...

Parando no limiar da porta, continuou com expansão :

— Nem o senhor imagina... Ás vezes, aquella criança tem lembranças e perguntas que me fazem *embatucar*... Aqui havia um livro de horas da minha defunta avó.... Pois não é que um bello dia me pedio que lhe ensinasse a lêr?... Que idéa !... Ainda ha pouco tempo me disse, que quizéra ter nascido princeza... Eu lhe retruquei : E sabe você o que é ser princeza? Sei, me *secundou* (2) ella com toda a clareza, é uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma corôa de diamantes na cabeça, muitos *lavrados* (3) no pescoço e que manda nos homens... Fiquei meio tonto. E se o senhor visse os modos que tem com os bichinhos? ! . . . Parece que está fallando com elles e que os entende... Uma *bicharia* (4), em chegando ao pé de *Nocencia*, fica mansa que nem ovelhinha parida de fresco... Se eu fosse agora contar-lhe historias dessa rapa-

(1) É o passaro que na provincia do Rio de Janeiro tem o nome mais prosaico de *vira-bosta*. A plumagem é negra como indica a denominação indigena—guirá-una (passaro preto)—seu canto muito melodioso, e seus habitos eminentemente sociaes.

(2) Respondeu.

(3) Chamam-se *lavrados* na provincia de Mato Grosso collares de contas de ouro e adornos de ouro e prata.

(4) Animal.

riga, seria um nunca acabar... Entremos, que é melhor...

Quando Cyrino penetrou no quarto da filha do mineiro, era quasi noite, de maneira que no primeiro olhar que atirou ao redor de si só pôde lobrigar, além de diversos trastes de fórmas antiquadas, uma dessas camas, muito em uso no interior, altas e largas, feitas de tiras de couro engradadas. Estava encostada a um canto, e nella havia uma pessoa deitada.

Mandára Pereira acender uma véla de cebo. Vinda a luz, approximaram-se ambos do leito da enferma que, achegando ao corpo e puxando para baixo do queixo uma coberta de algodão de Minas, encolheu-se toda, mas voltou-se para os que entravam.

— Está aqui o doutor, disse-lhe Pereira, que vem curar-te de uma boa vez.

— Boas noites, dona, saudou Cyrino.

Timida voz murmurou uma resposta, ao passo que o joven, no seu papel de medico, se sentava n'um escabello junto á cama e tomava o pulso á doente.

Cahia então a luz de chapa sobre ella, illuminando-lhe o rosto, parte do collo e da cabeça, coberta por um lenço vermelho atado por tráz da nuca.

Apezar de bastante descorada e um tanto magra, era Innocencia de belleza deslumbrante.

Do seu rosto irradiava singela expressão de

encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que a custo parecia côar por entre os cilios sedosos a lhe franjarem as palpebras e compridos a ponto de projectarem sombra nas mimosas faces.

O nariz era fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena, e o queixo admiravelmente torneado.

Ao erguer a cabeça para tirar o braço de sob o lençol, descêra um nada a camisinha de crivo que vestia, deixando a nú um collo de fascinadora alvura, em que resaltava um ou outro signal de nascença.

Razões de sobra tinha, pois, o pretenso facultativo para sentir a mão fria e um tanto incerta e não poder atinar com o pulso de tão gentil cliente.

— Então? perguntou o pai.

— Febre nenhuma, respondeu Cyrino cujos olhos fitavam com mal disfarçada sorpresa as feições de Innocencia.

— E que temos que fazer?

— Dar-lhe hoje mesmo um suador de folhas de larangeira da terra a vêr se transpira bastante e, quando fôr meia-noite, acordar-me para vir administrar uma boa dóse de sulfato.

Levantára a doente os olhos e os cravára em Cyrino para seguir com attenção as prescripções que lhe deviam restituir a saude.

— Não tem fome nenhuma, observou o pai; ha quasi tres dias que só vive de beberagens. É uma ardencia continua; isto até nem parece maleitas.

— Tanto melhor, replicou o moço; amanhã verá que a febre lhe sahe do corpo e daqui a uma semana sua filha está de pé com certeza. Sou eu quem lhe afiança.

— Falle o doutor pela boca de um anjo, disse Pereira com alegria.

— Hão de as côres voltar logo, continuou Cyrino.

Ligeiramente enrubeceu Innocencia e descansou a cabeça no travesseiro.

— Porque amarrou este lenço? perguntou em seguida o joven.

— Por nada, respondeu ella com acanhamento.

— Sente dôr de cabeça?

— Nhôr-não.

— Tire-o pois: convem não chamar o sangue; solte pelo contrario os cabellos.

Pereira obedeceu e descobrio uma espessa cabelleira, negra como o amago da cabiúna e que em liberdade devia cahir até abaixo da cintura. Estava enrolada em bastas tranças, que davam duas voltas inteiras ao redor do cocuruto.

— É preciso, continuou Cyrino, ter de dia o quarto arejado e pôr a cama na linha do nascente ao poente.

— Amanhã de manhãsinha hei de viral-a, disse o mineiro.

— Bom, por hoje então, ou melhor, agora mesmo, o suador. Fechem tudo, e que a dona súe bem. Á meia noite, mais ou menos, virei aqui dar-

lhe a mézinha. Socegue o seu espirito e réze duas Ave-Marias para que a quina faça logo effeito.

— Nhôr-sim, balbuciou a enferma.

— Não lhe dóe a luz nos olhos? perguntou Cyrino achegando-lhe um momento a véla ao rosto.

— Pouco... um nadinha.

— Isto é bom signal. Creio que não ha de ser nada.

E levantando-se, despedio-se:

— Até logo, sinhá-moça.

Depois do que, convidou Pereira a sahir.

Este acenou para alguem que estava n'um canto do quarto e na sombra.

— O' Tico, disse elle, venha cá.

A este chamado, levantou-se um anão muito entanguido, embóra perfeitamente proporcionado em todos os seus membros. Tinha o rosto sulcado de rugas como se já fôra entrado em annos; mas os olhinhos vivos e a negrejante guedelha mostravam idade pouco adiantada. Suas perninhas um tanto arqueadas terminavam em pés largos e chatos que sem grave desarranjo na conformação poderiam pertencer a qualquer palmipede.

Trajava comprida blusa parda sobre calças que, por haverem pertencido a quem quer que fosse muito mais alto, formavam em baixo volumosa rodilha, apezar de estarem dobradas. Á cabeça trazia um chapéo de palha de *carandá* (1) sem cópa, de

(1) Palmeira muito parecida com a carnaúba, se não fôr a mesma.

maneira que a melena lhe apparecia toda arripiada e erguida em torcidas e emmaranhadas grenhas.

— Oh! exclamou Cyrino ao ver entrar no circulo de luz tão estranha figura, isto devéras é um *tico* (1) de gente.

— Não *anarchise* (2) o meu Tonico, protestou sorrindo-se Pereira. Elle é pequeno..... mas bom. Não é, meu *nanico?*

O homunculo rio-se, ou melhor, fez uma careta mostrando dentinhos alvos e agudos, ao passo que deitava para Cyrino olhar inquisidor e altivo.

— O Sr. vê, doutor, continuou Pereira, esta creaturinha de Christo ouve perfeitamente tudo quanto se lhe diz e logo comprehende. Não póde fallar... isto é, sempre póde dizer uma palavra ou outra, mas a muito custo e quasi a estourar de raiva e de canceira. Quando se mette a querer explicar qualquer cousa, é um barulho dos seiscentos, uma gritaria dos meus peccados, onde apparece uma vóz aqui, outra acolá, mais christãsinhas no meio da barafunda.

— É que não lhe cortaram a lingua, observou Cyrino.

— Não tinha nada que cortar, replicou Pereira. De nascença é o defeito e não póde ser remediado. Mas isto é um diabrete, que cruza este sertão de cabo a rabo, a todas as horas do dia e da noite. Não é verdade, Tico?

(1) Pedaço.
(2) Ridicularisar.

O anão abanou a cabeça, olhando com orgulho para Cyrino.

— Mas é filho aqui da casa? perguntou este.

— Nhôr-não; tem mãi á beira do rio Sucuriú daqui a 40 leguas, e envereda de lá para cá n'um instante, vindo a pousar pelas casas que todas o recebem com gosto, porque é bichinho que não faz mal a ninguem. Aqui fica duas, tres e mais semanas e depois dispara como um *mateiro* (1) para a casa da mãi. É uma especie de cachorrinho de *Nocencia*. Não é, Tico?

Fez o mudo signal que sim e apontou com ar risonho para o lado da moça.

Pereira, depois de todas aquellas explicações que o anão parecia ouvir com satisfação, disse voltando-se para este, ou melhor abaixando-se em cima da sua cabeça:

— Agora, meu filho, vai ao curral grande e apanhe *para mim* (2) uma *mãosada* (3) de folhas de larangeira da terra.... daquelle pé grande que encosta na *tronqueira*.

Mostrou o homunculo com expressivo gesto que entendêra e sahio correndo.

Ia Cyrino deixar o quarto, não sem ter olhado com demora para o lugar onde estava deitada a enferma, quando Pereira o chamou:

---

(1) Veado do matto.

(2) Esse *para mim* é accrescimo obrigatorio em certas locuções do sertão.

(3) Mão grande, porção boa.

— O' doutor, *Nocencia* quer beber uma pouca de agua... Fará mal?

— Aqui não ha limões doces? indagou o moço.

— É um nunca acabar... e dos melhores.

— Pois então faça sua filha chupar uns gomos.

Pereira, depois de ter paternalmente arranjado e disposto os cobertores ao redor do corpo da menina, acompanhou Cyrino, que parado á porta de sahida, estava olhando para as primeiras estrellas da noite.

— Vosmecê achou, doutor, perguntou o mineiro com voz um tanto tremula, algum perigo no que tem aquelle anjinho?

— Não, absolutamente não, respondeu Cyrino. Verá o senhor que daqui a dous dias, sua filha não tem mais nada.

— Malditas febres!.. Quando não derrubam um christão, o amofinam annos inteiros... Eu não quizéra que minha filha ficasse esbranquiçada, nem feia... As moças quando não são bonitas, é que estão doentes... Ah! mas me ia esquecendo..... os limões doces?

Pereira adiantou-se no terreiro e, pondo as mãos diante da boca, chamou com voz forte:

— O' Tico!

Prolongado grito respondeu-lhe á certa distancia.

O mineiro pôz-se a assoviar com modulações á maneira dos indios.

Houve uns momentos de silencio; depois veio

correndo o anão e, chegando-se para perto, mostrou por signaes que não ouvira bem o recado.

— Uns limões doces, já!... *Nocencia* está com sêde....

O pequeno disparou como uma séta, sumindo-se logo na densa escuridão que já se espessára entre as arvores do pomar.

CAPITULO VII

O NATURALISTA

> Minha philosophia toda resume-se em oppôr a paciencia ás mil e uma contrariedades de que a vida está inçada.
>
> HOFFMANN.—*O reflexo perdido.*

SERENA e quasi luminosa corria a noite.

No puro campo do céo, scintillava com iriante brilho um sem numero de estrellas, projectando na larga fita da estrada do sertão, mysteriosa e dubia claridade.

Pelo caminhar dos astros havia de ser quasi meia noite ; e entretanto á essa hora morta, em que só vagueam á busca de pasto os animaes bravios do deserto, vinham a passo lento pelo caminho real dous homens, um a pé, outro montado n'uma besta magra e já meio estafada.

Mostrava o pedestre ser, como com effeito era, um camarada, e vinha com grossa e comprida vara na mão tocando diante de si lerdo e orelhudo burro, sobre cujo lombo se erguia elevada carga

de canastras e malinhas, cobertas por um grande ligal.

O que estava montado e cavalgava todo encurvado sobre o sellim, com as pernas muito estiradas e abertas, parecia entregue a profunda cogitação. Devia ser homen bastante alto e esguio e, como o observamos, apezar da hora avançada da noite, com olhos de romancista, diremos logo que tinha rosto redondo, olhos gazeos, esbugalhados, nariz pequeno e arrebitado, barbas compridas, bigode e cabellos muito louros. Seu trajo era o commum em viagem: grandes botas, paletó de alpaca muito folgado, e chapéo do Chile desabado. Trazia, entretanto, a tira-collo umas quatro ou cinco caixinhas de oculos ou quaesquer outros instrumentos especiaes e na mão segurava um páo fino e roliço, preso a um sacco de fina gaze côr de rosa.

Homem de meia idade, de physionomia vulgar e balôrda era o camarada, e pelos modos e impaciencia com que fustigava o animal de carga, indicava não estar affeito ao genero de vida que exercia.

Em silencio e na ordem que designámos, caminhava a tropinha: o burro carregado na frente, logo atraz o inhabil recoveiro; em seguida, fechando a marcha, o viajante encarapitado na magra cavalgadura.

Houve momento em que, depois de algumas pauladas de incitamento, pareceu o cargueiro querer protestar contra o tratamento que tão fóra de

horas recebia e, fincando os pés na arêa, resolutamente parou.

A reluctancia, porém, provocou uma chuva de verdadeiras cacetadas que echoaram longe e se confundiram com os brados e pragas do camarada.

— Burro do diabo! berrava elle. Mil raios te partam, bicho damnado! Arrebenta de uma vez!...

Durante uns bons minutos, o cavalleiro que fizera parar o seu animal, esperou pacientemente por qualquer resultado: ou que a renitente azemola se désse afinal por convencida e avançasse ou então estourasse.

— *Júque*, disse elle de repente com accento fortemente guttural e que denunciava a origem teutonica, se porretada cahe assim no seu lombo, *vóce* gosta ?

O homem a que haviam dado o nome de Juca, modificação familiar do de José, voltou-se com arrebatamento :

— Ora, *Mochú*, isto é um bicho sem vergonha que deve morrer debaixo do páo. Esta vida não me serve !...

— Mas, *Júque*, replicou o allemão com inalteravel calma, quem sabe se a carga não está ferindo a pobre creatura ?

— Qual ! bradou o camarada, isto é manha só. Conheço este safado, este infame, este... E, levantando o varapáo, descarregou tal paulada no trazeiro do animal que fêl-o dar surdo gemido de dôr.

— *Júque*, observou o outro em tom pausado,

quem sabe se na frente ha páo cahido ou pedra, que não deixa elle ir para diante ?

— Pedra, *Mochú*, e páo na cabeça até rachal-a precisa este ladrão...

— Vê *Júque*, insistiu o allemão.

— Ora, *Mochú*...

— Vê, sempre...

Sahiu resmungando o camarada de detraz do burrego e deu a volta.

Na frente avistou logo o ramo quebrado que Pereira deixára cahir no meio da estrada para desviar os acompanhadores de Cyrino.

— Uê! Uê! exclamou com muita sorpreza, aqui esteve alguem e pôz este signal para que não se passasse...

— Eu não disse a *vóce*, replicou o cavalleiro com voz até certo ponto triumphante. Asno tem razão: para diante ha alguma cousa.

— Mas na villa, contestou José, nos disseram que o caminho vai sempre direitinho sem *atrapalhação* nenhuma...

— Na villa disseram isto, confirmou o outro.

— E então ?

— E então ? repetiu o allemão.

Houve uns segundos de silencio.

Depois o cavalleiro acrescentou com a mesma imperturbavel serenidade e como que achando explicação muitissimo natural :

— Na villa muita gente não sabe caminho. É...

— Mil milhões de diabos, interrompeu o ca-

marada todo frenetico, levem o gosto de andar por estes mattos do inferno a horas tão perdidas! Eu bem disse a *Mochú:* ninguem viaja assim. Isto é uma calamidade...

— *Júque*, atalhou por seu turno o patrão, o que é que adianta estar a berrar como um damnado?... Olhe, antes, se por ahi *vóce* não vê algum caminho do lado.

O outro obedeceu e sem difficuldade achou a entrada da picada que levava á morada de Pereira.

— Está aqui, *Mochú*, está aqui! annunciou elle com alegria. É um trilho que corta a estrada e vai dar nalguma casa pertinho...

Mudando repentinamente de tom, observou com voz tristonha:

— Com tanto que até lá não haja alguma legua de beiço...

— Ah! eu não lhe disse, respondeu o allemão. Agora tóque burro devagarinho: elle anda que nem vento.

Pareceu o animal comprehender o alcance moral da victoria que acabára de colher e prestes enveredou pela trilha com novo alento e até notavel celeridade.

A razão é que tambem dahi a pouco sorvia elle, teimoso e marralheiro bicho como sóem ser os da sua especie, a bella agua do ribeirão, em que se haviam refrescado as cavalgaduras de Cyrino e de Pereira.

CAPITULO VIII

OS HOSPEDES DA MEIA NOITE

Sei, sim, sei que é meia noite!

XAVIER DE MAISTRE — *Viagem ao redor do meu quarto.*

Não tardou muito que os dous nocturnos viajantes começassem a ouvir os latidos furiosos dos cães que no terreiro de Pereira annuciavam approximação de gente suspeita junto á casa entregue á sua vigilancia.

— Por aqui perto fica algum rancho, *Mochú*, avisou o camarada; havemos emfim de descansar hoje... Mas que gritaria faz a cachorrada!... São capazes de nos engulir antes que venha alguem saber quem somos... Safa! Que canzoada!... O' *Mochú*, o Sr. deve ir na frente... rompendo a marcha...

— *Vôce*, respondeu o allemão, bate nelles com cacete...

— Nada retrucou José com energia, isto não

é do ajuste... Quem está montado, caminhe adiante... Ainda por cima, agora esta!

Depois de resmonear algum tempo, exclamou:

— Ah! espere: já me lembrei de uma cousa... O filho do velho é mitrado...

E, dizendo estas palavras, de um só pulo montou na anca do cargueiro, que, ao sentir aquelle inesperado accrescimo de peso, parou por instantes e com surdo ronco procurou lavrar um protesto.

— *Júque*, observou o allemão sem a menor alteração na voz, assim burro quebra cadeira. Depois morre... e *vóce* tem de levar as cargas delle nas costas...

Quiz o camarada encetar nova discussão, mas a esse tempo chegavam ao terreiro, onde o ataque furioso dos cães justificou a medida preventiva de José, o qual entrou, todo encolhido atraz das cargas, a gritar como um possesso:

— O' de casa! Eh! lá, gente! O' amigos!

A algazarra da cachorrada augmentou por tal modo, que os tropeiros de Cyrino, pousados no rancho proximo, acordaram e bradaram juntos:

— Que diabo é isto? Temos matinada de lobishomens?

Abrio-se nesse momento a porta da casa e appareceu Cyrino na frente de Pereira, trazendo este uma véla que com a mão aberta amparava da brisa nocturna.

— Quem vem lá ? clamaram os dous a um tempo.

— Camarada e viajante, respondeu com voz forte e sympathica o allemão achegando-se á luz e tratando de descer da cavalgadura. Quem é o dono desta casa ?

— Está aqui elle, respondeu Pereira levantando a vela acima da cabeça para dar mais claridade em torno de si.

— Muito bem, replicou o recem-chegado. Desejo agazalho para mim e para o meu criado e peço muitas desculpas por chegar tão tarde.

Aproximára-se tambem o José, cuidando logo, no meio de muchôchos e pragas, de pôr em terra a carga do burrinho, ao qual amarrára pelo cabresto a uma vara fincada no chão.

— Mas, observou Cyrino, o que faz o Sr. por estas horas mortas a viajar ?...

— Deixe o homem entrar, atalhou Pereira, e acommodar-se com o que achar... Pois meu senhor, *desapeie*. Bem vindo seja quem procura tecto que é meu.

— Obrigado, obrigado, exclamou com effusão o estrangeiro. E, apresentando a sua larga mão, apertou com tal força as de Cyrino e Pereira que lhes estalaram os dedos.

Em seguida penetrou na sala e tratou logo de arranjar os objectos que trazia a tira-collo, collocando-os cuidadosa e methodicamente em cima da mesa, no meio dos olhares de espanto que entre si trocavam quantos o estavam rodeando.

Na verdade, digna de reparo era aquella figura á luz da bruxoleante vela de cebo; compridas pernas, corpo pequeno, braços muito longos e cabellos quasi brancos, de tão louros que eram.

— Será algum bruxo? perguntou á meia voz Cyrino a Pereira.

— Qual! respondeu este com sinceridade, um homem tão bonito, tão *bem limpo* (1)!

Entrára José com uma canastra ao hombro e, depositando-a no canto menos escuro do quarto, julgou dever sem mais demora declinar a qualidade e importancia da pessoa que lhe servia de amo.

— Este Sr., disse elle apontando para o allemão e dirigindo-se para Cyrino, é doutor...

— Doutor?! exclamou o outro com despeito.

— Sim, mas doutor que não cura doenças. É *allamão*, lá da *estranja*, e vem desde a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro caçando *anicetos* e picando *barboletas*...

— *Barboletas?* interrompeu com admiração Pereira.

— *Acui cui*, (2)! Por todo o caminho vem apanhando bichinhos. Olhem... aquelle sacco que elle traz...

— O meu camarada, avisou com toda a tranquillidade e pausa o naturalista, é muito fallador.

(1) Bem vestido.
(2) Affirmação usada pelo povo.

Os senhores tenham paciencia... Ande, *Júque*, deixe de tagarellar !...

— Não, protestou Pereira levado de curiosidade, é bom saber com quem se lida... Então o Sr. vem matando *anicetos ?* Mas para que, Virgem Santissima ?

— Para que ? retrucou o camarada descansando as mãos na cintura. O patrão e eu já temos mandado mais de dez caixões todos cheinhos lá para as terras delle...

— Depois o paiz fica sem borboletas, resmoneou Cyrino n'um assomo de despeitado patriotismo.

— Mas como é que o Sr. se chama ? perguntou Pereira voltando-se para o allemão que estava virado para a parede a contemplar um desses grandes e sombrios lepidopteros, da especie dos esphynges.

— *Júque*, disse elle sem se importar com a interpellação e acenando para o camarada, depressa... um alfinete, dos grandes... dos maiores...

— Temos historias, avisou José fazendo expressivo signal a Cyrino, o Sr. vai ver...

O naturalista, de posse de um comprido aculeo, fincou-o com segura e adestrada mão bem no meio do insecto, o qual começou a bater convulsamente as azas e a gyrar em torno do centro a que estava preso.

— A pita ! A pita ! reclamou o patrão. Vamos, *Júque*.

José satisfez o pedido, depois de abrir uma malinha, onde já estavam enfileirados e espetados vinte ou trinta bonitos bichinhos.

— É uma *saturnia*... e não commum, murmurou o allemão fisgando n'um pedaço de piteira o novo specimen, sobre o qual derramou algumas gotas de chloroformio, de um vidrinho que sacou d'um dos muitos bolsos da sobrecasaca.

— O Sr. é viajante zoologista, não é? perguntou Cyrino depois que vio terminada a operação.

O interrogado levantou a cabeça com sorpreza e respondeu todo risonho:

— Sim, senhor; sim, senhor! Como é que o Sr. soube? Viajante naturalista, sim senhor! Eu vejo que o Sr. é muito instruido... Muito bem, muito bem!... Muita instrucção!...

E abrindo uma carteira de notas, escreveo logo umas linhas tortuosas.

— Ah! este tambem é doutor, disse Pereira com certo orgulho por hospedar em sua casa sabichão de tal quilate.

— Oh! doutor? doutor!? Muito bem, muito bem. Doutor que *curra?*

— Sim, senhor, respondeu com gravidade o proprio Cyrino.

— Ah!... ah! muito bem.

Pereira, porém, voltára á carga.

— Mas como é que o Sr. se chama?

— Meyer, respondeu o allemão, para o servir.

— Maia ? (1) perguntou o mineiro.

— Não, senhor ; Meyer : sou da Saxonia, na Allemanha.

— Isto deve ser o mesmo que Maia na terra delle, observou Pereira abaixando um pouco a voz.

O camarada José, no entretanto, trouxéra para dentro todas as malas e canastras e sem ceremonia alguma intrometteu-se na conversação.

— Este *Mochú*, disse, vem de muito longe só por causa destas historias de *barboletas*, e com o negocio ganha *côco* grosso... Quanto a mim...

— *Júque*, atalhou Meyer com fleuma, vai *bota* os animaes no pasto.

— Não, disse Pereira, solte-os no terreiro até raiar o dia ; roerão o que acharem ; ha por ahi muito resto de milho nos sabugos...

— Pois é o que fiz, declarou o camarada. Como lhes dizia ; sou carióca do Rio de Janeiro, chamo-me José Pinho e venho de bem longe acompanhando este *allamão*, que é um homem muito de bem.

— É verdade ? indagou Pereira, olhando para Meyer.

Este esbugalhou mais os olhos e confirmou tudo com um sim guttural que échoou em toda a sala.

(1) O diphtongo ei, pronunciando-se em allemão ai, muito natural é a pergunta de Pereira e as confusões que faz amiudadas vezes com esse nome.

— Elle o que tem, continuou José, é que é muito teimoso. Eu lhe digo sempre : *Mochú*, isto de viajar de noite é uma tolice e uma canseira a tôa... Qual ! pensa lá no seu bestunto que assim é melhor. Tambem a gente anda por estas estradas afóra como se fosse alma do outro mundo a penar... algum currupira... ou boitatá... Cruzes !

— Pois, Sr. *Maia*, disse Pereira, tome posse desta sala, e faça de conta que é sua... Se quizer uma rêde...

— Muito obrigado, muito obrigado !... minha cama é canastra. Não se incommode...

— Amanhã então conversaremos, concluio Pereira esfregando as mãos de contente.

Promettia-lhe na verdade a companhia boas occasiões de dar largas á volubilidade, sobretudo com o tal José Pinho, filho da côrte do Rio de Janeiro e, pelo que parecia, tagarélla de grande força.

— Assim, pois, disse Pereira, durmam bem o restante da noite.

E abrio a porta para se retirar.

— Ui ! exclamou elle olhando para o céo. Doutor, já passou muito da meia noite... Com a bréca, o Cruzeiro está virado de uma vez...

Cyrino, que tornára a deitar-se na marqueza, com presteza calçou as botas e tomou uns papeizinhos que de ante-mão preparára e puzéra n'um canto da mesa.

— Não faz mal, disse, já estou com tudo

prompto e em tempo havemos de dar o remedio. Vá o Sr. deitar uma pouca de café n'um pires e acorde sua filha, caso esteja dormindo, como é muito natural depois do suador.

Pereira sahio então, levando a véla e, acompanhado de Cyrino, deu a volta ao redor da casa para buscar a entrada dos aposentos interiores.

Ficaram o allemão e seu criado em completa escuridão, ambos, porém, já espichados a fio comprido, um emcima das canastras, tendo por travesseiro roliça maleta, outro sobre o ligal aberto e estendido no meio do aposento.

— O' *Mochú*, perguntou José que mastigava alguma cousa, está já ferrado ?

— Ferrado ? replicou Meyer levantando a cabeça. Que é isto agora ?

— Pergunto se já pegou no somno.

— Pois, *Júque*, se eu fallo, como é que posso estar dormindo ?

— Então não quer petiscar ?

— Comer, não é ?

— Está visto.

— Oh ! se tivesse !... Pensava agora nisso...

— Pois estou *manducando*... Quer um pouco ?

— Que é que *vóce* me dá ?

— Rapadura com farinha de milho... Está devéras de patente !... Gostoso como tudo...

— Então, *Júque*, me passe um bocado.

Levantou-se o offertante com toda a boa vontade e ás apalpadéllas começou a procurar a cama

do patrão, o que só conseguio depois de ter esbarrado na mesa e n'umas cangalhas velhas atiradas a um canto da sala.

Afinal agarrou n'um dos pés do naturalista, a quem entregou uma nesga de rapadura e uns restos de farinha embrulhados em papel, pitança mais que sobria que foi devorada com satisfação pelo bom do Saxonio.

CAPITULO IX

O MEDICAMENTO

Não tendes que labutar com doente muito grave, e eis o serviço que de vós espero...

HOFFMAN — *A porta entaipada.*

Quem me poderá dizer porque me parece tão duro o leito?... Porque passei esta noite, que se me figurou tão longa, sem gozar um momento de socego?... Surge a verdade: em meu seio penetraram as agudas settas do amor.

OVIDIO — *Elegia II.*

QUANDO Cyrino entrou no quarto de Innocencia, já estava ella acordada. Sentára-se o pai á cabeceira da cama, a cujos pés se acocorára Tico, o anão, sobre uma grande pelle de onça.

— Então, perguntou o medico tomando o pulso á mimosa doente, como se sente?

— Melhor, respondeu ella.

— Suou bastante?

— Ensopei tres camisas.

— Muito bem... Agora a senhora está com a

pelle fresquinha que mette gosto. Isto de sezões, não é nada, se a gente acode em tempo e o sangue não tem máos humores. Mas quando tomam conta do corpo, nem o demo com ellas póde. Qu'é do café? pedio elle em seguida a Pereira.

— Já vem já... Homem, vou eu mesmo buscal-o, lá na cozinha. A Maria Conga está ficando uma verdadeira lesma. Venha para aqui e espere-me um *nadinha*.

Levantando-se então da cadeira, indicou-a a Cyrino, a quem fez sentar antes de sahir.

Ficou, pois, este ao lado da menina e, como sobre o lindo rosto batesse de chapa a luz collocada n'uma prateleira da parede, pôz-se a contemplal-a com enleio e vagar, ao passo que do seu lado o anão lhe deitava olhares inquietos e algo sombrios.

Pousára Innocencia a cabeça no travesseiro e para occultar a perturbação de se ver tão de perto observada, fingia dormir. Pelo menos tinha as grandes palpebras cerradas e o rosto sereno; mas arfava-lhe apressado o peito, e de vez em quando fugaz rubôr tingia suas faces descoradas.

Pereira tardava; e Cyrino, com os olhos fixos, a physionomia meditativa e um pouco de pallidez, que denunciava a intima commoção, não se fartava de admirar a belleza da gentil doente.

Uma vez entre-abrio ella os cilios e a medo atirou um olhar que se cruzou com o do mancebo, olhar rapido, instantaneo, mas que lhe repercutio

direito no coração e fez-lhe estremecer o corpo todo.

Sem saber pelo que, bateram-lhe os queixos e um arrepio de frio circulou-lhe nas veias.

— Sente mais febre? perguntou Cyrino muito baixinho.

— Não sei, foi a resposta e resposta demorada.

— Deixe-me vêr o seu pulso.

E tomando-lhe a mão, apertou-a com ardor entre as suas, retendo-a, apezar dos ligeiros esforços que para a retrahir empregou ella por vezes.

Nisto entrou Pereira. Innocencia fechou com presteza os olhos, e Cyrino rapidamente se voltou, levando um dedo aos labios para recommendar silencio.

— Está dormindo, avisou com voz sumida.

— Ora, disse Pereira no mesmo tom, a tal Maria Conga deixou entornar a cafeteira, de *maneiras* que precisei fazer outra porção. Demorei muito?

— Não, respondeu Cyrino com toda a sinceridade.

— Mas, agora, observou Pereira, é mister acordar a pequerrucha.

— Não ha outro remedio.

Chegou-se o pai á cama e com todo o carinho chamou: *Nocencia! Nocencia!*

E como não a visse despertar logo, sacudio-a com brandura até lhe vêr abrir uns olhos espantados.

— Apre! Que somno! disse o bondoso velho. N'um instante que fui lá dentro?!... Vamos, é hora de tomar a mézinha.

Cyrino deitára sulfato de quinina no café e diluia-o vagarosamente.

— Olhe, dona, aconselhou elle, beba de um só trago e chupe logo depois uns gomos de limão doce.

— Então é muito máo, choramigou a doente.

— É amargo; mas n'um instante mecê toma isto.

— Papai, recalcitrou a moça, não quero... eu não quero.

— Ora, filhinha de meu coração, não se *canhe* (1); é preciso... Amanha ha de você sentir-se boa; não é, doutor?

— Com certeza, se tomar esta porção, assegurou Cyrino.

— Depois, quando eu *ir* lá á villa, hei de trazer para você uma cousa bem bonita... uns *lavrados* (2). Ouvio?

— Nhôr-sim.

— Anda, Tico, acrescentou o mineiro voltando-se para o anão, vai depressa buscar limão doce; na cozinha já ha um meio *cascado* (3).

— Tome, dona, implorou por seu turno Cy-

(1) Acanhar-se, amofinar-se.

(2) Contas de ouro.

(3) Em toda a provincia de Matto-Grosso e em geral no interior diz-se cascar por descascar. Dizem até cascar um boi por esfolal-o, tirar-lhe o couro

rino approximando o pires da boca da mimosa medicanda.

Levantou esta uns olhos supplices e, agarrando resolutamente o remedio, bebeu-o todo de um jacto.

Depois, deu um suspiro de enjôo e ficou com os labios entreabertos, á espera que o adocicado sumo do limão lhe tirasse o amargor do medicamento.

— Então, exclamou Pereira, era maior o medo do que a cousa em si! Você tomou a dóse n'uma *relancina*.

— Amanhã de manhã, ou melhor, hoje de madrugadinha temos que engulir outra porção, declarou Cyrino. Depois, a dona poderá levantar-se.

— Ainda outra?! protestou Innocencia com gesto de amúo.

— Nhã'sim; é de toda a *precisão*, replicou o amoroso medico modificando com suavidade na voz a dureza das prescripções.

— De certo, corroborou tambem Pereira.

— Depois ha de mecê deixar de comer carne fresca, hervas, ovos ou farinha de milho por um mez inteiro, e de provar leite, muito tempo. Ha de sustentar-se só de carne de sol bem secca com arroz quasi sem sal e por cima tomará café com muito pouco *doce* (1).

(1) Assucar.

— Fica ao meu cuidado, asseverou Pereira, olhar para o *rejume* (1).

— Agora durma bem e não se assuste se lhe apparecer zoeira nos ouvidos e até se sentir mouca. Isto é da mézinha; muito pelo contrario, é bom signal.

— Estes doutores sabem tudo, murmurou Pereira dando ligeiro estalo com a lingua.

Não se descuidou Cyrino, antes de retirar-se, de novamente tomar o pulso; á conta de procurar a arteria, assentou toda a mão no punho da donzella, envolvendo-lhe o braço e apertando-o docemente.

E sahio-se mal de tudo isso, porque se tratava da cura de alguem, para si arranjava enfermidade e bem grave.

Com effeito, de volta á sala dos hospedes, não pôde mais conciliar o somno e, sem que houvesse conseguido fruir um só momento de descanso vio a aurora raiar. Parecia-lhe que o peito ardia todo chammas a lhe subirem ás faces, abrazando-lhe o pensamento.

Aquelle venusto rosto que contemplára a sós; aquelles formosos olhos, cujo brilho a furto percebêra, aquelle collo alabastrino que a medo se descobrira, aquellas indecisas curvas de um corpo esbelto, todo aquelle conjuncto harmonioso e encantador que vira á luz de frôxa véla, fatalmente o

(1) Corruptéla de regimen.

lançavam nesse pelago semeado de tormentas que se chama uma paixão!

Effeitos de tão temivel mal já ia o misero sentindo; inquieto revolvia-se (facto virgem!) no duro leito, ao passo que a respiração isochronica e ruidosa do companheiro de hospedagem, o allemão Meyer, respondia ao sonóro resonar do gárrulo José Pinho.

CAPITULO X

A CARTA DE RECOMMENDAÇÃO

> Aquelle bom velho, cuja benevola hospitalidade não tinha limites, julgára do seu dever tratar do melhor modo possivel a Waverley, fosse elle o ultimo campouez saxonio... Mas o titulo de amigo de Fergus fel-o considerar como precioso deposito, merecedor de toda a sua solicitude e da mais attenta obsequiosidade.
>
> WALTER-SCOTT.—*Waverley.*

UANDO Meyer abrio os olhos, já achou Cyrino de pé arranjando uma canastrinha.

— Oh! exclamou elle em tom de louvor, o Sr. madruga muito.

— É verdade, replicou um tanto melancolico o outro.

— E *Júque* ainda dorme!... Este *Júque* mais parece um tatú do que um homem... Todo dia estou acordando elle...

E juntando a pratica ao dito, foi o pachorrento amo sacudir o criado; depois de se espreguiçar ruidosamente, sentou-se este no couro em que dormira, e pôz-se a esfregar com todo o vagar os olhos papudos, ainda cheios de somno.

— Deus esteja com vossuncês, disse elle entre dous bocejos. Ora, *Mochú*, o Sr. me acordou no melhor do somno. Estava sonhando que voltára para o Rio de Janeiro e ia acompanhando uma musica pelo largo do Rocio afóra. Conhece o largo do Rocio? perguntou a Cyrino.

— Não, respondeu-lhe este.

— Chi! Que largo! Hen, *Mochú?*...

E novo bocejo cortou-lhe a descripção da louvada praça.

— *Júque*, exclamou Meyer coçando a barba com ar alegre, o dia hoje está claro e bonito. Havemos de apanhar pelo menos umas doze borboletas novas.

— E quanto me dá *Mochú*, se eu agarro 25?

— Vinte e cinco? repetiu o allemão com alguma duvida.

— Sim, vinte e cinco... e até mais, vinte e seis. Diga, quanto me dá?

— Oh! eu dou a *vóce* dous mil réis.

— Está dito, fecho o negocio. Eu sou assim, pão, pão, queijo, queijo; tão certo como me chamo José Pinho, seu criado, carioca de nascimento e baptisado na freguezia da Lagôa, lá para as bandas do *Brocó*, e...

— Agora, interrompeu Meyer; vá buscar agua para lavar a cara, e tire sabão e pente da canastra.

— Olhe, Sr. doutor, continuou o camarada sentado sempre e voltando-se para o lado de Cyrino, esta minha vida é levada dos seiscentos diabos.

Nós sahimos do Rio já ha mais de dois annos; não é, *Mochú?*

— Vinte e dous mezes, rectificou Meyer.

— Pois bem, desde esse tempo estamos a viajar, viajar, como se fosse penitencia de confissão. E não é só isto, não, senhor. Todos os dias ando pelo menos nove leguas, correndo, aqui, acolá, dando voltas, cahindo, atrás dos bichos voadores...

— *Júque!* tentou atalhar Meyer, olhe...

— Pois é como lhe digo, proseguio José Pinho. Tenho hoje uma raiva daquellas porcarias todas... Nem sei por que Nosso Senhor Jesus Christo foi crear essa sucia de creaturas sem prestimo... Emfim Elle é quem sabe... Quanto a mim, se pudesse, atacava fogo em todas as lagartas, porque da lagarta é que sahem esses *anicetos*, que estão enchendo mundos... Mas, veja, Sr. doutor, lá na terra deste homem, — (coitado, é bem bomsinho e me estima muito!) — valem esses bichos mais do que ouro em pó... Tambem se o *Mochú* não gostasse de mim, *havéra* de ser muito ingrato... Outro como eu, não encontra mais, não senhor... Tenha santa paciencia... não ha dous... não, senhor, isto é o que lhe posso affiançar.

No meio desse fluxo de palavras, Meyer fôra em pessoa procurar na canastra o pente e o sabão.

Mostrando os objectos ao fallador, ordenou com energia:

— Cale a boca, *Júque*, cale a boca, tagarella! Vá buscar agua já; senão... não o levo ao matto hoje.

Levantou-se de prompto José Pinho e meio a resmungar sahio, tomando uma grande bacia de folha de flandres já velha, amarrada á argola de uma canastra.

— Este camarada, disse Meyer depois de algum silencio e para explicar o seu procedimento, é uma pessoa muito boa... fiel e intelligente. Mas falla muito. É-me precioso, porque apanha borboletas com muito talento e geito.

Entrando José Pinho e ouvindo o final do elogio, depôz com ar de grave importancia a bacia no chão.

Diante della e depois de tirar do nariz os oculos, collocou-se logo Meyer, ou antes acocorou-se; e em relação ao tronco, tão compridas eram as pernas do allemão que, inclinado por sobre a agua, lhe ficava a cabeça na altura dos joelhos.

A ablução levou uns bons minutos e foi com os cabellos grudados ao casco e escorrendo agua que elle se levantou, justamente quando entrava Pereira.

Nesse momento, o typo daquelle homem assumira proporções do mais pasmoso grotesco; entretanto tão varia é a apreciação de cada um, tão caprichoso o julgamento individual, que o mineiro, chegando-se para Cyrino, disse baixinho:

— Vosmecê já reparou, amigo, como este *estranja* é figura bonita? Tão *arvo*! E que olhos

tem!... As mulheres hão de perder a cachóla por causa deste bicharrão... Então, Sr. *Maia*, continuou interpellando em voz alta o seu specimen de belleza masculina, que tal passou aqui a noite?

— Oh! Sr. Pereira!... Desculpe, se o não vi... Estava sem oculos... Já lhe respondo... espere um bocadinho.

E ainda todo molhado, correu a tomar os oculos, que assentou em cima dos salientes olhos.

— Agora, muito bem... Dormi, meu bom amigo, como quem não tem peccados...

— Então, observou Cyrino quasi máo grado seu, tenho-os eu; porque da meia noite para cá não pude mais prégar olho...

— Isto é volta de algum namoro, replicou Pereira batendo-lhe com força no hombro e rindo-se.

Cyrino descorou ligeiramente.

— Sim, vosmecê é moço... deixou lá por Minas algum *rabicho*, e de vez em quando o coração lhe comixa... Está na idade...

— Póde muito bem ser, apoiou Meyer com toda a gravidade.

— Não é? insistiu Pereira. Ora, confesse... não lhe fica mal.... Isto é volta de namoro...

— Juro-lhes, balbuciou Cyrino.

— Oh! se é, confirmou José Pinho que julgou dever metter o bedelho na conversa, eu no Rio de Janeiro... Negocio de saias é de pôr um homem tonto. Não lhes conto nada, mas uma vez...

Voltou-se o allemão para elle com calma, e, interrompendo-o :

— *Júque*, vá ver onde estão burrinhos e não bote sua colher, quando gente branca está fallando com o seu patrão.

E como o camarada quizesse retorquir :

— Ande, ande, verberou sempre sereno, discussão nunca serviu para nada.

Deu José meia duzia de muchôchos abafados e sahio praguejando entre dentes.

Meyer novamente suppoz dever desculpal-o.

— Bom homem, disse, bom homem... porém falla demais...

— Mas agora me conte, perguntou Pereira com ar de quem queria certificar-se de cousa posta muito em duvida, devéras o senhor anda *palmeando* estes sertões para fisgar *anicetos ?*

— Pois não, respondeu Meyer com algum enthusiasmo, na minha terra valem muito dinheiro para estudos, musêos e collecções. Estou viajando por conta do meu governo e já mandei muitas caixas todas cheias... É muito precioso !...

— Ora, vejam só, exclamou Pereira. Quem *havéra* de dizer que até com isto se póde *bichar ?* Cruz ! Um homem destes, um doutor, andar correndo atrás de vaga-lumes e voadores do matto, como menino atrás de cigarras ! Muito se aprende neste mundo ! E quer o senhor saber uma cousa ? Se eu não tivesse familia, era capaz de ir com vosmecê por estes mundos *afóra*, porque sempre gostei de

lidar com pessoas de qualidade e instrucção... Eu sou assim... Quem me conhece, bem sabe... Homem de repentes... Vem-me lá uma idéa, muito estrambotica ás vezes, mas embirro e acabou-se, porque se ha alguem esturrado e teimoso, sou eu... Quando empaco, empaco de uma boa vez... Fosse no tempo de solteiro, e eu me botava com o senhor a catar toda essa bicharada dos sertões. Era capaz de ir dar com os ossos na sua terra... Não me olhe pasmado, não... Isto lá eu era... Nem que tivesse de passar canseiras como ninguem... O caso era metter a idéa nos cascos... Dito e feito; acabou-se... Fossem buscar o remedio onde quizessem... mas duvido que achassem.

— Como vai a doente? perguntou distrahidamente Cyrino cortando aquella catadupa de palavras.

— Ora, estou muito contente. Já tomou nova dóse, e parece quasi boa. Está com outra feição. O senhor fez um milagre...

— Abaixo de Deus e da Virgem purissima, concordou Cyrino com toda a modestia.

— O Sr. não cura? perguntou Pereira a Meyer.

— *Nô* senhor. Sou doutor em philosophia pela universidade de Carlsruhe, onde....

— Isto é nome de bicho? atalhou o mineiro.

— *Nô* senhor. É uma cidade.

— Ninguem diria... Pois, Sr. *Maia*, continuou Pereira apontando para Cyrino, alli está um com quem molestias não brincam.

— Ah! rouquejou o allemão abrindo ainda mais os olhos. Estimo muito conhecel-o como notabilidade... Nestes lugares aqui é muito raro...

— Se é! exclamou Pereira. Felizmente passou por cá nem de proposito, para me pôr de pé a menina... uma filha minha... Cahio-me a talho de fouce e...

Não pôde Cyrino furtar-se a um movimento de infatuação. Com ar grave interrompeu:

— Não falle nisso, Sr. Pereira; o caso era simples. Febre das enchentes... não vale quasi nada. Vi logo o que era de urgencia: um simples suador, duas ou tres dóses de sulfato de quinina... e ficou tudo sanado... É simplicissimo... O estomago não estava sujo... e não havia necessidade de vomitorio...

Ouvira Meyer essas indicações therapeuticas com os olhos muito fitos em quem as dava: depois, voltando-se para Pereira, disse com um aceno approbatorio de cabeça:

— *Pom* medico! *pom* medico!

Desse momento em diante, votou Cyrino ao allemão a mais decidida sympathia; e Pereira, presenciando o congraçamento daquelles dous homens, de si para si illustres e incontestaveis sabichões, sentio-se feliz por abrigal-os a um tempo em sua humilde vivenda.

— Então, disse o mineiro voltando á questão das borboletas, com que o seu governo o paga bem, não, Sr. *Maia?*

— Sufficientemente... demais todas as autoridades d'este paiz muito me ajudam. Tenho muitos officios... cartas de recommendação... Olhe, quer ver? *Júque, Júque!* chamou Meyer sem reparar que o criado ha muito sahira do quarto, dê-me... É verdade, foi levar os burrinhos á agua... Não faz mal... Mostro-lhe já tudo...

E, procurando entre as cargas uma malinha coberta de panno impermeavel, abrio-a e tirou um masso de cartas cuidadosamente numeradas e amarradas com fitas de diversas côres.

— Isto é para Miranda, em Matto Grosso. Isto para Coxim, Cuyabá... para Poconé, Diamantino... isto são cartas, cujos donos não encontrei, e que hão de voltar para as pessoas que as escreveram.

— E são muitas? perguntou Pereira.

— Tres ou quatro. Vejamos... uma é para o Sr. João Manoel Quaresma, em Oliveira; outra para o Sr. Quintana, no Pitanguy; esta para o Sr. Martinho dos Santos *Perreira*, em Piumhy...

— Que é? perguntou o mineiro levantando-se de um pulo e mostrando muita admiração. Leia outra vez... leia por favor...

Meyer obedeceu.

— Mas este nome é o meu! exclamou Pereira. Esta carta então é para mim...

— Hu, hu! gaguejou o allemão boqui-aberto. É muito curioso isto!

— Sou eu, sou eu mesmo! continuou o mi-

neiro abrindo os diques á volubilidade. Está claro, clarissimo!... Quando me escreveram, pensavam que eu ainda morava lá em Piumhy. Pois se nunca contei a ninguem em que socavão me vim metter... Abra a carta sem susto... Oh! Senhora Sant'Anna, que dia hoje! Quem diria! Uma carta! Uma carta n'estas alturas! Póde ler, Sr. *Maia*... Estou doudo por saber quem se deu ao trabalho de me escrever... Martinho dos Santos Pereira, de Piumhy... sou eu! Que duvida: não ha dous. Veja só o nome... pelo amor de Deus, o nome de quem me manda a carta...

Rompeu o allemão com alguma duvida e escrupulo o sello; correndo com os olhos a lauda escripta, procurou a assignatura e pausadamente leu: Francisco dos Santos Pereira.

— Gentes! bradou o mineiro no auge da alegria, meu irmão... o Chiquinho!... E eu que o fazia morto e enterrado!... Nosso Senhor o conserve por muitos annos!... O Chiquinho!.... Já se vio cousa *ansim!*... Como se anda neste mundo; hem, Sr. Cyrino? Quem *havéra* de dizer que este homem, que aqui chegou hontem por acaso e alta noite, havia de trazer na canastra uma carta de um irmão que não vejo ha mais de quarenta annos!... Ora esta!... São voltas deste mundo... As pedras se encontram... Foi em 1819... não em 20... Mas... depressa leia a carta... vamos ver o que me diz o Chiquinho... Coitado!... deve estar bem velhinho.... Da familia passava por ter mais juizo... tambem era

mais velho... O Roberto era o caçula... Seja o senhor muito bem vindo nesta casa... Depois de tantos annos trazer-me noticias da minha gente!...

Cortou Meyer aquelle movimento de effusão que promettia ir longe, começando a ler com todo o vagar ou melhor a soletrar a carta, cujos garranchos, que não lettras, por vezes se vio obrigado a encostar aos olhos para poder decifrar.

« Martinho, dizia a despretenciosa epistola, dirijo-te estas mal traçadas linhas só para saber da tua saude e dizer que o portador desta é um senhor de muita leitura e que vai para os sertões *brutos*, viajando e estudando os paizes e povos. Veio-me do Rio de Janeiro muito recommendado. Peço que o agazalhes, não como um *transuente* qualquer, mas como se fosse eu em pessoa, teu irmão mais velho e chefe da nossa familia... »

— Pobre mano, exclamou Pereira meio choroso.

« É homem, continuou Meyer, de bastante criação. Adeus, Martinho. Eu estou estabelecido na Matta do Rio, n'uma fazendola. Tenho cinco filhos, tres machos e duas *familias* (1), estas casadas, e que me deram netos, já faz bastante tempo. Não estou muito quebrado de forças. Ha mais de oito annos que não tenho noticias tuas. Soube que o Roberto tinha morrido no *Paranan*... »

— Roberto?!... Coitado do Roberto! atalhou Pereira, com voz angustiosa.

(1) Filhas.

E repentinamente a memoria lhe representando os tempos da infancia, arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas.

« Sem mais aquella, concluio Meyer, adeus. Felicidade e saúde. Teu irmão, Francisco dos Santos Pereira. »

— Devéras, disse Pereira depois de breve silencio adiantando-se para o allemão e apresentando-lhe a mão aberta, o Sr. me deu um fartão de alegria. Toque nesta mão, e quando ella se levantar para bolir num só cabello da sua cabeça ou de alguem da sua familia, qualquer que seja o aggravo que me possa fazer, seja ella cortada logo por Deus, que nos está ouvindo.

— Obrigado, Sr. Pereira, respondeu com animação o outro retribuindo o aperto da mão e corroborando-o com um concerto de garganta.

— Sim, senhor, continuou o mineiro. Esta carta vale para mim mais do que uma lettra do Imperador que governa o Brazil. É o que lhe digo, Sr. *Maia*...

— Meyer, corrigio o allemão apoiando com força na ultima syllaba, Meyer.

— Ah! é verdade. É preciso traduzir: Meyer, Meyer. Agora já atinei com a cousa. Mas, como lhe ia dizendo, esta casa é sua. Meu irmão, o meu irmão mais velho deo-me ordem que o recebesse como se fosse elle mesmo em pessoa, o Chico;... acabou-se. O Sr. é como se fosse dos meus. Não tem que ver, é o que elle quer. Entendi logo; o mais é ser

muito bronco, e, com o favor de Deus, não me tenho nesta conta. O Sr. ponha e disponha de mim, da minha tulha, das minhas terras, meus escravos, gado e tudo que achar. Parta e reparta... Quem está fallando aqui, não é mais dono de cousa nenhuma... é o Sr... Meu irmão me escreveu, é escusado pensar que não sei respeitar as vontades dos meus superiores e parentes. É como se recebesse uma ordem do punho do Imperador, filho de Pedro I, que pinchou os *emboabas* (1) para fóra d'esta terra do Brazil e levantou o Imperio nos campos do Ypiranga, lá para os lados de S. Paulo de Piratinim, onde houve em seu tempo collegio de padres e fradaria *grossa* (2), e d'onde os *mamalucos* sahiam para ir por estes mundos adentro bater indios *brabos* e caçar onças, botando bandeiras até na costa do Paraguay e no salto do Paraná, tanto assim que deram nas reducções (3) e trouxeram de lá uma *immundicie* (4) de gente amarrada, por signal que muitos amolaram a canella em caminho, e só chegaram uns cento e tanto, tão magros que...

Pereira enfiava todas estas phrases com sorprendedora rapidez, ao passo que Meyer o contemplava estatico, á espera que a torrente de palavras

(1) Portuguezes,

(2) Em quantidade

(3) Reducções eram o nome que tinham as aldêas, formadas pelos padres Jesuitas no Paraguay. Pelo anno de 1630 subiam a 20 com 70,000 habitantes.

(4) Grande quantidade. Montoya, no seu livro — Conquista Espiritual — conta que 140 *castelhanos* do Brasil com 1,500 tupys, todos muito bem armados com escopetas, e em boa ordem militar, entraram pelas povoações e levaram 7,000 prisioneiros, numero evidentemente exagerado.

lhe désse tempo e occasião de exprimir alguma palavra de agradecimento.

Não foi, porém, senão minutos depois, e a custo que elle pronunciou um aspero e retumbante

— Obrigado!

Acrescentando em seguida:

— Mas o senhor falla que nem cachoeira. E não cansa?

— Qual! replicou o mineiro com ufania. A gente da minha terra é do seu natural calada; eu, não; mesmo porque fui criado em povoados de muita civilidade...

Tomando esse novo thema, começou novamente a discorrer, mostrando visivel contentamento por achar na estimavel pessoa do Sr. Guilherme Tembel Meyer um ouvinte de força, incapaz de pestanejar, e cuja fixidez de olhos era prova evidente de que tomava interesse por todos os assumptos possiveis de conversação.

CAPITULO XI

O ALMOÇO

Comam e bebam : nada de ceremonias commigo. Minha casa é franca; eu tambem. Façam provisão de alegria e de mim disponham sem constrangimento.

PLAUTO — *Miles gloriosus.*

De repente levantou-se Cyrino da marqueza em que estava sentado.

— Estou com vontade de amanhã seguir viagem...

— O que, doutor? protestou Pereira. Partir já? Isto nunca... Vosmecê ainda não curou de todo minha filha. Pago-lhe todos os prejuizos da sua estada aqui... se fôr preciso.

— Oh! Sr. Pereira, reclamou por seu turno o joven, isto quasi me offende...

— Desculpe-me e muito; mas, antes de duas semanas, não o deixo sahir daqui...

— Porém...

— Doentes não lhe hão de faltar. A minha rancharia vai ser visitada como se fosse casa de

presepe, e o senhor não poderá dar *vasão* aos que o vierem procurar. Olhe, hoje mesmo mandei avisar o Coelho, e daqui a pouco está elle rentesinho como pão quente. Atrás do primeiro, virá uma troça dos meus peccados... Nada, nada; o senhor não sahe daqui... Então quer deixar *Nocencia*, como ainda está?...

— Verdade é, balbuciou Cyrino.

— Pois então? Nem pensar nisto é bom. Deixe estar por minha conta: vosmecê ha de aqui arranjar os seus negocios.

— Já que o senhor o diz... Eu tinha receio de vexal-o. Uma vez que até cá venham doentes...

— Hão de vir, esteja socegado...

— Ficarei, decidio Cyrino, quanto tempo fôr do seu agrado.

— Ora muito bem, exclamou Pereira esfregando as mãos com sincera satisfação, estou como quero. Quanto ao Sr. *Maia*... Meyer, quero dizer, este ha de criar raizes nesta casa...

— Isso tambem não: tenho tempo marcado pelo meu governo...

— Bem, bem, mas em todo caso fará uma boa temporada comnosco. É pena que o Manecão não chegue, porque apressavamos o casorio, e arranjavamos uma festança como nunca se vio nestes mattos... Mas estou aqui a dar com a lingua nos dentes, sem pensar que os nossos estomagos ainda esperam sua *matula* (1). O almoço não póde tardar:

(1) Matalotagem.

é um pulo só... Se consentem, vou ver lá dentro.

Ao dizer estas palavras sahio da sala, voltando pouco depois acompanhado de Maria, a velha escrava, que trazia a toalha da mesa e a competente cuia de farinha.

— Á mesa, gritou Pereira, almóço hoje com vosmecês. Sr. Meyer, o senhor comerá d'ora em diante commigo e com a menina, lá no interior da casa; ouvio?

E, voltando-se para Cyrino:

— Bem sabe, explicou logo, é como se fosse o Chiquinho.

Depois de prompta a mesa, sentaram-se os tres alegremente.

— Olhe, Sr. Meyer, disse o mineiro servindo o allemão, isto é feijão-cavallo e do melhor. Misture-o com arroz e hervas; ponha-lhe uns salpicos de farinha...

Começou o naturalista a mastigar com a lentidão de um animal ruminante, interrompendo de vez em quando o moroso exercicio para exclamar:

— Delicioso, com effeito! Muito delicioso.

Comia Cyrino pouco e em silencio.

— Na Allemanha, observou Meyer contemplando um grão de feijão, a maior fava não chega a este tamanho. Aqui, a fava de lá teria pollegada e meia pelo menos. Um almoço assim havia de custar na Saxonia dous thallers, ou pelo cambio que deixei no Rio de Janeiro, dous mil e quinhentos réis...

Pereira interrompeu-o com gesto comico.

— Dous mil e quinhentos? Ora, que terra essa! Como é que se chama?

— Sac-sonia, respondeu o allemão com gravidade.

— Saco-sonha! exclamou Pereira. Não conheço... Mas então lá muita gente ha de andar a morrer de fome...

— Pelos ultimos calculos, replicou Meyer com varias pausas durante as quaes introduzia enormes colheradas da mistura que lhe aconselhára o amphytrião, é sabido que em Londres morrem no inverno 8 pessoas á mingoa, em Berlim 5, em Vienna 4, em Paris 2, em Pekim 12, em Ieddo 7, em...

— Salta! atalhou Pereira exultando de prazer, então viva cá o nosso Brazil! Nelle ninguem se lembra até de ter fome. Quando nada se tenha que comer, vai-se ao matto, e fura-se mel de jatahy e mandory ou chupa-se miôlo de macaubeira. Isto é cá por estas bandas, porque nas cidades basta estender-se a mão, e logo chovem esmolas... Assim é que entendo uma terra... o mais é desgraça e miseria...

— De certo! corroborou o allemão, o Brazil é um paiz muito fertil e muito rico. Dá café para meio mundo beber e ainda ha de dal-o para todo o globo, quando tiver mais gente... mais população...

— Bem tenho dito, acudio Pereira tocando

no hombro de Cyrino e deitando-lhe uns olhos de triumpho. Lá fóra é que nos conhecem. Não acha, patricio? Homem, agora reparo... vosmecê está tão calado!... meio casmurro, que é isto? sempre aquelle negocio?

De facto, Cyrino, depois que ouvira o convite a Meyer para conviver no interior da casa de Pereira, tornára-se sombrio, inquieto e meditabundo. O corpo alli estava, mas sua imaginação vigiava zelosa o quartinho onde repousava aquella menina febricitante, tão bella na sua fraqueza e pallidez enferma.

— Se são mulheres, ponderou Pereira, deixe-se disso: não ha maior asneira... É fazenda que não falta.

No meio dos exercicios mandibulares, julgando Meyer, que o seu hospedeiro considerava o sexo feminino debaixo do ponto de vista méramente estatistico, acreditou de conveniencia assentar melhor a idéa que fôra um tanto vagamente aventada.

— Na raça slava, disse elle dogmaticamente, a proporção é de duas mulheres para um homem; na germanica ha aproximadamente numero equivalente, na latina de dous homens para uma mulher. Na França, a proporção para o lado masculino é de...

— Mas o senhor contou? interrompeu Pereira. Deixe-lhe dizer uma cousa: eu cá não engulo aráras...

— *Ni* eu, affirmou Meyer com alguma sorpresa e energia, nem sei como o senhor vem fallar

nesses bichos agora... Se os considera como caça, deve saber que os trepadores têm a carne dura e...

Rio-se Pereira do equivoco e, explicando-o, continuou a discutir com o seu interlocutor, que não discrepava uma linha dos seus principios de methodo e escrupulosa polidez.

— Póde o senhor fallar um anno inteiro, disse o mineiro para concluir, mas quanto á mim não entendo patavina das suas contas e *gigajogas*. Quem me tira da taboada, bota-me no matto... E agora, vamos agradecer a Deus Nosso Salvador por nos ter dado esta comida, ainda que insufficiente e mal temperada.

E, unindo o exemplo á palavra, levantou-se e, de mãos postas unidas ao peito, orou em voz baixa com uncção, no que foi imitado pelos dous hospedes.

— Esteja comvosco o Senhor, disse ao terminar em voz alta e persignando-se.

— Amen, responderam Cyrino e Meyer.

— Agora, annunciou o mineiro sahindo da mesa, vou dar um gyro pela minha roça, onde estão na capina tres pretos *cangueiros* (1), um dos quaes é meu *fazendeiro* (2): depois hei de visitar uns conhecidos meus, avisando-os da sua chegada, doutor. Ah! acrescentou todo desfeito em amavel sorriso, falta mostrar-lhe minha filha, Sr. Meyer.

— Sua filha! exclamou o allemão. Então tem filhos?

(1) Sem prestimo.

(2) Fazendeiro, no sertão de Matto Grosso, é, não o proprietario das terras, mas o capataz, o feitor.

— Sim, senhor. Não se lembra que o seu *vulto* (1) é o do mano Chiquinho? Pois então? Que maior prova lhe posso dar de confiança e amizade?... Não é verdade, Sr. Cyrino?

— Sem duvida, balbuciou a custo o mancebo.

— Minha filha chama-se *Nocencia* e só hoje é que se levantou da cama... Esteve doentinha... Assim mesmo não sei se as maleitas a deixaram... O corpo é ás vezes *caroavel* (2) dessas malditas e...

— Isto está a meu cuidado, atalhou Cyrino com alguma pressa. Ainda ao meio dia ha de ella tomar quina...

— Vosmecê faça o que fôr melhor... Quer vir, Sr. Meyer?

— Pois não, pois não, respondeu amavelmente o allemão.

— É a unica pessoa de familia que tenho aqui, além de um *marmanjão* que está agora na carreira (3) por estas estradas, agenciando a vida... Então, vamos? Venha, tambem, continuou elle voltando-se para Cyrino, um cirurgião é quasi de casa.

Sahiram, pois, os tres. Pereira, na frente, seguio o oitão da direita, e abrindo uma tranqueira do cercado dos fundos, entrou pela cozinha, onde a velha preta Conga estava lavando pratos e arrumando louça branca n'uma prateleira.

(1) Pessoa.
(2) Acostumado, affeito.
( ) Trabalhar.

CAPITULO XII

A APRESENTAÇÃO

Quem, porém, mostrava mais sorpreza e admiração, era Sancho Pança. Nunca, em dias da sua vida, vira perfeição igual.

CERVANTES. — *D. Quixote. CXXIX.*

Ao balsamo, fazem as moscas que n'elle morrem, perder a suavidade do perfume. Uma parvoice, ainda que pequena e de pouca dura, dá motivo a não se ter em conta nem sabedoria, nem gloria.

ECCLESIASTES. — *X.*

EPOIS de atravessarem um quarto um tanto escuro, chegaram os visitantes á sala de jantar, vasto aposento ladrilhado mas sem fôrro, a um canto do qual estava a filha do mineiro, mais deitada do que sentada n'uma especie de camapé de tacuára.

Tinha os pés n'uma bonita pelle de tamanduá-bandeira, onde se acocorára, conforme o habito, o anão a quem Pereira chamára de Tico.

Ao ver chegar tanta gente, abrio a formosa menina uns grandes olhos de espanto; quiz toda en-

leiada erguer-se, mas não pôde e, corando ligeiramente, teve como que um deliquio de fraqueza.

Approximára-se logo Cyrino com vivacidade.

— A dona, disse elle para Pereira, está tão fraca que mette dó.

Chegou-se o pai com Meyer e, tomando as mãos da filha, perguntou-lhe com voz meiga e inquieta:

— Sente-se peior, meu bemzinho?

— Nhôr-não, respondeu ella.

— Pois então!... É preciso não entregar o corpo á molleza... Abra os olhos... Olhe .. está aqui este homem (e apontou para Meyer) que é *allamão* e trouxe uma carta do seu tio, o Chico, lá da Matta do Rio. Quero mostrar que para mim vale tanto como se fosse algum parente muito chegado. Por isto é que venho apresental-o a você...

Ella nada articulou.

— Vamos, diga: Tenho muito gosto em conhecel-o... Diga...

Com vagar e acanhamento, repetio Innocencia estas palavras, ao passo que Meyer lhe estendia a mão direita, larga como uma barbatana de cetaceo e franca como o seu coração.

— Gosto, muito gosto tenho eu, disse elle com tres ou quatro sonóros arrancos de garganta. Só o que sinto é vel-a doente... Mas o doutor não nos deixará ficar mal; não é, Sr. Cyrino?...

E apoiou esta pergunta com um hen? que écoou por toda a sala.

— A senhora, respondeu o interpellado, preci-

saria tomar por alguns dias um pouco de bom vinho do Porto, em que puzesse casca de quina do campo... Mas onde achar agora vinho? Só na villa de Sant'Anna...

— Vinho? perguntou Meyer.

— Sim.

— Vinho do Porto?

— Melhor ainda.

— Pois tudo se arranja. Na minha canastra tenho uma garrafa do *mais superfino* e com a maior satisfação cedo-a á filha do meu *pom* amigo o Sr. Pereira.

— Oh! Sr. Meyer, agradeceu este com effusão, não sabe quanto lhe fico...

— Oh! não tem obrigação nenhuma! Não, senhor. Além do mais, sua filha é muito bonita, muito bonita e parece boa devéras... Ha de ter umas côres tão lindas, que eu daria tudo para vel-a com saude... Que moça!... Muito bella!

Estas palavras que o innocente saxonio pronunciára *ex abundantiâ cordis* produziram extraordinario abalo nas pessoas que as ouviram.

Tornou-se Pereira pallido, franzindo os sobrolhos e olhando de esguelha para quem tão imprudentemente elogiava cara a cara a belleza de sua filha; Innocencia enrubeceu que nem uma romã; Cyrino sentio um movimento impetuoso de estranheza misturado de desespero, e da sua pelle de tamanduá-bandeira ergueu-se meio apavorado o anão.

Em nada reparou Meyer e com a habitual singeleza proseguiu :

— Aqui no sertão do Brasil ha o máo costume de esconder as mulheres. Viajante não sabe de todo se são bonitas, se feias, e nada póde contar nos livros para o conhecimento dos que leem. Mas, palavra de honra, Sr. Pereira, se todas se parecem como esta sua filha, é cousa muito e muito digna de ser vista e escripta! Eu...

— O senhor não quer sahir? interrompeu Pereira com modo aspero.

— Pois não, replicou o allemão.

E como despedida acrescentou, dirigindo-se para Innocencia.

— Chamo-me Guilherme Tembel Meyer, seu humilde criado e estimo muito conhecel-a por ser a senhora filha de um amigo meu e prender a gente com o seu lindo rosto...

Estendeu então a mão, fez um movimento de cabeça e acompanhou ao mineiro que já ia sahindo, branco de colera concentrada.

— E que me diz o Snr. deste homem? perguntou a Cyrino a meia voz e puchando-o de lado.

— Reparei muito nos seus modos, respondeu-lhe o outro no mesmo tom.

— Nem sei como me contenha... Estou cego de raiva... Que presente me mandou o Chico!... É uma peste, este diabo *melado* (1)... Vê uma rapa-

(1) Chamam-se melados os animaes cuja côr é quasi assa.

riguinha e enche logo as bochechas para lhe dizer meia duzia de pachuchadas e graçolas... Não está má esta!... E' um perdido. Nada... Isto não me cheira bem: vou ficar de olho nelle...

— Faz muito bem, apoiou Cyrino.

— Vejam só, continuou Pereira retendo o seu interlocutor para deixar Meyer distanciar-se, em que boas fui eu metter-me!... Se não fosse a tal carta do mano... juro-lhe, que hoje mesmo o cujo dansava ao som do cacete... Malcriadasso! Uma mulher que daqui a dous dias está para receber marido... Deus nos livre que o Manecão o ouvisse... Desancava-o logo, se não o cosesse a facadas... Vejam só, hen?... Sempre é gente de outras terras... Cruz! Tambem vi logo... um latagão bonito... todo faceiro... *havéra* por força de ser *rufião*. (1)

Ouvia-o Cyrino em silencio.

— E mulher, proseguio o mineiro com raivosa volubilidade, é gente tão levada da bréca, que se lambe toda de gosto com ditinhos e requebros desta sucia de *embromadores*. Com ellas, digo eu sempre, não ha que fiar... Má hora me trouxe este *allamão*... Mil raios o partão!... E logo o Chico... Tenho agora de ficar de alcateia... metter-me em *tocaia* (2) e fazer fojos para que a *bracayá* (3) não me entre no gallinheiro. Ora que tal!

(1) Namorador.
(2) Fazer esperas.
(3) Gato do mato.

— Tambem breve vai elle embora, disse Cyrino a modo de consolo.

— Que o demo o leve quanto antes, replicou Pereira. Já estou todo *enfernizado* (1) com o tal homem...

Neste momento, como que de proposito, voltava-se Meyer para os dous:

— Sr. Pereira, disse elle, ficarei na sua casa talvez umas duas semanas. Os burrinhos vão engordar no seu pasto e hei de fazer extensas viagens a pé ao redor da sua fazenda, apanhando tudo que encontrar... Ouvio?

Reprimio o interpellante um gesto de viva contrariedade e, levado pelo instincto e dever de hospitalidade, de prompto respondeu embóra seccamente:

— Fique duas semanas, ou dous mezes ou dous annos. Já lh'o disse: a casa é sua, e palavra de mineiro não volta atráz. Quem está aqui não é o senhor, é o meu irmão mais velho.

Agarrando então com força na mão de Cyrino, acrescentou em voz surda e angustiada.

— Olhe, doutor; veja isto! Que lhe dizia eu?... Ah! meu Meyer, quer se engraçar commigo, não é? Mas cá fico... e uma vez avisado, nem dous, nem tres me botam poeira nos olhos... Não é com essa! *Nocencia* nasceu filha de pobre, mas, graças á Maria Santissima, tem ainda pai com braços fortes e

(1) Encolerisado; frenetico.

muito sangue nas veias para defendel-a dos garimpeiros e cruzadores de estrada... Elle que não brinque com o Manecão: é homem de cabellinho na venta e se lhe bota a mão em cima, esfarella-lhe os ossos, como se fôra veadinho do campo enroscado por sucury...

Ia, comtudo, Meyer, de todo alheio ao temporal provocado por suas inconsideradas palavras; e sem duvida estimulado em suas reminiscencias pela vista da menina que acabára de admirar, cantarolava entre dentes uma velha valsa allemã, dansada talvez com alguma loura patricia em épocas já remotas e de menos severidade scientifica.

CAPITULO XIII

DESCONFIANÇAS

Muitas vezes somos enganados pela confiança; mas a desconfiança faz com que sejamos por nós mesmos enganados.

PRINCIPE DE LIGNE.

QUANDO o nosso saxonio entrou na sala em que estavam as suas cargas, vinha tão contente do gazalhado recebido, da bondade do tempo e das futuras caçadas de borboletas, que despertou a attenção do seu camarada José.

Estava este encostado a uma canastra, a esgaravatar, de faca comprida em punho, a planta dos pés, verificando se alguma pedrinha da estrada se havia engastado na grossa e já insensivel sóla.

— Homem, disse elle com familiaridade, *Mochú* está hoje muito alegre... Vio passarinho verde?

— *Passarrinho* verde? perguntou Meyer. Que é isso? Não vi *passarrinho* nenhum... Vi uma moça muito bonita...

— Ah!... melhor ainda... Conte-me isto... e quem é ella?

— É a filha cá do Sr. Pereira.

— Parabens! parabens! exclamou José com toda a indiscrição. Moça bonita é fructa rara por estas mattarias e brenhas do inferno... Quanto a mim ainda não puz o olho senão em velhas *corcorócas* e serpentões... Outra cousa é no Rio... Não se lembra da procissão de S. Jorge?... Ahi é que sahe á rua uma tafularia de deixar a gente tonta de uma vez... Umas tão alvas!... Outras café com leite... fazenda fina...

— *Júque*, reprehendeu o allemão revestindo-se de ar severo, não tome confiança com gente que não é da sua classe...

— Mas eu não disse nada de máo, *Mochú*, desculpou-se o criado recolhendo-se meio enfiado ao silencio e voltando ao exame dos seus pés.

Quem estava em cima de um brazeiro era Pereira. Decididamente aquelle hospede o punha a perder, proclamando assim com a trombeta da fama que vira Innocencia, com ella conversára, que a achava ao seu gosto... uma rapariga já noiva! Quantas incongruencias, que perigos, ó Santos do paraiso!

Tornava-se caso de muita prudencia. Qualquer passo menos pensado acarretaria consequencias irremediaveis.

É necessario penetrar a força dos sentimentos que sobresaltavam o mineiro para aquilatar-lhe

os transes porque passava e achar natural que seguisse uma linha de conducta toda de duvidas e vacillações.

Se de um lado creava involuntaria admiração por Meyer e, rodeando-o em sua imaginação, do prestigio de uma belleza irresistivel, via augmentar o seu terror em abrigar tão perigoso seductor ; do outro sentia as mãos presas pelas obrigações imperiosas da hospitalidade, e esta com a recommendação expressa do seu irmão mais velho, assumia caracter quasi sagrado. Juntem-se a isso os preconceitos sobre o recato domestico; a responsabilidade de vedar o sanctuario da familia aos olhos de todos; o amor extremoso á filha, na qual não depositava, comtudo, como mulher que era, confiança alguma; as supposições logo ideadas sobre a impressão que naturalmente aquelle estrangeiro produzira no coração da sua Innocencia, já pertencendo ella quasi a outrem, e as collisões que previo para manter inabalavel a sua palavra de honra, palavra dada em dous sentidos agora antagonicos ; um mundo emfim de impressões e terrores ; e tudo isso revolvendo-se na cabeça de Pereira, reflectia-se com sombrios traços de inquietação em seu rosto habitualmente jovial.

— Porque razão, perguntou elle a José Pinho para desviar aquella conversa que tanto o magoava, chama vosmecê o Sr. Meyer de *Mochú ?*

Rio-se o carióca com ar de superioridade e respondeu desembaraçadamente :

— Ah ! É um modo de fallar...

— Como assim ?...

— Já lhe ponho tudo em pratos limpos... Vosmecê não o chama de Sr. ?

— Chamo-o.

— Pois então ?... Eu tambem o chamo assim... mas fallo em francez. *Mochú* quer dizer senhor nessa lingua.

— Ah ! replicou Pereira dando-se por convencido, então é isso ? Pensei que fosse outra cousa...

— *Júque*, avisou Meyer que estava a remexer nas canastras, prepare tudo : nós vamos ao matto agora mesmo...

— Venha commigo, propôz o mineiro com voz insinuante. Eu lhe apontarei lugares, onde ha dessa bicharia miuda, cousa nunca vista.

— Com muito gosto, concordou o allemão.

E, voltando-se para o camarada :

— Ande, *Júque*, ordenou elle, bote a pita para fóra, caixas de folha de flandres, chloroformio, rede prompta... Depressa, homem, depressa !

José Pinho, instigado por estas palavras, entrou a voltear de um lado para outro, como que atarantado com o excesso de serviço.

— Minhas lentes, pedio o naturalista, o sacco para as hervas, o canudo para os bichos de casca grossa... Depressa... Vou ajudal-o.

E por seu turno começou a tirar das canastras os objectos de que necessitava, enfiando a tira-collo dous ou tres talabartes finos que sustentavam umas

caixinhas encouradas. N'uma dellas, havia um copo de prata com a competente corrente; n'outra, um faqueiro de peças dobradiças e de metal do principe. Tambem assentou ao flanco um frasqueira defendida de choques externos por um trançado fino de vime e que continha aguardente, comprada de fresco na villa de Sant'Anna do Paranahyba.

Não contente com o peso de todos esses appendices á sua pessoa, cingio largo talim com uma especie de patrona de folha de flandres e que sustentava um grande facão inglez, um rewolver e uma espada de caça.

Depois de ter vagarosamente arranjado sobre si cada uma destas peças, com grande espanto de Pereira e até de Cyrino, substituio Meyer os oculos habituaes por um par de outros, de vidros afumados, muito grandes e convexos, destinados a defender-lhe amplamente os olhos dos ardores do sol. Munio-se, além d'isto, de outro singular meio de preservação: uma rodella ampla de panno branco forrado de verde, que augmentava as abas do chapéo do Chile, descansando em parte sobre ellas.

Com esse trajo, ficou de certo a mais estapafurdia figura que algum christão encontrar podia naquellas trezentas leguas em derredor; entretanto, Pereira sentio-se offendido com aquelles cuidados de prevenção méramente scientifica, que lá no seu bestunto qualificava de faceirice feminil.

— Veja, disse elle para Cyrino, como este *maricas* gosta de enfeitar-se!... Você não me engana, não, Sr. *allamão* das duzias...

Mirava-se nesse momento o naturalista para verificar se lhe faltava alguma cousa.

— Estou prompto, exclamou elle, e muito desejoso de entrar no matto.

— Ponham-te a tinir os carrapatos, resmoneou Pereira.

— Ah! disse Meyer, e minhas luvas... *Júque*, procure na canastra n.º 2, á esquerda, no segundo canto.

Sacou o camarada umas grandes luvas de lã, brancas, muito largas, já usadas e sujas, nas quaes o allemão enfiou de um jacto as mãos

—Agora, sim! annunciou elle com satisfação. E, dando um sonóro e prolongado hum!, empunhou a rede de apanhar borboletas.

Depois, levando um dedo á testa:

— Ah! exclamou, e o vinho! Não me ia eu esquecendo?... O vinho para a sua filha, Sr. Pereira, sua linda filha.

O mineiro encolheu com furor os hombros e disse em aparte a Cyrino:

— Fez-se de esquecido só para fallar na menina... Veja, bem. Este *calunga* não me bota areia nos olhos.

E acrescentou alto, recebendo a garrafa que o camarada José Pinho tirára de uma das canastras:

— Agradeço o seu presente, Sr. Meyer, mas

se... lhe faz a menor falta... a pequena ha de curar-se sem isto...

— Não, não, não, não, respondeu o saxonio com uma serie de negativas que parecia não dever ter fim.

— Neste mundo, rosnou Pereira mais para si do que para ser ouvido, ninguem mette prégo sem estopa; mas com sertanejos... não se brinca.

Cyrino tomára a garrafa.

— Isto, affirmou elle, acaba com certeza a cura.

E, esquivando-se de pronunciar o nome e a qualidade da pessoa de quem estava tratando:

— Ella ha de ter hoje algum appetite e poderá levantar-se um pouco, pois já tomou o seu caldinho.

— Então ao meio dia, recommendou Pereira muito baixinho a Cyrino, vosmecê mande chamar a menina e dê-lhe a mézinha. Ouvio? Já avisei lá dentro...

Cyrino abanou a cabeça, tomando ar mysterioso.

— Eu cá estarei com olho vivo no bichão... Parece-me *çuçuarana* (1) á espera de veadinhas campeiras... Não terá este vinho algum feitiço?

Negou o outro com energia tal possibilidade.

— Eu sei cá, continuou Pereira. Estes namoradores são capazes de muita cousa... Nunca ouvio

(1) Especie de onça.

contar historias de *pirlas* (1) e beberagens... hen? diga-me, nunca?

— Socegue, Sr. Pereira, acudio Cyrino, hei de examinar o liquido... tenho certeza que não haverá novidade.

— Muito que bem... Então, ao meio dia em ponto... chame a Maria Conga ou o Tico. *Nocencia* ha de vir se arrastando até cá... e o doutor lhe dará a dóse...

— Ella sahir já? objectou Cyrino com admiração. Não, senhor; em tal não consinto... Irei dar-lhe o remedio... Não me custa nada...

Pereira ficára meio perplexo.

— Não sei...

E com subita resolução:

— Pois bem, virei da roça até cá... Se eu não apparecer, então o senhor dê um pulo e faça-a tomar a dóse... Quanto a este *allamão melado*, levo-o para longe e não o trago senão bem tarde e tão moido do passeio que só ha de pensar em dormir.

Dava-se com Pereira um facto natural e comesinho nas singularidades do mundo moral.

Á medida que as suspeitas sobre as intenções do innocente Meyer iam tomando vulto exagerado, nascia illimitada confiança naquelle outro homem que lhe era tambem desconhecido e que lhe causára a principio tanta prevenção como o segundo.

(1) Pilulas.

É que as difficuldades e collisões da vida moral quando se aggravam, tão fundo nos incutem a necessidade do apoio, sympathias e conselhos dos outros, que qualquer alliado nos serve, embora de muito mais proveito fôra bem pensada reserva e menos confiança n'esses auxiliares de occasião.

CAPITULO XIV

REALIDADE

Cordelia — Ha de o tempo desvendar
o que hoje esconde a discreta hypocrisia.

SHAKSPEARE — *O Rei Lear* —
Acto I.

Depois que Cyrino vio sumir-se Pereira com os dous companheiros além do laranjal da casa, seguindo em direcção á róça por uma vereda pedregosa e cheia de seixos rolados, nos quaes iam as patas dos animaes batendo; depois que teve certeza de que ficára só naquella vivenda, entrou em grande agitação.

Ora passeava pelo quarto rapida e inquietamente; ora media-o com passo lento em muitas direcções; ora emfim, sahia para o terreiro e alli, com a cabeça descoberta, ficava a olhar attentamente para diversos lados, abrigando com a mão aberta os olhos dos vivissimos raios do sol.

Promettia o dia ser muito calido. Por toda parte chiavam estridulas as cigarras, e ao longe se ouvia o metallico cacarejar das seriemas nos campos.

Ás vezes encarava Cyrino o sol; depois tapava os olhos deslumbrados e, tomado de vertigem, voltava para a sala, onde recomeçava os seus passeios.

Porque porém não descansava aquelle mancebo? Elle, que armára uma rede de tucúm tão fresca e de malhas abertas, a qual, balouçando-se levemente á brisa, parecia convidal-o á confortante sésta....

Porque não imitava os bacorinhos que, entrando familiarmente pela sala a dentro, se haviam abrigado dos ardores do dia e, deitadinhos debaixo de uns giráos, já resonavam, presa de gostoso somno?

Tudo quanto vivia appetecia a sombra e o repouso. Fóra, o sol reverberava violento em seus fulgôres, e as sombras das arvores iam cada vez mais diminuindo. Até uma egoa com o esguio e pelludo poldrinho deixára o distante pasto e viera abrigar-se á protecção da casa, junto á qual parára, já meio a cochilar.

Á enervadora acção do calor estival, juntavam sua influencia as monotonas modulações de umas chulas e modinhas, cantadas ao som da viola de tres cordas pelos camaradas de Cyrino, acommodados no rancho junto ao paiol de milho.

Entretanto a tudo resistia o joven, e consultava com crescente desassocego o seu relogio de prata, tirando-o a cada instante do bolso.

Passaram os segundos, minutos e horas. Afinal soltou elle um suspirio de allivio:

— Meio dia!... Cuidei que nunca havia de chegar!...

Sahindo todo reanimado para o terreiro, chamou com voz forte:

— Maria!... O' Maria Conga!...

Ninguem lhe respondeu. Só do lado da cozinha ladraram uns cães.

Depois de esperar algum tempo, rodeou Cyrino toda a casa, como fizera com Pereira e, encostando-se á cerca que impedia a approximação do lanço dos fundos, tornou a chamar:

— O' Maria?!... Maria!... Está dormindo, minha velha?

Vendo que os gritos ficavam sem resposta, saltou então o cercado e foi caminhando para a porta da cozinha, de vagar porém, e como que a medo.

— O' Maria?!... Minha *tia!*... Olá! Oh de casa! chamava elle.

Afinal appareceu, não a velha escrava, mas o anão Tico que, com imperioso movimento de cabeça, pareceu indagar a causa daquelle intempestivo alarma.

— Que é da Maria Conga? perguntou Cyrino chegando-se a elle.

Com moderada gesticulação, mas muito expressivamente deu Tico a entender que a preta fôra ao corrego lavar roupa.

— E não ha mais ninguem em casa? inquirio o outro.

Mostrou o anão, com singular expressão de orgulho e de despeito, que alli estava elle e deitou um olhar de colera para o imprudente curioso.

— Bem, replicou Cyrino sorrindo-se, vá você então dizer á sinhá dona que já chegou a hora de tomar o remedio. Trago o vinho, e é preciso quanto antes preparar café.

Desappareceu Tico, fazendo um aceno ao intitulado medico para que esperasse fóra.

— Ora, exclamou este com aborrecimento e tom de chacota, aqui ao sol?!... Não está má esta!... E que tal o mestre *nanica?*...

Sem mais ceremonia entrou, pois, na casa, penetrando no quarto que ficava entre a cozinha, theatro da actividade de Maria Conga e a sala de jantar, onde se déra a apresentação de Meyer á Innocencia.

Dahi a pouco, ouvio passos arrastados e aos seus olhos appareceu Innocencia embrulhada em uma grande manta de algodão de Minas de variegadas côres e com os longos e formosos cabellos cahidos e puxados todos para trás. Os grandes e avelludados olhos orlados de fundas olheiras e o quebrantamento do semblante muita fraqueza ainda denunciavam; entretanto as setinosas faces como que se apressavam em tomar côres, á semelhança de rosas impacientes de desabrochar e expandir-se vivas e alegres.

Ao chegar á porta, não a transpoz; mas encostando-se á grossa trave que fazia de umbral, alli

ficou parada, indecisa e com o olhar turbado e esquivo.

Ao vêl-a, deu Cyrino com timidez alguns passos ao seu encontro; depois por seu turno estacou junto a uma cadeira de comprido espaldar, antigo e solido traste trazido por Pereira da sua casa de Piumhy.

Após longa pausa, em que por vezes se cruzaram incertos os olhares, perguntou com esforço:

— Então... minha senhora... como está?... Sente-se melhor?

— Melhor, obrigada, respondeu Innocencia com voz aflautada e muito tremula.

— Comeu já alguma cousa?

— Nhôr-sim... uma aza de frango, mas com... bastante vontade.

— Sente o corpo moido?

— A canceira está passando... hontem muito mais...

A pouco e pouco, fôra Cyrino recuperando o sangue frio e se approximára da moça, que mais se apegou á ombreira, como que a procurar abrigo e protecção.

De um lado da porta ficou ella; do outro Cyrino, ambos tão enleiados e cheios de sobresalto que davam razão ás olhadas de espanto com que os acercava Tico, empertigado bem defronte dos dous em suas encurvadas perninhas.

— Pois chegou a hora de tomar o remedio...

— Já *seu* doutor? implorou Innocencia.

— Nhã-sim.

— Eu não tenho mais nada...

— É para cortar de uma vez as sezões... Olhe, se ellas voltassem... era um grande desgosto para mim...

— Mas é tão máo! objectou ella.

— Não é bom *devéras*... mas *bem melhor* é voltar á saude... Com um bocadinho de coragem, a gente engole tudo sem muito custo... Já que lhe amarga tanto... beberei tambem uma pouca...

— Oh! não! protestou Innocencia.

— É para lhe mostrar... que quero sentir... o que mecê sente.

Fez-se a menina da côr da pitanga, levantou uns olhos sorpresos e voltou logo o rosto para fugir dos olhares de Cyrino.

— A mézinha? pedio ella por fim toda commovida.

— Ah! é verdade! exclamou Cyrino. Ande, Tico: vá buscar café na cozinha. Lave bem um pires... percebeu?

O anão fitou o moço com altivez e não se mecheu.

— Você é surdo?

— Não, respondeu Innocencia. Tico ás vezes por manha é que se faz *ansim* de mouco.

Voltando-se então para o homunculo, insistiu com voz meiga e carinhosa:

— Vai, Tico; é para mim, ouvio?

Transformou-se repentinamente a physionomia do anão. Pairou-lhe nos labios ineffavel sorriso; meneou a cabeça duas ou tres vezes com a força de uma affirmação; mas, colerico, enrugou a testa e moveu olhos inquietos e duvidosos.

Innocencia teve que repetir o recado.

— Já lhe disse, Tico: vá buscar o café.

A esta quasi ordem não ousou elle resistir, mas sahio de vagarinho, voltando-se varias vezes antes de entrar na cozinha, onde muito pouco se demorou.

Neste entrementes tomára Cyrino o pulso de Innocencia e, sem pensar no que fazia quebrando a debil resistencia da menina, cobrira-lhe de beijos o braço e a mãosinha que havia segurado.

— Meu Deos! balbuciou ella, que é isto?... Olhe, ahi vem o Tico.

Recuou então o mancebo e, para melhor disfarçar a commoção, adiantou-se para o anão que vinha trazendo na mão direita uma vazilha de folha de flandres, e na outra um pires com colher.

— Muito bem, disse elle, ponha tudo em cima da mesa.

E preparando rapidamente o medicamento, apresentou-o a Innocencia, que sem hesitação o sorveu todo.

— Deixe-me um pouco, exorou com ternura Cyrino, um pouco só... Se é tão máo... soffra eu tambem.

— Não, respondeu ella com alguma energia, porque *havéra* de mecê soffrer?

E, ou por effeito do inexprimivel e desconhecido abalo que experimentava no estado de debilidade a que chegára, ou por ser aquella a hora em que costumava a febre salteal-a, o certo é que teve de encostar-se ou melhor agarrar-se ao umbral para não cahir a fio comprido no chão.

— Oh! exclamou com angustia Cyrino, a senhora vai desmaiar.

Transpondo então o limiar da porta, tomou nos braços a pallida donzella, sem reluctancia encostou a desfallecida cabeça ao seu hombro e com o halito offegante aos poucos lhe foi fazendo voltar ás faces o precioso sangue.

— Estou melhor, balbuciou ella procurando afastar a cabeça de Cyrino.

— Não se faça de forte a tôa, acudio este. Vamos até áquella cadeira.

E com toda a lentidão e cuidado, foi levando a convalescente até sental-a, desembaraçando-a depois dos muitos cabellos que todos revoltos haviam invadido o collo e lhe cahiam sobre o rosto.

— Quanto cabello! exclamou Cyrino meio risonho.

Com muita attenção seguira Tico as peripecias de toda aquella scena. Ao vêr Innocencia perder quasi os sentidos, soltou um grito surdo de desespero; depois, foi seguindo-a até á cadeira e, ajoelhado diante della, contemplou-a com inquietação.

Cyrino quiz aproveitar a occasião para um congraçamento.

— Então está com cuidado, Snr. Tico?... Não é nada...sua ama fica boa logo...Não é o que você quer?

Ao ouvir esta interpellação, levantou-se o anão e correspondeu ao sympathico annuncio do moço com um olhar de desprezo e pouco caso, como que a dizer:

— Não se metta commigo, que não quero graças com você, medico de arribação!

— Agora, disse Cyrino voltando-se para Innocencia, vai mecê beber dous góles deste vinho... Verá logo que *sustancia* ha de sentir dentro do corpo.

Desarrolhou, então, com a ponta da comprida faca que tirou do cinto, a garrafa de vinho, offerecida por Meyer, e n'um caneco de louça branca apresentou á moça um pouco do roborante liquido.

Molhou a doentinha os labios e gratificou o obsequioso mancebo com um sorriso encantador.

Decididamente lhe agradava aquelle medico: curava do seu corpo enfermo e entendia-lhe com a alma. Raros homens que não seu pai e Manecão, além de pretos velhos, tinha ella até então visto; mas a ella, tão ignorante das cousas e do mundo, parecia que ente algum nem de longe poderia ser comparado em elegancia e belleza com esse que lhe ficava agora em frente. Depois, que cadeia mysteriosa de sympathia a ia prendendo áquelle estranho, simples viajante que via hoje, para nunca mais tornar a vêr, sem duvida?

Quem sabe se a meiguice e bondade que lhe dispensava Cyrino não eram a causa unica desse sentimento novo, desconhecido, que de chofre nascia em seu peito, como depois da chuva brota a flôr do campo?

A muito a gratidão obriga.

Rapidos correram esses pensamentos pela mente de Innocencia, ao passo que os seus olhos se iam erguendo até se fixarem em Cyrino, limpidos, grandes, abertos, como que dando entrada para que elle lêsse claro o que se passava em sua alma.

— Sinto-me tão bem, disse ella com metal de voz muito suave, tão leve de corpo, que parece que nunca mais hei de ficar *mofina*.

— Não, não de certo! exclamou Cyrino, nunca mais. Além disso aqui estou e...

Com a sua chegada, interrompeu Maria Conga, a velha negra, aquelle começo de dialogo. Vinha da fonte com volumosa trouxa de roupa que entrou a estender em compridos bambús, assentes horizontalmente sobre forquilhas fincadas no chão.

Despedindo-se então Cyrino de Innocencia,

— Agora, disse-lhe risonho e pegando-lhe na mão, socegue um pouco: depois tome um caldo e... queira-me bem.

— Gentes! Porque não lhe *havéra* de querer? perguntou ella com ingenuidade. Mecê nunca me fez mal...

— Eu, retrucou Cyrino com fogo, fazer-lhe mal? Antes morrer... Sim... dona... de minha alma, eu...

E, sem concluir, disse repentinamente:

— Adeus!

Depois, com passo lento, foi sahindo e passou diante da janella, junto á qual ficára Innocencia sentada.

— Olhe, recommendou elle recostando-se ao peitoril, cuidado com o sereno...

— Nhôr-sim...

— Não beba leite...

— Mecê já disse.

— Coma só carne de sol...

— Já sei...

— Então, adeus... adeus, menina bonita!

E, a custo, despegou-se daquelle lugar, em que quizéra ficar, até que de velhice lhe fraqueassem as pernas.

CAPITULO XV

HISTORIAS DE MEYER

> Grande felicidade é ter um filho prudente e sabio; mas quanto a filhas é para todo pai carga bem pesada.
>
> MENANDRO — *Os primos.*

COM a tarde voltaram Meyer, José Pinho e Pereira, e pouco depois d'elles tres avelhentados escravos; estes dos trabalhos agrigolas, aquelles de grandes excursões entomologicas.

Vinha o mineiro meio risonho e em altos gritos acordou Cyrino que, deitando-se a dormir, sonhára todo o tempo com a graciosa doente.

— Olá, amigo, olá, doutor! chamou Pereira com voz retumbante, isto é que é vida, hen? Emquanto nós trabalhamos, eu e o *Mochú* do José, você nesta cama de velludo!...

— É verdade, concordou o moço, apenas os Srs. sahiram, estendi as pernas e até agora enfiei um somno só...

— E o remedio da menina? perguntou Pereira abaixando a voz.

— Ora, Sr., e eu que me esqueci!... Não faz mal... se ella não teve febre... Ah! espere... agora me lembro!... Eu lh'o dei... estou ainda tonto de somno.

Pereira rio-se.

— Estes doutores matam a gente, como se fosse cachorro sem dono... N'um momento lhes passa da cachóla se deram ou não mézinhas e venenos a christãos...

Vendo que Meyer sahira da sala, mudou repentinamente de tom, proseguindo em voz baixa e muito rapidamente:

— Então sabe que o tal *allamão* levou todo o dia, só querendo puxar conversa sobre a menina?

— Devéras?

— É o que lhe digo... E... eu com as mãos atadas por aquelle offerecimento de leval-o a comer lá dentro!... Nada, nem que desconfie e se arrenegue dos meus modos... não me pisa em quarto de familia... Deus te livre!...

Com effeito á hora de ceiar, Meyer manifestou sorpreza de comer na mesma sala, não que tivesse motivos para desejar outro qualquer local, mas methodico como era, gravára na mente a promessa de Pereira e, por delicadeza, suppunha dever lembral-a.

As desculpas que o mineiro apresentou foram arranjadas de momento e ajudadas victoriosamente por Cyrino, carregando este com a responsabilidade de haver recommendado á enferma muito socego, quasi completa solidão.

De modo muito expansivo manifestou-se tambem o reconhecimento de Pereira.

— Estou conhecendo, disse elle em aparte e apertando a mão de Cyrino, que o doutor é homem sério e com quem se póde contar... Deixe estar... o Manecão ha de ser amigo seu... Isto ha de sêl-o... Pessoas de bem devem conhecer-se e estimar-se... Ora, veja o tal *cujo*... que temivel, hen?... Não faz mal, ha de ter o pago.

Se Pereira se mostrava contrariado e inquieto, muito pelo contrario parecia o naturalista nadar em mar de rosas.

— Sr. doutor, declarou elle a Cyrino á mesa da ceia, por muitos motivos estou em extremo contente com a minha estada aqui... Hoje achei mais bichinhos curiosos, do que em todas as zonas por que tenho andado...

— Vosmecê nem imagina, interrompeu Pereira dirigindo-se para Cyrino, o que faz este senhor quando está dentro do matto. Ha de ainda quebrar o pescoço n'algum barranco em que se atire, pois caminha sempre com as ventas para o ar... Não sei como não tem ambos os olhos furados... não repara em galhos nem em nada... o que só quer é agarrar *anicetos*... Já o avisei umas poucas de vezes; agora, sua alma, sua palma...

Judiciosas eram as advertencias do mineiro e bem cabidas, tanto assim que n'uma das tardes seguintes voltou Meyer todo arranhado e com

gilvaz tão grande, que immediatamente deu nas vistas de Cyrino.

— Que foi isto, Sr. Meyer? perguntou elle com admiração. Andou o Sr. por ahi fóra aos trambolhões com alguma onça?

— Oh! não é nada, respondeu fleugmaticamente o allemão.

— E a sua roupa vem suja de barro... toda rota...

Desatou Pereira a rir.

— Isto são historias deste homem... Eu bem lhe dizia o que mais dias menos dias tinha de acontecer. Meu amigo não sabe do dictado:... Fia-te na virgem e não corras e verás o tombo que levas?... Tambem foi um dia em que me ri a mais não poder. Tomei um fartão... Imagine vosmecê que o tal Sr. Meyer, como já lhe contei, anda pulando dentro da matta como se fosse veado matteiro... O José Pinho, que é mitrado, vai sempre pela estrada limpa...

— Preguiçoso, atalhou Meyer a modo de observação.

— Juizo tem elle, proseguio o mineiro; mas, como ia dizendo, cá o Sr. com seus arrancos e saltos parece anta disparada. Em apparecendo bichinho voador, zás, trás que darás, lá vai elle logo sem olhar para os páos, podendo pisar em cobras e espinhos, com aquella rede na mão e tanto faz que engalfinha sempre algum animalejo... Hoje fui para a roça, e o homem furou o matto, em-

quanto José buscou uma sombrinha e entrou logo a roncar como um perdido...

— Eu, não Sr., protestou José Pinho que queria ouvir a historia.

— *Vôce* sim, corroborou Meyer com severidade, preguiçoso!... Ande... dê cá a pita.

— Pois bem, continuou Pereira, dahi a duas horas voltou *Mochú* neste estado pouco mais ou menos; mas trazia uma caixa cheia de bichos do matto...

— Ah! perguntou Cyrino, e são bonitos?

— Não ha mais nada, suspirou Meyer com tom dolente, o trabalho ficou perdido!... Eu tinha apanhado cinco especies novas... Uma quéda...

— Deixe-me contar o caso, atalhou Pereira. Oh! eu me ri... eu me ri...

E, para confirmar a asserção, pôz-se novamente a dar gargalhadas, que foram acompanhadas por José Pinho e por Meyer, da parte deste com menos expansão comtudo.

— Appareceu-me o *Mochú* muito contente com a sua caixa, como se tivesse o rei na barriga. Era uma *immundicie* de besouros e até cigarras, que o Sr. nem póde imaginar... Havia de tudo. Depois, quando voltavamos da roça, enxergou elle n'um páo pôdre um *aniceto* vermelho e foi correndo a apanhal-o. Eu lhe bradei: — Olhe, que ahi tem barranco: a arvore é pôdre eôca, e vosmecê rola no despenhadeiro, que nem a sua alma se salva. — Qual! O homem é teimoso, como um cargueiro

empacador... Eu lhe gritava: — Tome tento, *Mochú!* — Sem attender a nada, começou a caminhar em cima da *sipoada* que cobria a boca de um *percipicio*, fundo como tudo neste mundo... Quando ia botar a mão no tal bicho encarnado, encostou-se ao páo e... zás!... afundou-se, dando um grito esganiçado que parecia de cotia. Mal teve tempo de agarrar-se aos sipós e lá ficou entre a vida e a morte, chamando *Júque*, *Júque!*... Eu, quando vi isto, mandei a toda pressa buscar na roça uma vara comprida e, se ella não chega logo, o Sr. Meyer e toda a sua bicharada rolavam de uma vez naquelles fundões...

— Não, rectificou o allemão, bicho rolou: caixa abrio e tudo cahio no fundão...

— Pois bem, o *Mochú* segurou-se com unhas e dentes ao páo e nós o puxámos devagarinho, devagarinho, com um medo, um medo!... Maria Santissima!...

Fazendo breve pausa:

— O mais engraçado ainda não chegou, avisou o mineiro. Ah! vosmecê vai tomar uma boa *data* (1) de riso. Quando o *Mochú* ganhou pé em terra, pôz-se a pular como um cabrito doido, por aqui, por acolá, pulo e mais pulo e gritando como se o estivessem esfolando... Estava... ah! meu Deus!... estava cheio de formigas *novatas*! (2)

(1) Porção, quantidade.

(2) A dentada dessas formigas é muito dolorosa. Provém o seu nome, de que novatos são aquelles que se deixam morder por ellas.

— Sim, exclamou Meyer com desespero, formiga de páo pôdre!... *Mein Gott!*... Eu rasgo a roupa... eu pulo... eu gemo... fico nú, como quando minha mãi me botou no mundo!... Horrivel!... Formiga do diabo!... Faz calombo em todo meu corpo!... Muita dôr!...

Com reiteradas e estrondosas gargalhadas acolheram Pereira, Cyrino e José Pinho essas energicas imprecações.

— Podéra, observou o mineiro, isto cural-o da sua mania de não ouvir os outros que conhecem as cousas.

E, voltando-se para Cyrino:

— A verdade é que o corpo delle... Que corpo, Sr. doutor, tão *arvo!*... ficou todo empolado que foi preciso esfregal-o com folhas de fumo. Depois tomou um banho no ribeirão...

— Tudo estava muito bom, observou Meyer, se caixa não abre e atira no buraco meu trabalho...

— Ora, ficará para amanhã, consolou-o philosophicamente o camarada.

Pereira, acalmado o frouxo de riso, approximára-se de Cyrino e lhe fallava a meia voz:

— Ah! doutor, tive uma vontade de deixar este *allamão* sumir-se no socavão!... Se não fosse meu hospede, emfim, e recommendado do meu mano, palavra de honra, *pinchava-o* de uma vez no inferno... Não sou nenhum *pinoia* (1)...

(1) Homem fraco.

— Mas porque? indagou Cyrino simulando admiração...

— O Sr. ainda me pergunta?... Porque o homem não me faz senão fallar em *Nocencia*... Outra vez me disse que ella era muito bonita e mil cousas... perguntou se estava casada, se não; que era preciso casar as mulheres para bem dellas... Eu lá sei o que mais?... Isto é um bruto perdido... um namorador!...

— Qual, Sr. Pereira!...

— É o que lhe digo!... Por acaso sou cobra de duas cabeças (1) que não veja?!... Ah! que peso uma filha!... Ah!... E então uma menina que já está apalavrada... Isto é uma *anarchia* (2)! Que diria meu genro, o Manecão?...

— Não poderá dizer nada, retrucou o moço. E que diga, não faltará quem queira sua filha...

— Louvado Deus, não, de certo! Eu é que não quero que ella ande de mão em mão... Ou casa com o Dóca, ou...

— Ou... o que? perguntou Cyrino com inquietação mas fingindo pouca curiosidade.

— Ou mato a quem lhe vier transtornar a cabeça... Commigo ninguem ha de tirar farofa!... E não hei de ter mil cuidados, quando vejo este *estranja* estar com suas macaquices a dar no fraco das mulheres?

— Por ora, nada fez elle...

(1) É crença popular que umas cobrinhas que vivem dentro de terra fôfa têm duas cabeças e não têm olhos.

(2) Desmoralisação.

— Por ora... só leva a fallar na pobre menina, que a Sra. Sant'Anna guarde de todo mal !... Podesse eu adivinhar e, macacos me mordam, se punha os olhos em cima de *Nocencia*. Nem que viesse com cartas e ordens do Sr. D. Pedro 2.°... Chamei o José Pinho, proseguio elle em voz baixa, e dei-lhe uns toques. — Então, disse-lhe eu, seu amo é o diabo com mulheres, hen ? Elle que é muito *ladino* (1), respondeu-me logo — Nhôr-não. — Assumptei a *embromação* (2). — Qual, você, carioca, tem levado areia nos olhos. — Eu?... não é capaz... — Então você não tem visto o que faz seu amo? — Tem sido um santo, retrucou o espertalhão. No Rio, sim — Na côrte ? — Nhôr-sim, na côrte. Ia todas as noites a uma casa de bebidas, assim uma especie de venda de muito luxo e lá estava horas perdidas petiscando e conversando com senhoras de vida alegre, muito bonitas, *bem limpas*... algumas com o pescoço e os braços todos á mostra...

— Contou-lhe isto ? atalhou Cyrino com alguma duvida e sobresalto.

— Contou, affirmou Pereira com furor. Vejam só que homem, hen ? Isto é um mequetrefe !... Esta noite e d'ora em diante, venho dormir nesta sala a ver se elle me meche da cama. Ah ! se eu pudesse !... cahia-lhe de *cala-boca* (3) em cima, que lhe deixava as costellas em lascas.

(1) Qualificativo muito usado em todo o interior do Brasil.
(2) A mentira, o engano.
(3) Em Minas assim chamam um cacete curto e grosso.

Acabavam as imprudentes historias de José Pinho de pôr a ultima pedra ao edificio de desconfiança que tão depressa erigira a imaginação de Pereira em desconceito de Meyer. O que nellas havia de verdade, eram apenas algumas horas de lazer, consagradas, durante a estada no Rio de Janeiro, pelo naturalista ao consumo de grandes copazios de cerveja no café *Cidade de Coblentz*, e nas quaes entretivera risonhos, bem que innocentes colloquios com pessoas do sexo amavel, frequentadoras daquelle estabelecimento e de costumes não lá muito rigorosos.

CAPITULO XVI

O EMPALAMADO

Aos homens não faltão importunações. Quanto á vossa capacidade, bem a conhecemos.

MOLIÈRE.--*O medico á força.*

CONFORME o promettido, trouxe Pereira a rede para a sala dos hospedes e, encetando um modo de vigilancia muito especial, ainda que perfeitamente inutil em relação á pessoa suspeitada, associou os sonoros roncos do valente peito á ruidosa respiração de Meyer.

Se, comtudo, não tivessem seus olhos a venda da confiança, ou melhor se o somno não os acommettesse sempre com tamanha imposição, de certo em breve houvera estranhado a cruel agitação em que vivia Cyrino e que este não podia mais encobrir.

Na verdade, o seu modo de passar as noites era de fazer nascer suspeitas no espirito mais indifferente e desprevenido. Ou se revolvia na cama, dando mal abafados suspiros, ou então sahia para

o terreiro, onde punha-se a passear e a fumar cigarros de palha uns após outros, até que os gallos, alcandorados na cumieira da casa e nas arvores mais proximas, annunciassem as primeiras barras do dia.

Desabrida paixão enchia o peito daquelle infeliz; dessas paixões repentinas, explosivas, irresistiveis, que se apoderam de uma alma, a enleiam por toda a parte, a prendem com mil braços, a suffocam como as serpentes de Minerva a Laocoonte. Conhecedor, como era, dos habitos do sertão, do jugo absoluto dos preconceitos, do respeito fatal á palavra dada, antevia tantas difficuldades, tamanhos obstaculos diante de si, que, se de um lado desanimava, do outro mais sentia revoltar o nascente e já tão violento affecto.

— Deus me ajudará, pensava comsigo mesmo: o que só quero é a amizade de Innocencia... Ha dias que não a vejo... se não puder mais vel-a... dou cabo da vida...

Sublevava-se o coração, o sangue gyrava-lhe com vertiginosa rapidez nas veias e vinha toldar-lhe a vista, trazendo ondas de intenso calor ao rosto.

— Nossa Senhora da Abbadia, implorava elle puxando os cabellos com desespero, valei-me neste apuro em que me acho! Dai-me pelo menos esperanças de que aquella menina poderá um dia querer-me bem... Nada mais desejo... Possa o fogo que me consome abrazar tambem o seu peito...

Costumava a fervorosa prece dirigida á Santa da especial devoção de toda a provincia de Goyaz acalmar um pouco o mancebo, que alquebrado de forças pegava do somno para instantes depois acordar sobresaltado e cada vez mais abatido.

Tambem estava sempre de pé, quando Pereira costumava saltar da rede.

— Oh! observou elle da primeira vez, isto é que se chama madrugar!

— Pois é fóra do meu costume, replicou Cyrino, todas estas noites tenho passado mal....

— Na verdade vosmecê não está com boa cara...

— Creio que me entraram no corpo as maleitas.

— Esta é que é boa! Então o doutor foi *emprestar* (1) da doente a molestia?... Olhe, é preciso pôr-se forte, porque hoje mesmo ha de lhe chegar uma boa *machina* de doentes...

— Melhor...

— Já está tudo espalhado por ahi de sua chegada, e a romaria não ha de tardar.

— Cá a espero...

— Naturalmente virá primeiro o Coelho... É boa occasião de pagar sua divida... Não tenha receio de puxar mais no preço...

(1) *Emprestar* de alguem, por tomar emprestado ou pedir emprestado, é locução muito corrente em todo o sertão de S. Paulo, Minas Geraes e Mato Grosso. É legitimo gallicismo, que corresponde exactamente ao verbo *emprunter*.

Recordo-me da admiração com que ouvi uma pessoa da villa de Miranda, aliás de alguma leitura, dizer-me: «— Venho ter com o Sr. para lhe emprestar 20$000. — Mas não preciso, retorqui-lhe. — Não; sou eu quem precisa. Eu empresto do Sr. — Ah! o Sr. vem pedir-me emprestados 20$000, não é? — Pois foi o que eu lhe disse desde principio. — Não querendo encetar uma discussão philologica, saquei do bolso o dinheiro pedido, o qual, para fazer justiça a quem *emprestava*, foi pontualmente pago no prazo promettido.

— Daqui mesmo pretendo despachar um proprio para me ver livre dessa obrigação...

— Isto mostra que o Sr. é pessoa de brio... Não é como certa gente que conheço...

Ao dizer estas palavras, voltára-se Pereira para Meyer a contemplal-o attentamente.

Estava na verdade o allemão digno de exame, posto ainda de parte outro qualquer motivo que não fôra o de simples curiosidade.

Dormia com as pernas e braços abertos e cahidos para fóra do estreito leito de canastras: tinha o queixo muito levantado pela posição incommoda da cabeça, deixando a boca meio aberta ver uma fieira de excellentes dentes.

— Está roncando, hen? murmurou o mineiro, *Cavoqueiro*... a mim você não engana... mas é o mesmo!

Iam as prevenções de Pereira tomando proporções de idéa fixa, e Meyer, na simplicidade da ignorancia, como que de proposito proporcionava elementos para que ellas mais e mais se arraigassem.

Assim, ao almoço, lembrou-se de perguntar entre duas enormes colheradas de feijão:

— E sua filha, Sr. Pereira? Como vai? *E* melhor?

— É melhor o que, *Mochú?* exclamou o pai com modo esquivo.

— A saude della *é* melhor?

— Está melhor; está, está, respondeu Pereira muito seccamente. Está boa... vai fazer uma viagem...

— Viagem; para onde?.... Até á villa?

— Homem, *Mochú*, observou o mineiro um tanto desabrido, vosmecê está que nem mulher velha, tudo quer saber...

Meyer, nessa reprehensão que lhe causou vexame e alguma admiração, só enxergou censura á sua curiosidade, falta que confessou com toda a nobreza, bem que aggravando a situação:

— É verdade, Sr. Pereira, concordou elle. A boa educação não manda o que eu fiz... mereço porem desculpa, mereço... Sua filha é tão interessante... que me lembro sempre della... Tenho commigo uns presentesinhos...

— Guarde-os, rosnou Pereira abafando a reflexão n'um accesso de tosse. E para evitar o proseguimento de semelhante assumpto, deu por finda a refeição, levantando-se da mesa.

— Ahi vem o Coelho, doutor, exclamou elle olhando para fóra. Chi! como está amarello!... Ha tempos que o não via... já parece alma do outro mundo... É o tal em quem fallámos.... Aperte-o, porque é *mofino* como tudo....

E, interpellando a quem chegava, gritou:

— Bons olhos o vejam!... Se não fosse, amigo Sr. Coelho, ter medico em casa, nunca *havéra* de vel-o por cá; não é verdade?

— Ora, respondeu o outro com um gemido, ando sempre tão doente. Nem faz gosto viver... Mas que é delle, o homem?

— Está aqui...

— Já me disseram que faz milagres. Deixou nome para lá das Parnahybas... Sabia?

— Lá que tivesse deixado nome, não; mas que é *cirurgião* de patente, tenho certeza, porque, n'um abrir e fechar de olhos, pôz-me de pé uma pessoa cá de casa.

— Se elle me curar... não sei mesmo como lhe agradecer.

— É pagal-o, concluio Pereira tratando logo de advogar os interesses do hospede.

— Sim, heide... pagal-o, confirmou o outro com alguma hesitação.

— Em todo caso, desça do animal.

Pouco depois entrava na sala e cumprimentava a Cyrino e a Meyer a pessoa a quem o mineiro chamára Coelho. Era homem já de idade, muito mais quebrantado por enfermidades do que pelos annos: tinha a testa enrugada, as bochechas meio inchadas, os labios quasi brancos e os olhos empapuçados.

— Qual dos senhores é o doutor? perguntou elle.

— Sou eu, respondeu Cyrino revestindo-se de convicto ar de importancia, emquanto Meyer apontava para elle, cedendo direitos que talvez pudesse contestar.

Interveio Pereira com amabilidade:

— Sente-se, Sr. Coelho, sente-se. Não se ponha logo a fallar de molestias... Isto não vai de afogadilho... Descance um pouco... Olhe, já almoçou?

— O pouco que como, retrucou o outro, já está comido.

— Pois bem, ponha-se primeiro a gosto: depois então converse com o doutor... Diga-me: que ha de novo pela villa?

— Que eu saiba, nada... Tambem ha mais de anno, que de lá nenhuma noticia tenho... Já não se me dá com o resto do mundo... Quem não goza saude, perde o gosto de tudo... É mesmo uma calamidade...

Emquanto Coelho em toada monotona desfiava outras queixas no mesmo sentido, tirára Cyrino da canastra o seu Chernoviz e algumas hervas seccas que depôz em cima da meza.

— O senhor, declarou elle voltando-se para o doente, está empalamado.

— É verdade, Sr. doutor.

— Eu que não sou *physico*, observou Pereira, diria logo isso...

— Chi, compadre! atalhou Coelho com impaciencia e pedindo silencio.

— O senhor, continuou Cyrino com entono, teve maleitas muitos annos a fio; depois começou a sentir fastio e o estomago embrulhado; inchou todo e em seguida desinchou... Aos poucos, foi perdendo a *sustancia* e o *talento*. (1)

— Tal e qual! murmurou Coelho seguindo com cautelosa attenção a marcha do diagnostico.

(1) Como já dissemos, talento é empregado como synonimo de força physica, robustez.

— Agora, o Sr. não póde comer, que não sinta affrontação, não é?

— Muita, Sr. doutor.

— Este homem, disse Pereira para Meyer, leu bastante nos livros...

— Veio-lhe depois uma canseira, e, quando o Sr. anda lhe dá suores e tremuras por todo o corpo... O baço está engurgitado e o figado tambem... De noite fica o Sr. sem poder tomar respiração, mais sentado que deitado... Ás vezes tosse muito, uma tosse sem escarrar, como quem tem um pigarro secco...

— Tal e qual! repetio o enfermo com uncção e quasi enthusiasmo.

— Pois bem, terminou Cyrino, como já lhe disse, o Sr. está *empalamado*.

— E não ha cura? perguntou Coelho meio duvidoso.

— Ha, mas o remedio é forte.

— Com tanto que faça bem...

— Muita gente, replicou Cyrino, tenho já curado em estado peior que o Sr.; mas, repito, o remedio é violento...

— Tomarei tudo, affirmou Coelho: ha annos que faço um horror de mézinhas e de nenhuma dellas tiro proveito. Vamos ver...

Cyrino neste ponto mudou o tom de voz e olhando para Pereira:

— O Sr. sabe, observou elle, que o meu modo de vida é este...

Com um movimento de cabeça applaudio o mineiro aquella entrada em materia.

O mesmo não pensou Coelho, que tartamudeou:

— Ah!... Estou prompto... Sou pobre, muito pobre...

Pereira piscou um olho com malicia.

— Costumo, continuou Cyrino, receber o pagamento em duas *ametades*...

Depois acrescentou, um tanto vexado:

— Se fallo nisto agora com esta pressa, é porque tambem tenho precisão urgente de dinheiro... Não acha, Sr. Meyer?

— Pois não, pois não, concordou o allemão: tem todo o direito.

— Meu amigo, corroborou Pereira, o senhor não trabalha para o bispo; tem que ganhar honradamente a vida.

— Então, como lhe dizia, proseguio o outro dirigindo-se para Coelho, o senhor pagar-me-ha no principio da applicação e no fim. Assim não ha enganos... Serve-lhe?

— Que remedio! suspirou Coelho. Eu lhe darei... até trinta mil réis... ou... quarenta...

— Qual! retorquio Cyrino. Meu preço é um só.

— E a quanto monta?

— Cem mil réis (1)

— Cem *mim* réis!? exclamou Coelho.

---

(1) É o preço por que um curandeiro queria curar um empalamado, por cuja fazendola passámos em Julho de 1867 nesse mesmo sertão de Sant'Anna.

— Cincoenta no principio; cincoenta no fim. Gemeu o doente lá comsigo.

— Ora o que é isto para você, compadre? interveio Pereira. Um atilho de milho para quem tem tulhas cheias (1)!...

— Nem tanto, nem tanto, objectou Coelho.

— Deixe-se de historias, continuou Pereira. Se vosmecê não tivesse seus patacos, eu diria cá ao nosso amigo: — Olhe que este é dos nossos, não tem onde cahir morto — e elle o *havéra* de curar de graça... não é?

— De certo, de certo, declarou Cyrino com muita promptidão.

— Mas com vosmecê o caso é *defronte* (2). D'outra maneira, porque razão havia um cirurgião de andar por estes *socavões?* Tambem quer *bichar* um pouco... É muito justo...

— Cincoenta... mil... réis, balbuciava Coelho; assim de pancada...

— Se o medico o cura, disse Meyer intromettendo-se, é negocio da China.

Nada dizia Cyrino por dignidade propria. Estava folheando o Chernoviz, cujas paginas mostravam continuo manusear, algumas até enriquecidas de notas e observações á margem.

Assim, no artigo *oppilação* ou *hypoemia intertropical* havia elle escripto ao lado: « É o que

(1) Corresponde ao dito popular no Rio Grande do Sul: O que é um boi para quem tem uma estancia?

(2) Differente.

se chama no sertão *molestia de empalamado.* » E no fim abríra grande chave para encerrar esta ousada e peremptoria sentença: « Todos estes remedios de nada servem. Sei de um muito violento, mas seguro. Foi-me, ha annos, ensinado por Mathias Pedroso, curandeiro da villa do Prata, no sertão da Farinha Podre, velho de muita pratica e que conhecia todas as raizes e hervas do campo. »

— Pois bem, disse Coelho depois de grande hesitação, está o negocio fechado. Mas, olhe que entrará no pagamento o preço das mézinhas, e as visitas hão de ser feitas em minha casa...

— Não ha duvida, concordou Cyrino; irei á sua fazenda todos os dias... Não é longe daqui?

— Nhôr-não... Duas leguas pequenas, pela estrada.

— Bem. O senhor, em voltando á casa, metta-se logo na cama.

Coelho fez signal que sim.

— Amanhã, continuou o moço, deve tomar estes pós que lhe estou mostrando. Divida isto em duas porções; ha de fazer-lhe muito effeito: depois descanse dous ou tres dias, se se sentir muito fraco: em seguida...

E parando de repente, encarou Coelho alguns instantes:

— O senhor quer mesmo curar-se?

— Oh! se quero!

— E tem confiança em mim?

— Abaixo de Deus, só mecê póde salvar-me.

— Então tomará ás cegas o que eu lhe receitar?

— Até carvão em braza.

— Olhe bem no que diz... Não gosto de começar a tratar para depois parar...

— Não tenha esse medo commigo... Viver como vivo, antes morrer...

— Então, continuou Cyrino com pausa, acabados os dias de socego, ha de o senhor engolir uma boa *data* de leite de jaracatiá.

— Jaracatiá!? exclamaram com assombro o doente e Pereira.

— *Jarracatiá?!* bradou por seu turno Meyer arregalando os olhos, que é *jarracatiá?*

— Mas isso vai queimar as tripas do homem, observou o mineiro.

Cyrino replicou um tanto offendido:

— Não sou nenhum criançóla, Sr. Pereira. Sei bem o que estou dizendo. Este remedio é segredo meu, muito forte, muito damninho; mas não é nem uma, nem duas vezes, que com elle tenho curado *empalamados*. A cousa está todo no modo de dar o leite e na quantidade: por isto, é que não faço mysterio, avisando comtudo que com uma porçãosinha mais do que o preciso, o doente está na cova...

— Salta! atalhou Pereira, tal mézinha não quero eu... antes ficar *empalamado*...

— Que é *jarracatiá?* tornou a perguntar Meyer.

Coelho abaixára a cabeça e parecia estar reflectindo na resolução que seguir.

Depois com voz melancolica :

— O dito, dito, declarou, aceito tudo que vosmecê me der. Agora quanto fizer, está bem feito... Como é que tomarei o jaracatiá?

— Em tempo lhe direi, replicou Cyrino. Fazem-se tres córtes no pé da arvore e deixa-se correr o primeiro leite : eu mesmo hei de recolher o que fôr bom. Tenho toda a confiança que o senhor ficará são... Bem sabe, ninguem em negocio de molestia, mais do que em outro qualquer, póde nunca dizer : isto ha ser assim ou *assado*... Todos estão nas mãos de Deus. Só Elle póde saber se a molestia nos sairá do corpo ou nos ha de atirar na sepultura. Todo bom christão conhece isso e deve conformar-se com a vontade divina... O que o medico faz é ajudar a natureza e dar a mão ao corpo quando elle póde e quer ainda levantar-se...

— Justo, justo ! apoiou Meyer então todo empenhado em picar um formoso coleoptero.

— Assim tambem é que entendo, disse o mineiro.

— Mas o que é *járracatiá*, Sr. Pereira ? insistio o allemão.

Voltou-se o interpellado com impaciencia :

— É uma arvore, Sr. Meyer, arvore grande de folhas cortadas, que dá umas especies de mamõesinhos. Deitam leite muito grosso e queimam os

beiços, quando a gente não tem cuidado. É uma arvore, ouvio? Uma arvore ! (1)

— Ah ! exclamou o allemão concertando a garganta.

Neste tempo sacou Cyrino da canastra outros remedios e passou-os a Coelho, dando-lhe minuciosas informações sobre o modo por que havia de usar delles.

— Tem muito enjôo, quando come ? perguntou o curandeiro.

— Muito, Sr. doutor.

— Assim é, mas deixe estar : depois do leite de jaracatiá, volta-lhe a *appetencia*. Nos primeiros tempos, o senhor só ha de beber claras de ovos bem batidas. Depois, irá a pouco e pouco tomando mais alimento.

— Deus o ouça...

Levantára-se Pereira e, chegando-se á porta, annunciou :

— Ahi vem gente... Estou ouvindo passos de animal montado... Sem duvida é algum pobre *engorovinhado* de doença. Isto de molestias, não faltam no mundo. Tambem ha tanta maldade, que não podéra ser por menos.

---

(1) A receita do leite de jaracatiá para a cura de hypoemia intertropical é veridica e causou-nos grande admiração, quando a ouvimos aconselhada por um medico do sertão.

Pareceu-nos tão absurda e violenta, que dissuadimos a pessoa que devia, conforme sua resolução, pôl-a em pratica dahi a dias. Entretanto um profissional abalisado a quem contámos o caso, declarou-nos que fôra de proveitosa applicação naquella molestia.

Depois de ligeira pausa, acrescentou com tom de sorpresa e aborrecimento.

— Hi! meu Deus!... Nossa Senhora nos soccorra... Sabem quem vem chegando?... É o Garcia; está com o *mal* (1) ha mais de dous annos e não quer crêr na desgraça... Pobre coitado, sem duvida vem comprar o desengano... Tenho muita pena dessa gente... mas, devéras, não a quero vêr em minha casa... Vamos, Sr. doutor, despache o Garcia depressa. Com lazaros não se brinca. A Senhora Sant'Anna de tal nos livre! Nem olhar é bom.

E, Pereira, voltando-se para dentro, pedio apressadamente:

— Não deixe o homem *desapear*, doutor: depois ficava-me o desgosto de ter que fazer alguma desfeita. Pelo amor de Deus, vá lá fóra... Veja o que elle quer... e dê-lhe boas tardes da nossa parte... Olhe, está chamando... Saia! doutor! saia!

Com effeito, ouvia-se uma voz perguntar se estava em casa o Sr. Pereira.

Este, vendo que Cyrino não se apressava á medida dos seus desejos, ou temendo que o recemchegado entrasse na sala, appareceu sem demora á soleira da porta e com manifesta sequidão respondeu ao cumprimento de chapéo e á saudação que lhe era dirigida.

(1) Mal de S. Lazaro.

CAPITULO XVII

O MORPHETICO

O leproso. — Interesse?! Ah! nunca inspirei senão compaixão...
O militar. — Quão feliz fôra eu, se pudesse dar-vos algum consolo. !...

XAVIER DE MAISTRE — *O leproso de Aosta.*

Não devo ter sociedade senão commigo mesmo; nenhum amigo, senão Deus! — Generoso estrangeiro, adeus, sê feliz. — Adeus para sempre!...

IDEM.

A PESSOA que chegára, bem que tivesse descavalgado, não se adiantou ao encontro do dono da casa. Pelo contrario como que recuou, conservando-se depois immovel, encostado a um burrinho, cujas redeas segurava.

Do seu lugar perguntou-lhe Pereira com tom não muito prazenteiro:

— Então, como vai, Sr. Garcia?

— Como hei de ir, respondeu o interpellado. Mal... ou melhor, como sempre.

— Pois esteja na certeza de que muito sinto.

— Está ahi o cirurgião? indagou Garcia.

— Não tarda vir vêl-o aqui fóra... Olhe, é um instantesinho.

Palavras tão crueis não pareceram fazer mossa no desgraçado.

— Esperal-o-hei com toda a paciencia, replicou melancolico.

— Já sei que volta hoje para a casa, affirmou Pereira.

— Volto. Se a noite me pegar em caminho, ficarei no pouso das Perdizes.

— É verdade: lá ha uma tapéra. Mas o Sr. não tem medo de almas do outro mundo? Dizem que o tal rancho velho é mal assombrado.

— Eu?! exclamou o infeliz. Só tenho medo de mim mesmo. Quizesse um defunto vir gracejar um pouco commigo, e de agradecido lhe beijava os dedos roidos dos bichos. Olhe, Sr. Pereira, continuou com voz um tanto alta e agoniada, não levo a mal o senhor não me convidar para entrar em sua casa; não, no seu caso, havia de fazer o mesmo.

— Oh! Sr. Garcia! quiz protestar Pereira.

— Nada;... digo-lhe isto de coração... Na minha familia sempre tivemos nojo de lazaros... Sou o primeiro... O Sr. nem imagina... Vivi muitos annos meio desconfiado... A ninguem contei o caso... De repente arrebentou o *mal* fóra. Já não era mais possivel enganar, nem a um cégo... Ah! meu Deus, quanto tenho soffrido!...

— Permitta Elle, interrompeu Pereira em tom

compassivo, que este doutor tenha algum remedio... Bem vê... ás vezes...

— Curar morphéa?! replicou Garcia com sorriso pungente de sarcasmo. Não ha esse *pintado*... que em tal pense...

— Então para que quer vêr o medico?

— Só para uma cousa ... Saber pelos livros que elle tem lido e pelo conhecimento das molestias, se isto péga... É só o que quero... Porque então fujo da minha casa... Desappareço desta terra... e vou-me arrastando até cahir nalgum canto por ahi... Dizem uns que péga... outros que não... que é só do sangue... Eu não sei...

E, abanando tristemente a cabeça, apoiou-se ao tosco sellim.

Depois, ergueu os olhos para os céos, e exclamou:

— Cumpra-se tudo quanto Deus Nosso Senhor Jesus Christo tiver determinado!... Se o medico me desenganar, não quero que minha gente fique toda... marcada... Irei para S. Paulo...

Pereira cortou este doloroso dialogo:

— Está bem, patricio Garcia, disse, vou já mandar-lhe o homem.

E entrando para dentro, reiterou o pedido a Cyrino, que se demorára a receitar ao Coelho umas beberagens de *velame* e *pés de perdiz*, plantas muito abundantes naquellas paragens, de grandes virtudes diureticas e que deveriam ser empregadas um mez depois da applicação do leite de jaracatiá.

— Ande, doutor, instou Pereira, vá lá fóra vêr o coitado do outro e despache-me-o depressa. Estou todo *enfernizado* por vel-o no meu terreiro.

Cyrino sahio então e, caminhando com lentidão, parou a alguns passos do malaventurado Garcia, cujo rosto repentinamente se contrahio, em quanto tirava o chapéo com humildade e receio.

Vinha então a tarde descendo, e a luz do crepusculo irradiava por toda parte, tão melancolica e suave que, sem saber pelo que, a alma de Cyrino de repente se confrangeu.

Com assombro o encarava o lazaro. Diante delle se erguera quem lhe ia apontar o caminho da eterna proscripção. Dos seus labios ia cahir a sentença ultima, irremediavel, fatal!

Oh! quanta angustia no olhar daquelle homem! Que pensamentos sinistros!? Quanta dôr!

Tambem ficára alli attonito, boqui-aberto, á espera que a palavra de Cyrino lhe quebrasse o horroroso enleio.

— Então, disse este depois de breve pausa, que me quer o senhor?

— Doutor, balbuciou Garcia... primeiro que tudo quero... pagar-lhe;... trouxe algum... dinheiro... mas, talvez... seja... pouco.

Cyrino interrompeu-o.

— Não recebo dinheiro para tratar... da sua molestia.

— Isto quer dizer, replicou com acabrunhamento Garcia, que ella não tem cura... Eu bem

sabia, mas... é tão duro ouvir-se sempre isto!... Olhe, o meu mal é de pouco... está em principio. Quem sabe... se o Sr. conhecerá alguma herva?...

— Infelizmente, respondeu Cyrino, nem eu, nem ninguem conhece essa planta...

— Emfim!

E Garcia, fechando os olhos como que para concentrar as forças, continuou:

— Ah! doutor, eu sou um pobre homem... velho já e cansado... Porque não me veio a morte em lugar desta podridão que me está comendo as carnes?... Muito tempo a senti dentro de mim... Disfarcei, disfarcei, até ao dia, em que a minha neta... a filha de meu coração... a Jacintha... ella mesma, mostrou certo receio de me abraçar... Ah! senhor quanto se soffre nesta vida!

E Garcia parou offegante, empallidecendo muito.

— Dê-me agua, exclamou elle, agua... pelo amor de Deus!... Podesse agora... ser o meu dia... Minha garganta... está que nem fogo!...

E agarrou-se aos arreios para não cahir no chão.

Cyrino correu a buscar agua.

— Onde ha de ser? pergutou Pereira.

— Onde queira, respondeu o outro com pressa, veja que aquelle christão está soffrendo...

— Ah! leve a canéca de louça... Depois a quebraremos...

Com sofreguidão agarrou o lazaro o vaso, bebeu de um trago e pareceu melhorar.

— Foi um vágado, disse reassumindo aos poucos a calma. Mas, como lhe contava, certeza tinha eu do mal. Agora só quero saber uma cousa e vou-me de partida. Este mal... péga, doutor?

— Péga, affirmou Cyrino com tristeza.

— E que me resta fazer?

— Pedir á Senhora Sant'Anna paciencia e a Nosso Senhor Jesus Christo...

Garcia abanava a cabeça acabrunhado.

... que o proteja na sua vida de desgraças.

— Meu Deus, balbuciou o morphetico a meia voz, dai-me forças... coragem para que eu faça o que devo fazer.

E, com subita resolução:

— Cumpra-se a vontade do Altissimo! exclamou emfim. Doutor, obrigado! O pobre lazaro ha de pedir ao Todo Poderoso para que neste mundo e no outro lhe pague as suas palavras de homem de lettras... Adeus! Eu me vou para as terras de S. Paulo... talvez me junte á gente da minha especie. Adeus...

E, a custo montando a cavallo, voltou-se para as pessoas que tinham de longe vindo assistir á consulta.

— Adeus, disse elle acenando com o chapéo, gente e patricios. Senhor Pereira, Sr. Coelho, mais senhores, adeus! Eu me *bóto* de uma feita para *lá*

das *Parnahybas* (1)... Este sertão não me vê mais nunca !...

Acolheu o silencio essas palavras de eterna despedida.

Garcia então, esporeando com o calcanhar o ventre da cavalgadura, a passo tomou rumo da estrada geral e sumio-se n'uma das voltas do caminho, quando já vinha a noite estendendo o seu lugubre manto.

---

(1) Isto é, para lá do rio Paranahyba. *Para cá* ou *para lá das Parnahybas* é phrase muito usada no sertão em que corre aquelle grande rio.

CAPITULO XVIII

IDYLLIO

Mas que luz é essa que alli apparece, naquella janella? A janella é o oriente, e Julieta o sol. Sóbe, bello astro, sóbe e mata de inveja a pallida lua.

SHAKSPEARE. — *Romeu e Julieta.* Acto II.

Entretanto, desde algum tempo, sentia-se Virginia agitada de mal desconhecido... Em sua fronte, não pousava mais a serenidade, nem o sorriso lhe pairava nos labios... Pensa ella na noite, na solidão, e fogo devorador a abraza toda.

B. de SAINT-PIERRE.—*Paulo e Virginia.*

PASSARAM sem novidade dias e dias, uns após outros; Cyrino diagnosticando e curando, ou melhor receitando; Meyer augmentando cada vez mais a sua bella collecção entomologica, sempre feitorizado por Pereira, que cautelosamente tratava de mantel-o no suspeitoso circulo da sua vigilancia.

Confidente de todos os infundados e mal empregados receios era Cyrino.

— O *allamão*, dizia o mineiro, não me deixa

pisar em ramo verde, mas tambem trago-o vigiado que é um gosto... Se desconfiasse, teria medo até da sombra... Estou em brazas... Não sei porque não chega o Manecão Dóca... Quero arriar a carga no chão... Agora mais do que nunca devo casar *Nocencia*... Estas mulheres botam sal na moleira de um homem. Salta! E ainda isto tudo não é nada.

— Então espera muito breve o Manecão? perguntou o outro descorando.

— Não póde tardar... por estes dous ou tres dias quando muito... Vem de Uberaba e sem duvida por lá arranjou todos os papeis... Dei a certidão do meu casamento... a do baptismo da pequena... e adiantei dinheiro para as despezas... bem que elle refugasse meio vexado.

— Então está tudo decidido? perguntou Cyrino com vivacidade.

— Boa duvida!... Já lh'o tenho dito mais de uma vez. Hoje é cousa de pedra e cal... Se até trato o Manecão de filho!... A honra desta casa é tambem honra delle.

— Mas sua filha?

— Que tem?

— Gosta delle?

— Ora se!... Um homemzarrão... desempenado. E quando não gostasse, é vontade minha, e tudo está acabado. Para felicidade d'ella e, como boa filha que é, não tinha que piar... Estou, porém, certissimo que o noivo lhe faz bater o coração... tomára vêr o *cujo* chegado!

Já nesse tempo, como dissemos, Innocencia de todo se restabelecêra, bem que Cyrino tivesse feito quanto possivel render a enfermidade. Mas quando o rubor da saude voltou á assetinada cutis da sertaneja e o vigor ao esbelto corpo, não houve pretexto a que se apegar, e as entrevistas curtas e graves de medico foram cortadas, até mesmo para não desviar a attenção de Pereira da pessoa de Meyer.

Com o coração, pois, partido de dôr, declarou que os seus cuidados e presença se tornavam completamente desnecessarios.

Decorreram então semanas inteiras, sem que pudesse pôr os anciosos olhos na bella namorada, e por tal modo se exacerbou sua paixão que, para encobril-a e disfarçar a excitação nervosa, a falta de appetite e pallidez extrema, não teve que recorrer a desculpas de molestia; cahio realmente doente.

A incerteza em que se via, sem pelo menos saber se o seu affecto era ou não correspondido, dava-lhe accessos de verdadeira angustia, tocando na calma das deshoras as raias da exasperação.

Uma noite, em que havia luar embaçado por ligeira nevoa, tomou a afflição tal intensidade que elle decidio fugir daquelle local de soffrimentos e incertezas, logo pela manhã seguinte.

Assente uma vez nesta resolução, ergueu-se do leito em que jazia prostado pelo mais cruel desalento e com algum custo sahio para o terreiro, abrindo cautelosamente a porta da casa, afim de

não acordar os companheiros de quarto. Uma vez fóra, sentou-se n'um tronco de madeiro e alli ao ar fresco e acariciador da madrugada, entrou com mais tranquillidade a pensar no seu caso.

Seria uma hora depois de meia noute.

Como que estavam os espaços illuminados por essa luz serena e fixa que irradia de um globo despolido; luz fôsca, branda, sem intermittencias no brilho, sem scintillações, e diffundida igualmente por toda a atmosphera.

Haviam já os gallos cantado uma vez, e, ao longe, muito ao longe, de vez em quando se ouvia o clamor das anhumas-pócas.

Levantou-se de repente Cyrino.

Depois de alguma vacillação, deu volta a toda a habitação, pulando os cercados, e tomou rumo do frondoso laranjal, a cuja espessa sombra se abrigou por algum tempo.

Achegou-se em seguida á cerca dos fundos da casa e parou no meio do pateo, olhando com assombro para uma janella aberta.

Um vulto alli estava!... Era o della; Innocencia... Não havia duvidar.

A principio nenhum movimento fez; mas depois lentamente se foi retirando e aos poucos fechou o postigo.

Cyrino deu um só pulo e de leve, muito de leve, bateu apressadas pancadas na taboa da janella.

— Innocencia!... Innocencia!... chamou elle

com voz sumida, mas ardente e cheia de supplica.

Ninguem lhe respondeu.

— Innocencia, implorou o moço, olhe... abra... tenha pena de mim... Eu morro por sua causa...

Depois de breve tempo, que para Cyrino pareceu um seculo, descerrou-se a medo a janella, e appareceu a menina toda assustada, sem saber por que razão alli estava e como explicar tudo aquillo.

Parecia-lhe um sonho.

Quiz, no entretanto, dar qualquer desculpa á situação, e, fingindo-se admirada, perguntou muito baixinho e a balbuciar:

— Que vem... mecê... fazer aqui?... Eu... já... estou boa.

Da parte de fóra agarrou-lhe Cyrino nas mãos.

— Oh! disse elle com fogo, doente estou eu agora... Sou eu que vou morrer... porque você me enfeitiçou, e não acho remedio para o meu mal.

— Eu... não, protestou Innocencia.

— Sim... você que é uma mulher como nunca vi... Seus olhos me queimaram... Sinto fogo dentro de mim... Já não como... não vivo... O que só quero é vel-a... é amal-a... Não conheço mais o que seja somno e nesta semana fiquei mais velho, do que em muitos annos havia de ficar... E tudo porque, Innocencia? Você bem sabe...

— Eu não sei, não, respondeu a pobresinha com ingenuidade.

— Porque eu a amo... amo-a e soffro como um louco... como um perdido...

— Ué, exclamou ella, pois amor é soffrimento?

— Amor é soffrimento, quando a gente não sabe se sua paixão é aceita, quando não se vê a quem se adora: amor é o céo, quando se está como eu agora estou.

— E quando a gente está longe, perguntou ella, o que é que sente?...

— Sente-se uma dôr cá dentro que parece que se vai morrer... Tudo causa desgosto: só se pensa na pessoa a quem se quer, a todas as horas do dia e da noite, no somno, na réza, quando se ora á Nossa Senhora, sempre ella, ella, ella!... o bem amado... e...

— Oh! interrompeu a sertaneja com singeleza, então eu amo...

— Você? indagou Cyrino sofregamente.

— Se é como... mecê diz...

— É... é... eu lhe juro!...

— Então... eu amo, confirmou Innocencia.

— E a quem?... Diga: a quem?

Houve uma pausa, e a custo retrucou ella, ladeando a questão:

— A quem me ama.

— Ah! exclamou o joven, então é a mim... é a mim, com certeza, porque ninguem neste mundo, ninguem, ouvio? é capaz de amal-a como eu... Nem seu pai... nem sua mãi, se viva fosse... Deixe fallar seu coração... Se quer ver-me fóra deste mundo... diga que não sou eu, diga!...

— E como ia mecê morrer? atalhou ella com receio.

— Não falta páo para me enforcar, nem agua para afogar-me.

— Deus nos livre! não falle nisso... Mas porque é que mecê gosta tanto de mim? Mecê não é meu parente, nem primo, longe que seja, nem conhecido até... Eu *lhe* vi apenas pouco tempo... e tanto se agradou de mim?

— E com você... não succede o mesmo? perguntou Cyrino.

— Commigo?

— Sim, com você... Porque é que está acordada a esta hora? Porque é que não póde dormir?... que a cama lhe parece um brazeiro, como a mim tambem parece?... Porque pensa em alguem a todo o instante? Entretanto esse alguem não é primo seu, longe que seja, nem conhecido até?...

— É verdade, confessou Innocencia com candura.

Depois quiz emendar a mão:

— Mas quem lhe disse que vivo pensando em mecê?

— Innocencia, implorou o moço, não queira negar: vejo que sou amado...

— Sempre amar! observou ella mais para si do que para quem a ouvia. No anno que já passou e por occasião da Sra. Sant'Anna (1), aqui vieram

(1) Sc. da festa.

umas parentas minhas e caçoaram commigo, porque eu não as entendia: tanto assim que uma dellas, a Nhã-Tuca, me disse: « Devéras, mecê ainda não gostou de nenhum moço? E eu respondi: Não *assumpto* (1) o que mecês estão a *prosear*. » Aquillo era certo, e tão verdade como estar nosso Deus no paraiso... Hoje...

— E hoje?

— Hoje? repetio a moça. Quem sabe se não era *bem melhor* não ter nunca gostado de ninguem?

— Isto não está na gente... É ordem lá de cima...

— Emfim se fôr destino, que se cumpra.

Conservava-se Innocencia ainda um pouco arredada da janella, de modo que Cyrino, para lhe fallar baixinho, tinha o corpo inclinado do lado de dentro. Segurava as mãos da namorada e puxava-a com doce violencia, quando mostrava querer afastar-se.

O ardente colloquio dos dous era cortado de frequentes pausas, durante as quaes se embebiam reciprocos os olhares carregados de paixão.

— Deixa-me vêr bem teu rosto, dizia Cyrino a Innocencia. Para mim é muito mais bello do que a lua e tem mais brilho que o sol.

E, apezar de alguma resistencia, fraca embora, mas conscienciosa, que lhe foi opposta, conseguio que a formosa rapariga se recostasse ao peitoril da janella.

(1) Não percebo.

— Amar, observou ella, deve ser cousa bem feia.

— Porque?

— Porque estou aqui e sinto tanto fogo no rosto... Cá dentro me diz um palpite que é feio peccado que faço...

— Você tão pura! contestou Cyrino.

— Se alguem viesse agora e nos visse, eu morria de vergonha. Sr. Cyrino, deixe-me... vá se embora!... o Sr. atirou-me algum quebranto... aquella sua mézinha tinha alguma herva para *mim* tomar... e ficar...

— Não, atalhou o mancebo com força, eu lhe juro! Pela alma de minha mãi... o remedio não tinha nada!

— Então porque fiquei... *ansim*, que me não conheço mais?... Se papai apparecesse... não tinha o direito de me matar?...

Foi se lhe a voz tornando cada vez mais baixa e sumio-se n'um golfão de lagrimas.

Atirou-se Cyrino de joelhos diante della.

— Innocencia, exclamou, pela salvação de minha alma eu lhe dou o juramento de que nada fiz de máo para prender o seu coração... Se você me ama, é porque Deus assim mandou... Sou um rapaz de bons costumes... Até hoje nunca tinha amado mulher alguma... mas não sei como se póde deixar de amar uma moça como você... Perdôe-me, se você soffre... eu tambem padeço muito... Perdôe-me...

Alçára o mancebo um pouco a voz.

De repente Innocencia estremeceu.

— Não ouvio ruido? perguntou ella com terror.

— Não, respondeu Cyrino.

— Alguem acordou ahi dentro...

— Pois... então vá vêr... o que é .. Se não fôr nada, volte... Aqui a espero, escondido á sombra da parede...

Minutos depois reappareceu a moça.

— Não vi nada, disse.

— Então foi abusão.

— É melhor que o Sr. se vá embora.

— Não, Innocencia, tenha pena de mim... Eu não poderei vel-a tão cedo e... preciso conversar... mesmo para arranjo da nossa vida... O Manecão não tarda...

— Ah! exclamou ella com sobresalto, então mecê sabe...

— Sei; e desgraçadamente breve elle está batendo aqui...

— Eu bem dizia que o Sr. me *havéra* de perder... Antes de o ter visto... casar com aquelle homem, me agradava até... Era uma novidade... porque elle me disse que me levava para a villa... Mas agora esta idéa me mette horror! Porque é que mecê mecheu commigo? Sou uma pobre menina, que não tem mãi desde criancinha... Não ha tanta moça nas cidades... nos *povoados?*... Porque veio bulir com o meu coração que estava quietinho?

Para que veio tirar o somno... a vontade de viver a quem era... tão alegre... que até hoje não pensou em maldade...e nunca fez damno a ninguem?...

— E eu? replicou com energia Cyrino, pensa você que sou feliz?... Olhe bem uma cousa, Innocencia. Digo-lhe isto diante de Deus: ou hei de casar com você... ou dou cabo da vida... Quem arranjou tudo assim... foi o meu caiporismo... Se eu tivesse passado antes daquelle homem, que odeio, que quizéra matar... nada impediria que eu fosse hoje o ente mais feliz do mundo?... Mais feliz aqui neste sertão, do que o Imperador nos seus paços lá da côrte do Rio de Janeiro! Eu já lhe disse... culpa não tive...

— Não ha nada que nos possa salvar, atalhou a moça.

— Nada?... Talvez...

Soou nesse momento e repentinamente do lado do laranjal um assovio prolongado, agudissimo e, uma pedra, arremessada por mão mysteriosa e com muita força, sibilou nos ares, vindo bater na parede com surda pancada, e passando rente á cabeça de Cyrino.

Deu Innocencia abafado grito de terror e fechou rapidamente a janella, ao passo que o mancebo, esgueirando-se com celeridade pela sombra, resoluto corria para o ponto d'onde presumia ter partido a pedra.

Não vio ninguem.

Por toda parte, o ruido mysterioso e peculiar a uma noite calma de verão.

Percorreu em todos os sentidos o pomar, e só ouvia a bulha dos seus passos.

Afinal, de cansado, deixou o sitio e dirigio-se cautelosamente para o terreiro da frente.

Quando lá chegou, parou attonito.

O mesmo assovio, prolongado e finissimo, desta feita talvez mais estridente, ferira-lhe os ouvidos.

CAPITULO XIX

CALCULOS E ESPERANÇAS

Apezar, porém, de joven, apezar da violencia do amor que a prendia a Julião, sabia ella conter os movimentos do seu coração e desconfiar de si mesma.

WALTER-SCOT — *Peveril do Pico.*

Lisa — Com tanto que tenhas bastante resolução...

Lucinda — Que queres que eu faça contra a autoridade de um pai? Se elle fôr inexoravel aos meus pedidos?...

MOLIÈRE — *O amor medico.*

DURANTE os dias de estada nas terras de Pereira, as quaes não tinham limites nem vizinhos senão dahi a muitas leguas, augmentou Meyer a sua interessante collecção com extraordinaria variedade de bichinhos e sobretudo borboletas.

Tal era a alegria de que se possuira por esse fausto motivo, que a cada momento a manifestava e num tom de franqueza capaz de convencer por si só ao mais descrente dos homens em questão de sinceridade.

— Sr. Pereira, dizia o naturalista, afianço-lhe

que em parte alguma do Brasil estive ainda tão bem como em sua casa.

— Eu te entendo, marôto, rosnava o mineiro.

— Devéras !... Só o que sinto é que sua filha não nos apparecesse mais... Sinto muito, na verdade...

Sorrio-se Pereira com riso amarello e replicou, apertando os punhos de raiva :

— *Mochú* sabe... isto são costumes cá da terra. As mulheres não são feitas para...

— Para que ? perguntou Meyer com pausa.

— Para *prosearem* com qualquer *um*...

— Que é *prosearem ?*

— É conversar, dar de lingua, explicou Cyrino.

— Obrigado, doutor, retorquio Meyer agradecendo mais aquella indicação philologica que foi immediatamente enriquecer o seu caderno de notas. *Prosear* é conversar. Muito bem !... Pois é pena, Sr. Pereira, porque sua filha é uma bonita senhora !

— Nesta arapuca não caio eu, Sr. tratante... Hei de *toda a vida* andar com o olho em ti, murmurava o mineiro.

— É pena, confirmava Meyer duas e tres vezes... é pena...

De certo não era esta a linguagem mais propria para desvanecer as prevenções e receios de Pereira ; ao revéz, cada vez mais recrescia sua vigilancia sobre Meyer, o que proporcionava ao

verdadeiro culpado a liberdade de que carecia para tornar a vêr o mal guardado thesouro.

Todavia não foi sem custo a nova conferencia amorosa.

Ficára a pobre menina tão impressionada com o final da primeira entrevista, que por alguns dias mal sahira do seu quarto.

Escrever-lhe Cyrino, era de todo inutil, por isso que ella nunca aprendêra a lêr; e, depois, qual o meio de lhe fazer chegar ás mãos qualquer papel ou recado?

Sobravam, portanto, razões para que Cyrino se ralasse de impaciencia e quasi desesperasse da sorte.

Passava as noites em claro, mettido no laranjal e procurando uma solução á tanta difficuldade; atordoavam-no ainda aquelles dous assobios que não podia explicar e sobretudo aquella pedrada tão bem dirigida, que por pouco talvez o houvesse estendido por terra.

N'uma dessas noites de anciedade, vio afinal reabrir-se a janella de Innocencia.

A pobre da coitada, abrazada tambem de amor, queria respirar o ar da noite e beber na viração do sertão uma pouca de tranquillidade para sua alma não afeita ao tumultuar dos sentimentos que a agitavam e, quem sabe? verificar se por ahi não andava rondando aquelle que no seio lhe inoculára tamanho desassocego, impetos tão desconhecidos e violentos, superiores a todas as suas tentativas de resistencia.

Cyrino, rapido como uma séta, rapido como aquella pedra arrojada tão vigorosamente, achou-se ao pé da janella e cobrio de beijos as mãos da sua amada.

— O grito? bulbuciou ella. Dous gritos... e a pedrada... Que foi?

— A! não foi nada, respondeu apressadamente Cyrino; fui vêr no laranjal... era um macauán (1) O que pareceu pedrada foi um noitibó (2) que frechou para mim e veio dar com a cabeça na parede.

— Devéras? perguntou ella incredula.

— Devéras. A principio, tomei tambem um susto grande. Depois verifiquei que não passava de miragem. De noite, a gente em tudo vê maravilhas... Para mim a unica que vi era você, minha vida, meu anjo do céo...

Com este madrigal encetou Cyrino uma conversação como a da primeira noite, como a que balbuciam duas candidas almas na eterna e sempre nova declaração de amor, desde que Adão e Eva a fizeram, á sombra das maravilhosas arvores do Eden.

Mostrou-se o moço receioso da rivalidade de Meyer. Rio-se ella e gracejou com espirito e bondade da figura do estrangeiro. Com toda a confiança, chegou a idear planos de risonho futuro:

---

(1) Especie de gavião.

(2) Passaro da noite.

— Agora, que sei o que é amar, direi a meu pai que já não quero o Manecão...

— E se elle insistir ?

— Hei de chorar... chorar muito...

— Lagrimas muitas vezes de nada servem.

— Mas tenho cá commigo outro recurso...

— Qual é ? perguntou Cyrino.

— Morrer !...

— Não !... Ha outros... hei de dizer-lhe...

Tomou Innocencia ar grave e meio offendido.

— Escute, Cyrino, disse ella, nestes dias tenho aprendido muita cousa. Andava neste mundo e delle não conhecia maldade.... A paixão que tenho por mecê foi como uma luz, que faiscou cá dentro de mim. Agora começo a enxergar melhor... Ninguem me disse nada ; mas parece que a alma acordou para me avisar do que é bom e do que é máo... Sei que devo ter medo de mecê, porque póde botar-me a perder... Não formo juizo como ; mas a minha honra e a de toda a minha familia estão nas suas mãos...

— Innocencia, quiz interromper Cyrino.

— Deixe-me fallar, deixe contar-lhe o que me enche o peito... Depois ficarei socegada... Sou filha dos sertões ; nunca li em livros, nem tive quem me ensinasse cousa nenhuma... Se eu lhe magoar, desculpe-me, será sem querer... Lembro-me que, ha já um *tempão*, pararam aqui umas mulheres com uns homens e perguntei a papai porque é que elle não as mandava entrar para cá dentro,

como é de costume com familias... O pai me respondeu : — Não, *Nocencia*, são mulheres perdidas, de vida alegre. Fiquei muito *assombrada*. — Mas então, melhor ; se são alegres, hão de divertir-me. — Isto é gente perdida, sem vergonha, *secundou* elle. — Tive tanto dó dellas, como mecê não imagina. Depois fui espiar... Hi ! Diziam cada nome ! Como se chingavam !... Bebiam cachaça... cahiam tontas no chão... *pitavam* e cantavam muito alto com modos muito feios, que me fizeram corar por ellas ! E são os homens que fazem ficar *ansim* as coitadas !... Antes morrer... Parece-me que Nossa Senhora ha de ter pena dos que amam... mas desampara com certeza as que erram... Se não houver outro remedio, temos que nos lembrar que as almas, quando se acaba tudo neste mundo, vão pelos céos cheios de estrellas, passeando como n'um jardim... Se eu me finasse e mecê tambem, punha-se minha alma a correr pelos ares, procurando a de mecê, procurando, procurando, e então nós juntinhos iamos viajando ora para aqui, ora para alli, ás vezes pelo Carreiro de S. Thiago (1), ás vezes baixando a este sertão, para vêr onde é que botaram os nossos dous corpos... Não era tão bom ?...

Envolvida em sua pureza como n'um manto de bronze, entregava-se Innocencia com exaltamento e sem reserva á força da paixão. E essa natureza

(1) Via lactea.

pudica e delicada dominava a Cyrino, ao ponto de prende-lo invencivel acanhamento ante a debil donzella que dos mysterios da existencia só sabia que amava !

Por isso, ao inflammado mancebo não acodia a idéa de saltar por aquella janella e menos o praticar qualquer acção desrespeitosa. Consumia o tempo em beijos nas mãos da namorada, em tagarellices de amor, protestos, juras, e illusões de futuro.

— Amanhã, dizia Cyrino, hei de com cuidado *assumptar* a seu pai... fallando no seu casamento... depois... hei de virar a conversa para mim...

— Papai, observou a menina, é muito bom .. Mas tenho um medo delle !... Tem um genio, meu Deus !...

— Quanto a mim... hei de fallar bem claro e explicito... O que quero, é que você me seja constante...

Mas o sentimento de temor, que sobresaltava Innocencia, tambem o partilhava Cyrino. Por isso, chegado o dia, não ousava tocar na questão, bem que as continuas queixas de Pereira contra Meyer lhe déssem ensejo mais ou menos favoravel para desembaraçadamente encetal-a. Com gosto adiava o momento decisivo e esperava perplexo qualquer incidente, que melhor lhe servisse os planos.

Entretanto, apezar de se accumularem os dias sem que trouxessem modificação naquelle estado de cousas, doce esperança descançava no fundo do

seu coração, consentindo-lhe planos de venturoso porvir e feliz desenlace ás duvidas e soffrimentos em que vivia.

CAPITULO XX

NOVAS HISTORIAS DE MEYER

> Disse-lhes Sancho: Cada qual abra bem o olho e fique alerta, porque o diabo entrou na dansa e se lhe derem ensejo, ver-se-hão maravilhas. Virai-vos em mel, e as moscas vos comerão.
>
> CERVANTES – *D. Quichote*. — Cap. XLIX.

Uma occasião, de volta do trabalho diario, a habitual irritação de Pereira contra Meyer attingio grande intensidade. Entrára cabisbaixo, sorumbatico e fez gesto a Cyrino de que precisava fallar-lhe a sós. D'ahi a pouco, sahindo ambos, caminharam silenciosos pela estrada até a um regato que ficava a meio quarto de legua da casa.

— Que terá este homem hoje? dizia Cyrino comsigo mesmo. Talvez vá chegando o momento de tratar do assumpto.

Voltou-se de repente Pereira e, com voz alterada, prorompeu em exclamações:

— Sabe, Doutor, que não posso mais aturar esse *allamão*?... Aquillo é um *mandingueiro*, uma *cuçuarana*, sahida do inferno para me botar a perder!... Meu irmão... meu irmão, que presente você me fez!...

— Mas que houve? perguntou Cyrino.

— Olhe... se não fosse aquella carta, e a palavra que dei ao maldito... mil raios o partam, surucucú do diabo! pôtro melado!... já um bom balazio lhe teria varado os miólos...

— Que novidades ha então, Sr. Pereira? tornou a inquirir Cyrino.

— Vim mesmo até aqui para tirar este peso do coração...

— Mas...

— Sabe o senhor que aquelle *Mochú* é peior que um tigre preto?... Parece homem atôa, incapaz de matar uma pulga, não é?... Pois, aquillo é uma alma damnada... um *suductor*...

— Sempre suas desconfianças? observou Cyrino.

— Desconfianças, não: agora certeza. Pois o que quer dizer o homem todo o dia... estar a lembrar-se da menina?... Procurar trazel-a á conversa? — Como está sua filha? pergunta-me elle sempre. — Está boa, de uma vez por todas. — E elle, *toda a vida* a insistir... Isto põe-me o sangue a ferver, mas vou-lhe respondendo com bom modo... Hoje, sahio-se o cujo de seus cuidados e disse-me como quem *tomava leite com farinha de*

milho (1) :—Sua filha vai casar?—Vai, respondi-lhe todo trombudo. — E com quem? Tive vontade de lhe dizer — Não é da sua conta, *seu* bisbilhoteiro, *seu* biltre, e atacar-lhe uma cabeçada, mas como é meu hospede *secundei-lhe* enfarruscado: — Com um homem do sertão, que ha de amolar a faca na pelle da barriga do mariola que vier mecher com a mulher delle. — O *allamão* não se deu por achado e, com todo sem vergonhismo, retrucou: — Pois o senhor faz mal. A sua filha é muito mimosa e deveria casar com alguem da cidade. Então, perdi a paciencia. — Mochú, lhe disse, cada um manda em sua casa como entende; eu na minha, não quero ser *anarchisado*. Elle, quando me vio fulo de raiva, pedio-me mil desculpas, contou-me muitas historias, isto, aquillo, aquillo outro, et cœtera e tal, que era para bem de minha filha e não sei mais o que, numa lingua que pouco entendi...

— Não fez bem, atalhou Cyrino.

— Boa duvida! Aquillo é uma alma damnada... boa para as caldeiras do Pedro Botelho, um judeu... emfim um caçador de *anicetos*: está dito tudo!... Mas ainda não lhe contei o mais... Parece que hoje estava mesmo com o diabo no corpo... Metteu-se no matto perto da minha roça, onde eu trabalhava com os meus *captivos*, e lá fazia um barulhão a quebrar galhos e romper o cipoal como

(1) Como quem faz cousa muito simples.

se fosse anta. De repente ouvi uma gritaria muito grande. Era o tal Meyer com o camarada José Pinho, a berrarem como dous *minhocões* (1). Corri a vêr o que era e os achei muito contentes a olharem para uma *barboleta* grande, já fincada n'um páo de pita. — Então que é isto? perguntei. O *allamão* poz-se a pular como um cabrito. — É novo, me disse elle, é novo! — Novo o que, *Mochú?* — Este bicho, ninguem descobrio antes de mim! É cousa minha... Entendeu? E vou botar-lhe o nome da sua filha!... — Quando ouvi isto, fiquei tão passado, que não pude engulir o cuspo da boca... Vejam só... o nome de *Nocencia* n'uma bicharada!... Até parece *mangação*... Agora quero saber do doutor o que devo fazer... Venho pelo menos desabafar-me... Não posso mandar uma bala naquelle patife como bem merecia... mas tambem é demais tel-o em casa... é demais! Peço-lhe um conselho... Felizmente o trago sempre arredado de casa, e a menina de nada desconfia; do contrario, como mulher que é, *havéra* de me dar que fazer... Tambem não sei, porque é que o Manecão não chega... só elle é que havia de me livrar destes apuros... Uma vez que o tal *allamão* visse a rapariga com o noivo, deixava-a socegada... Não acha? Olhe, palavra de honra, isto *ansim* não é viver! Fui feito para dizer o que penso, tratar bem a todos...

(1) Animaes phantasticos do sertão que, segundo a crendice, dão gritos muito fortes. Acreditam alguns que sejam monstruosos sucurys.

mas estes modos que tenho agora, sabe Deus quanto me custam... Até meu serviço vai soffrendo, porque muitas vezes largo a roça e ponho-me a correr atrás dos bichinhos, só para não deixar de olho o tal *marréco*, em lugar de feitorar o trabalho dos negros... Meu *fazendeiro* é um diabo ruim e já velho... Ah! meu irmão, que carga você me pôz em cima das costas!... Eu, então que não nasci para esconder o que sinto cá dentro!...

E, Pereira, de tão attribulado que trazia o espirito, deixou-se cahir, n'um cómoro de terra.

Cyrino, defronte delle, ficára de pé e pensativo.

Afinal, depois de breve duvida, decidio tentar fortuna e encetar a grave questão que lhe importava a felicidade.

— Sr. Pereira, disse bastante commovido, acho que o allemão faz mal de andar batendo lingua em pessoa da sua familia e dou razão ás suas inquietações...

— Ah! vosmecê é homem de confiança.

— Mas, continuou o moço a custo e parando em cada palavra, penso que n'um ponto tem elle alguma razão... É quando... lhe deu... conselho... que o senhor não casasse sua filha... assim... sem perguntar a ella... se... emfim não sei... mas talvez o Manecão não lhe agrade...

Ergueu-se Pereira de um pulo e, approximando a face, repentinamente incendida de colera, junto ao rosto de Cyrino:

— O que? exclamou com voz de trovão, eu... consultar minha filha?... Pedir-lhe licença... para casal-a?... O senhor está doudo?... Ou está mangando commigo?... Ai... que tambem...

E vago lampejo de desconfiança illuminou-lhe a chammejante pupilla.

Comprehendeu logo Cyrino a melindrosa situação e sem demora tratou de desfazer a má impressão que produzira.

— Ah! disse com fingido riso, é verdade... Isto são costumes da cidade... aqui no sertão ha outro modo de pensar... Desculpe-me, Sr. Pereira, este Meyer é que está a confundir-me todas as idéas. Pois eu julgo... já que pede a minha opinião, que o senhor deve continuar a ter olho no estrangeiro... e hei de ajudal-o, quanto estiver nas minhas forças.

A pouco e pouco entrára o mineiro em si.

— Tambem agora, disse depois de ligeira pausa, não ha de ser por muito tempo... Ha mais de um mez que aqui pára elle e já me... contou que breve seguia viagem para Camapuan... Desenganou-se afinal... Esse não chegará até lá... mas é o mesmo. Um destes dias leva por ahi algum tiro para lhe botar juizo na cachola, ou alguma facada que lhe põe as tripas á mostra... Nem sempre ha de ter cartas de irmão para sahir-se bem da *rascada*... O diabo o leve para longe!... Voltemos, Sr. Cyrino... Já demais temos deixado o bicharôco sósinho...

E encaminhou-se para a vivenda, acompanhado de Cyrino. Ia este desalentado; na realidade bem rente lhe ficavam cortadas as esperanças que o haviam animado na tentativa de opposição ao projectado casamento da amada com o terrivel e fatal Manecão.

Ainda a meio do caminho voltou-se Pereira e disse-lhe peremptoriamente:

— Devéras, Sr. Cyrino, aquellas suas palavras me boliram com o sangue todo... Ainda o sinto galopar nas veias...

CAPITULO XXI

PAPILIO INNOCENTIA

> Considerai a arte da composição das azas da borboleta: a regularidade das escamas, cobrindo-as, como se fossem pennas; a variedade das cambiantes côres; a tromba enrolada com que suga o alimento no seio das flôres; as antennas, orgãos delicados do tacto, que lhe corôam a cabeça cercada de uma rede admiravel de mais de mil e duzentos olhos...
>
> BERNARDIN DE SAINT-PIERRE—*Harmonias da natureza.*

MEYER, que estava sentado á soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueo-se precipitadamente ao avistar Cyrino e correu ao seu encontro.

Trazia o coração no rosto, um coração cheio de alegria e triumpho.

— O' Sr. doutor, exclamou, venha, venha vêr uma preciosidade... uma descoberta... especie nova... não ha em parte alguma... Ouvio?... Cousa assim vale um throno... E fui eu que o descobri!... Nem se quer *Júque* me ajudou... pois estava deitado e dormindo... Não é verdade Sr. Pereira?

— Veja, murmurava o mineiro, que barulhada faz elle com o tal *aniceto*... Ao menos se fosse um animal grande !

Exultava Meyer de orgulho.

— É uma especie ... nova ... completamente nova! Mas já tem nome... Baptisei-a logo... Vou-lhe mostrar... Espere um instante...

E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha de flandres, carregando-se com toda a reverencia e cujo tampo abrio cuidadosamente.

Da propria garganta sahio um grito de admiração, que Cyrino acompanhou, embóra com menos enthusiasmo.

Pregada a larga taboa de pita, via-se formosa e grande borboleta, com as azas meio abertas, como que disposta a tomar vôo.

Eram essas azas de maravilhoso colorido; as superiores do branco mais puro e luzidio, as de baixo de um azul metallico de brilho vivissimo.

Dir-se-ia a combinação aprimorada dos dous mais bellos lepidopteros das matas virgens do Rio de Janeiro, Laertes e Adonis, estes azues como ceruleo cantinho do céo, aquelles alvinitentes como petalas de magnolia.

Sem contestação era lindissimo specimen, verdadeiro capricho da explendida natureza daquelles páramos. Tambem Meyer não tinha mão em si de contente.

— Este insecto, dizia elle como se o ouvissem

dous profissionaes na materia, pertence á phalange das Heliconias. Denominei-a logo Papilio Innocentia, em honra á filha do Sr. Pereira, de quem tenho recebido tão bom tratamento. Tributo todo o respeito ao grande sabio Linneo —e Meyer levou a mão ao chapéo—mas a sua classificação já está um pouco velha. A classe é, pois, *Diurna*; a phalange, *Heliconia*; o genero *Papilio* e a especie *Innocentia*, especie minha e cuja gloria ninguem mais me póde tirar...Daqui vou, hoje mesmo, escrever ao secretario perpetuo da Sociedade Entomologica de Magdeburgo, participando este facto tão importante para mim e para a sabia Germania.

Dizia Meyer tudo isto com legitima ufania e lentidão dogmatica.

Depois, com mais volubilidade e apezar de tropeçar amiudadas vezes em palavras, o que, para commodidade dos leitores temos quasi sempre deixado de indicar, continuou:

— Reparem, meus senhores, neste lepidoptero com os cuidadosos olhos da sciencia. Tem quatro pés caminhantes; as antennas de terminação comprida e oval, cavada em fórma de colher; os palpares maiores do que a cabeça e escamosos; tromba toda branca e labio quasi nullo. Não perdi nem sequer um pouco do seu pó, porque o pó, um só grão de pó, vale tanto como uma penna de passaro, e a comparação é perfeita, visto como cada uma destas escamas, á semelhança das pennas, é atravessada por uma trachéa, por onde circula o ar. Oh!

que achado! proseguio elle. Que triumpho para mim! A Sociedade Entomologica de Magdeburgo ha de ficar muito orgulhosa.... Sem duvida alguma, farão uma sessão solemne, extraordinaria... *Mein Gott!*... Estou que não posso, de alegria!... Tambem daqui a dous ou tres dias, vou me embora desta casa...

— Devéras? atalhou Pereira.

— Sim, senhor. Com esta descoberta fico satisfeito. O meu itinerario é para Camapoan; depois vou a Miranda e talvez Nioac... Hei de subir até ao Coxim, e ahi, ou embarco para Cuyabá no rio Taquary, ou sigo por terra pelo Pequiry.

— E o senhor volta para sua patria?

— Boa duvida!... Daqui a anno e meio pretendo apresentar a minha collecção toda arranjada á Sociedade Entomologica...

— Homem, observou Pereira com intenção que seu hospede não podia nem de leve perceber, eu quizera já estar nesse dia. Daqui a anno e meio que voltas terá dado o mundo?...

— Terá percorrido, respondeu Meyer gravemente, dezoito signos do Zodiaco.

— Pois bem, eu queria vêr isto... Já me tarda esse dia...

— Quando elle chegar, continuou o allemão com sinceridade e um tanto commovido, hei de me lembrar com gratidão do tratamento que recebi... nos sertões do Imperio... e hei de dizer... bem alto... que os brazileiros... são felizes... porque são morigerados e têm boa indole...

— A crescente, interrompeu Pereira com algum azedume, que zelam com todo o cuidado a honra das suas familias.

Obedeceu Meyer docilmente e repetio palavra por palavra:

— E zelam com todo o cuidado a honra das suas familias.

— Muito bem, replicou o mineiro, diga isto, e o Sr. terá dito uma verdade.

CAPITULO XXII

MEYER PARTE

Adeus, pois, amigos; adeus, bella companhia! Aos lares distantes cada qual de nós por caminhos diversos deve um dia chegar.

CATULLO. — *Epigramma XLVI*

Não haviam descontinuado as visitas feitas a Cyrino por enfermos de muitas leguas em torno. Tão frequentes e teimosos eram os casos de sezões e maleitas, que a porção de sulfato de quinina que trouxéra em suas canastras estava toda esgotada, pelo que se vira levado a substituil-o, sem tanta confiança, comtudo, por plantas verdes do campo ou hervas seccas, fornecidas por uns bolivianos, a quem encontrára em Minas, vindos de Santa Cruz de la Sierra a peregrinar pelo interior do Brasil e a medicar doentes, sem Chernoviz em punho, nem aquelles resquicios de conhecimentos therapeuticos que ostentava o nosso doutor.

Entre os enfermos que o vinham diariamente

procurar, alguns accusavam molestias cujas qualificações eram complicadas e estramboticas: assim, declaravam-se atacados de *mal de engasgue*, *espinhéla cahida*, *mal de encalhe*, *tosse de cachorro*, *feridas brabas*, etc.

Quem se queixava do *mal de engasgue* era o capataz de uma fazenda chamada do Váo, distante da casa de Pereira umas boas 50 leguas.

— Sr. doutor, disse o enfermo, minha vida é um continuo lidar de soffrimentos. Estou com este mal, *fará* cinco annos em S. João, por signal que me veio com uma grande dôr na boca do estomago. Ha *tempos* que não posso engulir nada, sem beber logo muitos *gólos* de agua, de maneira que me encharco todo e fico que mal me mecho de um lugar para outro.

— E a dôr, perguntou Cyrino, ainda a sente?

— *Toda a vida*, respondeu o capataz .. O que me *afflege* mais é que ha comidas então que não me passam na guéla... E um fastio dos meus pecados... Boto uns pedacinhos no *buxo* e me parece que dentro tenho um bolo que está a me subir e descer pela garganta...

Receitou o medico umas dóses de herva de marinheiro como emetico e fez mais algumas prescripções que o enfermo ouvio com toda a religiosidade.

No estado de perturbação moral em que se achava o joven facultativo, natural é que fosse uma cousa pela outra; mais importante, porem, era a fé

que suas indicações incutiam, a fé, essa alavanca poderosa da medicina, esse contingente precioso que o espirito ministra aos ingentes esforços da natureza na sua constante luta contra os principios morbidos.

O doente de *espinhéla cahida* accusava um peso muito forte e perenne no estomago e a impossibilidade de levantar as mãos unidas á mesma altura.

Prescreveu-lhe Cyrino amargos do campo, genciana e quina e ordenou-lhe certas cautelas firmadas na voz geral, mas com algum fundo de razão; verbi gratiâ: engulir sempre a saliva e sobretudo deixar de fumar depois de comer.

O infeliz moço, ao passo que tratava de curar os outros, mais do que ninguem precisava de quem lhe cuidasse, pelo menos da alma.

Via não só Meyer fazendo os seus preparativos de partida, e em vespera de deixal-o a sós com Pereira, podendo este descobrir afinal o engano em que havia laborado, como tambem a clinica quasi esgotada, aconselhando-lhe a conveniencia de transportar-se para outro ponto e continuar a encetada viagem.

Tudo isso, e o amor a augmentar, a tirar-lhe todo o socego, a emmagrecel-o, a consumil-o a fogo lento...

Meyer, na realidade, desde o achado da sua magnifica borboleta, não pensava senão em partir.

— Oh! dizia elle, eu quizera estar já em Magdeburgo... Quantas leguas, *Mein Gott!... Papilio Innocentia...* minha gloria! Que diz, Sr. Cyrino?...

— É verdade... mas quem sabe se o senhor não deveria ficar mais tempo aqui?... Talvez achasse outra borboleta nova...

— Não, é impossivel... Era felicidade de mais... Além disso o dinheiro não me havia de chegar.

— Oh! posso emprestar-lhe...

— Muito obrigado... mas é de todo impossivel a minha estada aqui... Veja o senhor: tenho ainda que ir a Camapoan, a Miranda, a Cuyabá, para então voltar... E só me restam poucos mezes... A Sociedade Entomologica de Magdeburgo conta commigo na primavera do anno que vem...

Mettida uma vez essa idéa na cabeça, Meyer não deixou mais de fallar na sua partida um só instante e, para que a execução correspondesse ao promettido, mandou na tarde seguinte José Pinho, o camarada, alçar cargas ás costas do burro, depois de tel-as, elle proprio, arranjado e revistado com toda a cautela.

O carióca julgou nesse momento dever lavrar um protesto:

— *Mochú*, disse elle, vai recomeçar com o seu modo de andar por estas estradas á noite... Afinal havemos todos de cahir nalguma *buraqueira*, eu, o senhor, o burro, as cargas e os bichos; e não chegaremos, nem eu ao Rio de Janeiro, nem o senhor á sua terra. Emfim já estou cansado de avisar.

No momento da partida apresentava o natura-

lista aquelle mesmo aspecto da celebre noite da sua chegada: eram aquellas mesmas frasqueiras a tiracollo, aquelle mesmo ar tranquillo e bonachão com que viera, fóra de horas, pedir pousada á casa de Pereira.

Este, ao vêr o hospede a cavallo e prestes a deixar para sempre a sua morada, sentio-se possuido de alegria, repassada, sem saber pelo que, com admiração repentina e intima, de tal ou qual commoção. No fundo, achára de si para si as desconfianças mal empregadas e deixára-se levar pela sympathia que em todos incutia o caracter naturalmente inoffensivo e meigo do saxonio.

— Chegou, declarou Meyer, a hora da minha despedida.

E, sacudindo com força a mão e o braço do mineiro.

— Sr. Pereira, meu amigo, adeus!... nunca mais nos havemos de vêr... mas hei de lembrar-me do senhor toda a vida... Quando eu estiver na minha patria, daqui a milhares e milhares de leguas... pelo pensamento recordarei os dias felizes... que aqui passei.

— Oh! Sr. Meyer, balbuciou Pereira.

— Sim, felizes, continuou Meyer com muita lentidão, felizes porque correram... sem que eu percebesse que o tempo estava caminhando... De todo o Brasil fica em mim a lembrança... mas desta sua casa... essa lembrança é mais viva e mais forte.

O allemão acompanhára o seu pensamento com

o gesto, acenando com o punho fechado para mostrar o effeito daquellas impressões.

Voltando-se para Cyrino, acrescentou :

— Sr. doutor, suas receitas estão todas marcadas no meu caderno... O senhor póde enganar-se ás vezes... mas suas intenções são sempre boas... e isso basta para desculpal-o... Eu...

Interrompendo o que ia dizendo, ficou instantes a olhar para Cyrino e Pereira, que estavam igualmente silenciosos, e uma lagrima comprida deslisou-se-lhe pela face, sem na physionomia mostrar a menor alteração.

— Adeus ! concluio elle repentinamente.

— Boa viagem, Sr. Meyer, boa viagem, disse Pereira ajudando-o a montar a cavallo.

— Adeus !... adeus !... repetio elle.

E interpellando o camarada :

— *Júque*, vá na frente !... Toque pouco no burrinho... Nosso pouso é daqui a meia legua... ,

Deu Meyer então de rédeas e caminhou a passo, atrás de José Pinho ; ia este munido de um cabeçudo cacete evidentemente hostil ás costas do cargueiro entregue aos seus cuidados.

— Lá vai o bicho ! exclamou Pereira ao vêr a tropinha pelas costas. É um allivio... Elle, coitado, não era máo... mas não tinha modos... Safa, hei de me lembrar sempre do tal Sr. Meyer !... Foi uma campanha... Ué... Olhe, Sr. Cyrino... não está elle de volta ?... Teria esquecido alguma cousa ?

Com effeito reapparecia a trote o allemão em carne e osso, como quem vinha procurar ou dizer cousa de importancia.

— Então que tem? perguntou Pereira adiantando-se e alçando a voz. Deixou algum *trem?*... Daqui a pouco é *escurão*. (1)

Meyer, no entanto, ia chegando e de certa distancia entrou a explicar a razão da volta:

— Não deixei cousa alguma, Sr. Pereira. Tão sómente faltei a um dever...

— Qual é? indagou o mineiro.

— Não me despedi da sua filha...

— Ah! replicou Pereira com vivacidade, não era preciso... tanto mais que ella... está dormindo... meio adoentada... Ha pouco tinha muito peso na cabeça... Eu lhe hei de dizer... Não se incommode...

— Pois então, observou Meyer com muita gravidade, diga-lhe que tem em mim um criado, em toda parte onde esteja... Seu nome ficou para sempre na sciencia; e a estima em que a tenho é grande... É uma moça muito bella... digna de ser vista na Europa...

— Pois não, pois não, interrompeu Pereira, vá sem susto.

— Sim, eu me vou, adeus!

— Vá indo... olhe que o sol *dobra* de repente aquelle matto e a noite cahe logo...

---

(1) Escurão é o finalizar do crepusculo.

— Sim, sim, adeus, disse elle despedindo-se de uma vez.

E na estrada arêenta, á luz do astro que descambava, foi se tornando comprida a mais e mais a sombra do bom Meyer, á medida que elle marchava atrás do seu camarada, do cargueiro e da collecção entomologica.

CAPITULO XXIII

A ULTIMA ENTREVISTA

Está a mascara da noite sobre meu rosto ; sem ella, verias minhas faces tintas de rubor virginal.

SHAKSPEARE. — *Romeu e Julieta.* — *Acto II.*

Mais cresce a luz, mais augmentam as trevas das nossas desgraças.

IDEM. — *Acto IV.*

Grave modificação trouxe a retirada de Meyer no systema de viver daquella vivenda, onde se agitava um dos problemas mais comesinhos da natureza moral, mas que alli apresentava côres algum tanto carregadas e sombrias.

Fôra Pereira dormir no interior da casa, passando ahi a maior parte do tempo. Assim os encontros dos dous apaixonados tornaram-se de todo impossiveis; e, não tendo mais a attenção do mineiro o alvo a que sempre mirára durante a estada do allemão, começava, como era de prevêr, a voltar-se para Cyrino, a quem confessou ter tratado Meyer com injusta prevenção.

— Hoje, dizia o mineiro, dóe-me na consciencia o modo porque desconfiei daquelle homem... Quem sabe se tudo que eu pensava não foi abusão cá da cachóla?... Sr. Cyrino, quando a gente entra a scismar... é que vê que todos têm quéda para maluco... Sim senhor!... Hoje estou convencido que o tal *allamão* era bom e sincero... Olhou para a menina... achou-a bonita... e disse aquelle *despotismo* (1) de asneiras sem vêr a mal... Em pessoa que não guarda o que pensa, é que os outros podem fiar... Ás vezes o perigo vem d'onde nunca se cuidou... Emfim não me arrependo muito ter feito o que fiz... Receei... e tomei tento...

Amiudando-se estes e outros dizeres iguaes, deram que reflectir a Cyrino. De uma hora para outra, comprehendeu, as vistas inquisitoriaes poderiam tornar a sua posição insustentavel.

Por emquanto tratou de encontrar-se com Innocencia. As difficuldades eram grandes; o meio unico, tentar novamente as entrevistas nocturnas; pelo que do laranjal não arredava pé noites e noites inteiras, alli ficando com os olhos presos á janella da querida do coração.

N'uma madrugada, vio afinal a sombra de Innocencia.

N'um apice achou-se o mancebo junto della e agarrou-lhe com violencia nas mãos.

— Emfim, exclamou elle, eu a vejo.

(1) Grande quantidade.

— Meu pai, murmurou a moça com voz tão fraca que mal se ouvia, póde acordar...

— Não, importa, replicou Cyrino desabrido, descubra-se tudo... não posso mais viver assim...

— Chi ! observou ella, cuidado !... Se elle nos acha aqui, mata-nos logo... Olhe, vá me esperar junto ao *corguinho* (1) para lá do laranjal... daqui a nada vou ter com mecê... A porta está só encostada...

O moço fez signal de obedecer e incontinente sumio-se na escuridão do pomar.

Áquella hora dava a lua de minguante alguma claridade á terra ; entretanto como que se presentia outra luz a preparar-se no céo para irradiar com subito explendor e infundir animação e alegria á natureza adormecida. Nos galhos das larangeiras ouvia-se o pipilar de passaros prestes a acordar, um gorgear intimo e avelludado de ave que cochila; e ao longe um sabiá mais madrugador desfiava notas que o silencio harmoniosamente repercutia. Riscava-se o oriente de tenues linhas vermelhas, prenuncio mal perceptivel do dia ; nos espaços, brilhavam estrellas já um tanto amortecidas, e, aureolava o disco da lua frôxa e amarellada névoa.

Estava Cyrino tão commovido, que teve de sentar-se, emquanto esperava Innocencia.

Esta não tardou : vinha vestida de uma saia de algodão grosseiro e á cabeça trazia uma grande

(1) Corregosinho

manta da mesma fazenda, cujas dobras suas mãos prendiam junto ao corpo. Estava descalça, e a firmeza com que pisava o chão coberto de seixinhos e gravêtos, mostrava que o habito lhe havia endurecido a planta dos pés, sem lhes alterar comtudo a primitiva elegancia e pequenez.

Parecia muito assustada, e, máo grado seu, lhe cahiam dos olhos lagrimas a fio.

O mancebo, apenas a avistou, correu-lhe ao encontro.

— Innocencia, exclamou elle notando um gesto de duvida, nada receie de mim... Hei de respeital-a, como se fôra uma santa... Não confia então em mim?...

— Sim ! disse ella apressadamente. Por isto é que vim até cá... Entretanto estou com a cara ardendo... de vergonha...

E, levando uma das mãos de Cyrino ás suas faces :

— Veja, Cyrino, como tenho o rosto em braza... Porque é que mecê veio bolir commigo ?... Eu era uma moça socegada... agora se mecê não gostasse mais de mim... eu morria...

— Não, affirmou o moço com energia, se disto depende a sua vida, você ha de viver uma eternidade...

— Devéras ?

— Eu lhe juro... É mais facil apagarem-se de repente estas estrellas todas do que eu deixar de amal-a...

— E Manecão? perguntou ella com terror.

— Oh! esse homem, sempre esse nome maldito!...

— Ha de ser meu marido...

— Isso nunca, Innocencia... É impossivel!... Tudo póde acontecer, menos isso... E se fugissemos?... Olhe, amanhã a estas mesmas horas, ou mais cedo, trago para aqui dous bons animaes... Você monta n'um, eu n'outro... batemos para Santa Anna e, a galope sempre, havemos de chegar a Uberaba... onde acharemos um padre que nos case... Vamos, ouvio?

— E mecé havia de me estimar *toda a vida?*

— Sempre... Diga, sim... diga pelo amor de Deus, e estamos salvos... diga!...

— E meu pai Cyrino? O que *havéra* de ser?... Atirava-me a maldição... eu ficava perdida... uma mulher de má vida... sem a benção do seu pai... Não... mecê está me tentando... Não quero fugir... Antes a desgraça para toda a existencia... mas fique eu sendo o que meu nome diz que sou... Já muito pecco, fazendo o que faço.... Mecê é moço da cidade: não custa enganar uma creatura como eu... Até...

— Pois bem, interrompeu Cyrino, você não quer?... não fallemos mais nisso.... Não hei de querer, senão aquillo que achar bom... E se eu por fim me decidir a fallar a seu pai?

— Deos nos livre! retorquio ella aterrada. Pensei a principio que podéra ser; mas depois

vi que era peior... Mecê não conhece o que é palavra de mineiro... ferro quebra, ella não... Manecão ha de ser genro delle...

— Quem sabe, Innocencia? Hei de fallar tanto... pedir com tanta humildade...

— Ché, que esperança! de nada serviria...

— Então que fazer? bradou o moço. A que Santa nos agarrarmos? Porque é que o céo nos quer tanto mal?

E, occultando a cabeça entre as mãos, desabalou a chorar ruidosamente. Innocencia, por seu lado, encostou a fronte ao hombro do amante, e ambos, unidos, choraram como duas crianças que eram.

Foi ella quem primeiro rompeu o silencio.

— Ah! meu Deus, se o padrinho quizesse!...

— Seu padrinho? perguntou Cyrino. Quem é?... quem é elle?

— Um homem que mora para lá das Parnahybas, já nos terrenos Geraes.

— Onde?... É longe?...

— Meio longe, meio perto... Mecê não conhece o *Pauda* (1)?

— Conheço... Á 16 leguas do rio Paranahyba...

— Pois é ahi que o padrinho *pára* (2)... Á esquerda da fazenda do Pauda, n'umas terras de sesmaria...

---

(1) Talvez seja o nome deste fazendeiro Padua. Entretanto é geralmente conhecido por Pauda.

(2) Móra.

— E como se chama elle?

— Antonio Cesario.... Papai deve favores de dinheiro e faz tudo quanto elle manda... Se dissesse uma palavra, Manecão *havéra* de ficar atrapalhado...

— Oh! exclamou Cyrino com subita confiança, estamos salvos então!... Amanhã mesmo monto a cavallo e toco para lá... Daqui á villa são sete leguas.... Até lá umas dezesete.... É um passeio... Chego... conto-lhe tudo... ponho-me de rastos aos seus pés... e

— Mas, interrompeu Innocencia, não lhe falle em mim, ouvio? Não lhe diga que *tratou* commigo... que commigo *mapiou*... Estava tudo perdido.... Invente umas historias... faça-se de rico... nem de leve deixe *assumptar* que foi por meu *juizo* que mecê bateu á porta delle... Hi! com gente desconfiada, é preciso saber *negaciar*...

— Oh! meu Deus, disse Cyrino no auge da alegria, estamos salvos!... Não ha duvida... Vejo agora como ha de tudo acontecer... Depois de um dia ou dous de parada na casa, *desembuxo* o negocio. O velho escreve uma carta a seu pai e pelo menos se não se arredar logo o Manecão... ganha-se tempo.... Eu já quizera estar montado na minha besta torquilha queimada a bater estrada por ahi.... Dous dias para ir: dous para voltar; dous ou tres de pousada... Com pouco mais de uma semana, estou de volta, trazendo ou a felicidade ou a *caipora* de uma vez. Não!... Tenho fé em Nossa Senhora da

Abbadia... Ella nos ajudará... e juntos havemos ainda de cumprir a promessa que já fiz...

— Que *permessa* foi? perguntou Innocencia com curiosidade.

— Irmos nós daqui até á villa a pé botar duas velas bentas no altar de Nossa Senhora.

— Sim, confirmou a moça com fogo, eu juro... Fosse até ao fim do mundo !...

— Oh ! minha santa do Paraizo, exclamou o moço apertando-a de encontro ao peito, quanto me ama você ! !

E assim abraçados, quedaram elles inconscientes, emquanto a aurora vinha clareando o firmamento e desferindo para a terra raios indecisos como que a sondarem a profundidade das trevas ; emquanto os passaros chilravam á surda, preparando as gargantas para o matutino concerto ; emquanto o orvalho subia da terra para o céo, molhando o dorso das folhas das grandes arvores e suspendendo ás rasteiras plantinhas gottas, que scintillavam já como diamantes.

Ao longe, á beira de algum rio, as aracuans levantavam a sonora grita, e o macauan atirava aos ares os pios prolongados da aspera garganta.

— É dia, observou Innocencia desprendendo-se dos braços de Cyrino.

— Já, exclamou este amuado.

— Meu Deus, e eu que tenho de ir até a casa... vou-me embora...

— Então partirei hoje mesmo, disse o moço.

— Sim...

— E na semana que vem, estou de volta...

— Pois bem... Leve com mecê esta certeza: minha vida ou minha morte depende do padrinho...

— A minha tambem, replicou o mancebo beijando com fervor as mãos de Innocencia...

— Deixe-me.... deixe-me, implorou ella.... Adeus, estou com um medo!... Felizmente ninguem me vio...

Nesse momento e, como que para responder á asseveração, de dentro do pomar partio aquelle fino assovio que tanto assombrára os amantes na primeira das suas entrevistas.

Innocencia quasi cahio por terra.

— Meu Deus! balbuciou ella, que agouro!.... Quem sabe se não é gente?

Ao assovio seguio-se uma especie de gargalhada, que gelou o sangue nas veias dos dous miseros.

Agarrou-se a menina a Cyrino.

— É alma do outro mundo, murmurou ella persignando-se.

Não perdêra o mancebo o sangue frio. Invocando a S. Miguel, fez o signal da cruz na direcção dos quatro pontos cardeaes; depois suspendeu a moça em seus braços e, transpondo a toda pressa o pomar, foi depôl-a junto á porta da casa, porta que estava entreaberta, naturalmente pelo vento.

Quasi desmaiára Innocencia: entretanto, reunindo as forças, pôde entrar e cautelosa fechou o trinco interior.

Mais socegado a esse respeito, voltou Cyrino ao laranjal e como da primeira vez pôz-se a percorrel-o em todos os sentidos, indagando, á nascente claridade do dia, se era ente humano ou fantasma quem delle parecia fazer joguete.

No momento em que passava por junto de uma larangeira mais copada, vio de repente certa massa informe cahir-lhe quasi na cabeça e no meio de folhas e ramos quebrados vir ao chão com surdo grito de angustia.

— Cruz ! Te esconjuro ! bradou o moço.

E, como uma visão, passou-lhe por entre as pernas uma creaturinha, desapparecendo logo entre os troncos das arvores.

Alli esteve Cyrino com os cabellos erriçados, os olhos fixos, os braços hirtos de terror, os labios seccos a tartamudear um exorcismo e as pernas a tremer, que nem varas verdes.

Uma vóz, a certa distancia, arrancou-o desse espasmo.

Era Pereira ; com a mão encostada á boca interpellava no terreiro a um dos seus escravos.

— *Faz* fogo, José !... Se fôr alma do outro mundo ou lobishomem, a bala não péga... Se fôr gente, melhor...

E um tiro troou.

E sibilou uma bala aos ouvidos de Cyrino, indo cravar-se n'uma arvore proxima.

Por outra, não esperou elle. A favor da escuridão que ainda reinava, deslisou rapido e foi

buscar a frente da casa, quando já iam acordando os camaradas.

Mal chegára á sala, appareceu-lhe Pereira á porta.

— Que foi isto? perguntou Cyrino compondo a physionomia.

— Lá sei, respondeu o mineiro. Uma matinada de gritos no laranjal, que parecia um inferno... A pequena ficou toda que parecia querer morrer de medo. Desconfio que a alma do collector (1) andou hoje rondando-me a casa... Não seja presagio de mal... A Senhora Sant'Anna nos proteja...

— Pois cá dormi como um chumbo, disse Cyrino; acordei com um tiro...

— E não ha de poder enfiar outra somnéca; daqui a um *nadinha*, está o sol batendo no terreiro.

Com effeito, depressa caminhára a aurora, e debaixo daquellas vivas impressões acordaram aquelles que haviam conciliado o somno, na morada de Pereira.

---

(1) Esse collector, de que falla Pereira e cuja alma anda, no dizer dos sertanejos, vagando pelas solidões de Sant'Anna, era um empregado publico, que foi processado e preso depois de provada a concussão praticada no exercicio dos seus deveres. Falleceu na prisão, e como o Estado lhe sequestrou todos os bens, cahiram em abandono a excellente casa e fazenda que formára a umas trinta leguas da villa.

CAPITULO XXIV

A VILLA DE SANT'ANNA

> Debaixo do céo ha uma cousa que nunca se vio: é uma cidade pequena, sem fallatorio, mentiras e bisbilhotice.
>
> LAVERGNE.

Nesse mesmo dia, montou Cyrino a cavallo e despedio-se de Pereira por uma semana ou pouco mais, dando por motivo de tão inesperada viagem, não só a necessidade de visitar alguns doentes mais afastados, como procurar, quer na villa, quer mesmo nos campos da provincia de Minas Geraes, uns remedios e simplices que lhe iam faltando.

— Daqui a um terno de dias estarei de volta, disse ao partir.

Desde a casa de Pereira até ao Albino Lata é tão ensombrada e agradavel a estrada, que essas tres leguas lhe foram muito faceis de vencer.

Ahi, porém, começam campos dobrados e soalheiros que, n'um estirão de quatro leguas, até á villa de Sant'Anna tornam penosa a viagem, sobre-

tudo quando são percorridos sob os ardentes raios do sol do meio-dia.

Exaltam-se e irritam-se os incommodos do espirito, no momento em que o physico começa a soffrer.

Quando Cyrino passou por aquellas campinas desabrigadas, abrazado de calor, desanimou completamente do exito da empreza a que se atirára. Tanta esperança o alvoroçava quando ia seguindo a vereda encoberta e amena, quanto desalento sentia agora; e, desacoroçoado, deixava que o animal o fosse levando a passo vagaroso e como que identificado com a disposição de animo do cavalleiro.

— Que vou eu fazer? pensava quasi alto... Como encetar aquella conversa?

Tamanha era a duvida que o salteava que chegou quasi a blasphemar contra a amada do seu coração.

— Maldita a hora em que vi aquella mulher!... Seguia eu socegado o meu rumo... botaram-me a perder os seus olhos!...

Depois exclamou contricto:

— Perdão, Innocencia! perdão, meu anjo! Estou a amaldiçoar a hora da minha felicidade... Eu que sou homem, posso fugir... deixar-te... mas tu, amarrada á casa... Infeliz, fui o culpado!...

E, engolfado em dolorosa cogitação, alcançou a villa de Sant'Anna do Paranahyba.

De longe é summamente pitoresco o primeiro aspecto da povoação.

Ponto terminal do sertão de Matto Grosso, assenta no abaúlado dorso de um outeirosinho. O que lhe dá, porém, encanto particular para quem a vê de fóra, é o extenso laranjal, corôado annualmente de milhares de aureos pomos, em cuja folhagem verde-escura se encravam as casas e resalta a cruz da modesta igreja matriz.

Transposto limpido regato e vencida pedregosa ladeira com casinholas de sapé á direita e esquerda, chega-se á rua principal, que tem por mais grandioso edificio espaçosa casa de sobrado de construcção antiquada. Ornamenta-a uma varanda de ferro e um telhado que se adianta para a rua, como a querer abrigal-a em sua totalidade dos raios do sol.

É ahi que mora o major Martinho de Mello Taques.

Na sua loja de fazendas ao rez do chão reune-se a melhor gente da localidade, para ouvil-o dissertar sobre politica, ou contar a guerra dos farrapos no Rio Grande do Sul e a vida que se leva na côrte do Rio de Janeiro, onde estivera pelos annos de 1838 a 1839.

De vez em quando naquella silenciosa rua, em que tão bem se estampa o typo melancolico de uma povoação acanhada e em decadencia, apparece uma ou outra tropa carregada, que levanta nuvens de pó e attrahe ás janellas rostos macilentos de

mulheres, ou á porta crianças pallidas das febres do rio Paranahyba e barrigudas de comerem terra.

Tambem aos domingos, á hora da missa, por alli cruzam velhas mulheres embrulhadas em mantilhas, acompanhando outras mais mocinhas que trajam capote comprido até aos pés e usam d'aquelles pentes andaluzes, de moda em tempos que já vão longe.

Atravessou Cyrino a villa, e passando por defronte do Sr. Taques saudou-o com a mão, e sem parar.

Estava o major, como de costume, sentado ao balcão e rodeado da melhor gente do lugar a contar não só as proprias proezas, que muitas as tem aquelle estimavel cidadão, senão tambem as façanhas dos antigos sertanejos, historias que sabe na ponta da lingua.

— Lá vai o doutor, disse um dos presentes á palestra da loja.

— O' Sr. Cyrino! interpellou o major correndo para a porta. Então que é isto? Por aqui?!

— É verdade, respondeu Cyrino, e vou de passagem; tambem por pouco tempo: talvez nestes oito ou dez dias esteja de volta.

Tudo quanto enchia a salinha havia sahido para a rua, de modo que o moço ficou logo cercado. Recostavam-se uns quasi á anca do animal; afagavam-lhe outros a pá do pescoço ou brincavam com o freio.

Achava-se a curiosidade aguçada: era preciso dar-lhe pasto.

Comprehendeu o major o alcance da situação.

— Cada qual tem os seus negocios particulares, disse logo para começar, mas se não ha segredo, que quer dizer esta sua volta?

— Já devia estar bem longe de *acá*, observou um sujeito. Ha quasi dous mezes que *parou* aqui na *cidade* e...

— Espere, interrompeu o vigario, não ha tal dous mezes. O doutor passou por esta rua ha um mez e vinte dous dias, ás 8 horas da manhã.

— Pois bem, continuou o major, tinha tempo de sobra para estar já por bandas de Miranda...

— Isto se fosse escoteiro, replicou Cyrino; reparem que levava cargas... e demais viajava curando...

— É verdade! confirmou o collector (homem esguio, que trazia um chapéo alto e afunilado), não pensam nisso. O que querem é fallar... fallar...

— Creio que o senhor não atira a mim, observou o vigario com ar rusguento.

— Quem em tal cuida, senhor padre? protestou logo o outro. Estou dizendo em geral... em geral. Eu não...

— Mas, doutor, atalhou o major, onde esteve o senhor de molho este *tempão?*... nalguma fazenda?

Promettia ir longe o interrogatorio.

— Eu já estava quasi perto do Sucuriú, disse Cyrino meio perturbado, no...

— Não é tão perto assim, objectou o vigario. Uma vez...

— Ouçamos, senhor padre, atalhou o collector denunciando rixa velha com o clerigo. O moço não disse que seja perto daqui...

O major repetio as palavras de Cyrino, acentuando-as de certo modo:

— Então o doutor já estava quasi perto do Sucuriú, não é?

— De facto. Alli encontrei uma pessoa que me devia, ha tempos, um dinheiro...

— Um dinheiro? perguntou o vigario. Uma pessoa?... Que pessoa? Quem será?

— Homem, quem poderá ser? perguntaram a um tempo vozes sofregas.

Proseguio o major implacavel:

— Deixem o doutor explicar-se... Vocês fazem logo uma algazarra!...

Foi quasi a balbuciar que Cyrino procurou continuar:

— Sim... certo tropeiro... mandou ordem *para mim* cobrar... de um parente uma *bolada*... Tambem eu tinha que... pagar a outra pessoa... que...

— Espere, espere, interrompeu o major, então o senhor veio receber dinheiro ou desembolsar? Não é uma e a mesma cousa...

— Por certo, apoiaram os circumstantes.

Cyrino fez repentina parada nas suas explicações.

— Tambem, disse com alguma volubilidade, muito breve estarei voltando cá. Tenho de ir para lá do rio...

— Vai até ás Melancias? indagou o collector ageitando o nome de um pouso para vêr se acertava.

— Mais adiante, respondeu o moço e vendo a impossibilidade de escapar de tão terrivel interrogatorio, mudou de tactica:

— Na volta, disse elle dirigindo-se ao major, hei de lhe comprar algumas fazendas...

— Já adivinhei, exclamou o vigario cortando a palavra a Cyrino, o doutor vai casar.

— Ora, chasquearam alguns, para que tanto segredo?... Ninguem lhe vai roubar a noiva!...

— Sobretudo quando as cousas têm de me vir ás mãos, ponderou o padre.

Por instantes deram o acanhamento e o silencio de Cyrino azo a muitas observações.

— Parabens! dizia um.

— Quem é essa feliz sertaneja? perguntaram outros.

— Juro-lhe, meus senhores, protestou o moço, não ha nada...

Proseguio o padre:

— Pois se quer um conselho, apresse isso, de uma cajadada matarei dous coelhos... É o senhor e o Manecão.

— Na verdade, concordaram os presentes.

— Mas onde se metteu elle? perguntou um d'elles.

— Ha pouco estava aqui...

— Quem? o Manecão?

— Sim...

— Alli vem elle! annunciou alguem.

No fim da rua apparecia com effeito um homem montado em fogoso cavallo que sofreava com firmeza e mão adextrada.

Era a personificação do capataz de tropa.

Cabellos compridos e emmaranhados, ar selvatico e sobranceiro, tez queimada e vigorosa musculatura constituiam um typo que attrahia de prompto a attenção.

Mettidos os pés n'umas especies de polainas de couro crú de veado, grandes chilenas de ferro, lenço vermelho atado ao pescoço, garruchas nos coldres da sella e chicote de cabo de osso em punho, tudo indicava o tropeiro no exercicio da sua lida.

— Nosso Senhor... comvosco, disse ao chegar erguendo ligeiramente a aba do chapéo com a ponta de um dedo.

— Bons dias, Sr. Manecão, respondeu por todos o major, ou melhor, boas tardes. Já sei que desta feita vai de batida...

— Boa duvida, grasinou o vigario, vai ver a pequerrucha...

Sorrio-se o capataz com melancolia:

— Não é por isso, Sr. vigario. Não me deixo

anarchisar (1) por mulheres; mas emfim a gente deve um dia deitar a poita... A vida é uma viagem...

Ficavam Cyrino e Manecão no meio dos curiosos.

Fitaram-se: um indifferente e altivo no modo de encarar; outro, descorado, meio tremulo.

— Este *cujo* é o *cirurgião?* perguntou a meia voz Manecão adernando no sellim para o lado do collector. A Cula (2) da venda me disse que tinha chegado... Tem-me cara de *enjoado* (3).

— Chi! retrucou o outro, mas *tem muita cabeça* (4). Por ahi fez um *despotismo* de curas.

Cyrino, notando que tratavam de si, cumprimentou com um riso de amabilidade:

— Boa tarde, patricio.

— Ora viva, correspondeu o tropeiro em tom aspero.

E, olhando para o sol, acrescentou:

— Vejam lá o que é um homem estar como mulher... a bater lingua... A tarde vem descendo, e muito tenho hoje que *palmear*... Minha gente, adeus... Sr. major, até mais vêr... Sr. vigario, breve estou cá...

Esporeou o animal; o circulo abrio-se, e Manecão partio em boa marcha.

(1) Dominar, desmoralisar.

(2) Modificação familiar de Clotildes.

(3) *Enjoado* é qualificativo muito usado na provincia de Goyaz. Tem muitas accepções, desde engraçado, tolo, até impostor, vaidoso.

(4) Tem muitos conhecimentos.

Aproveitando, por seu turno, aquella sahida rapida que rompêra a cadêa dos que o rodeavam, apertou Cyrino a mão do major e tomou rumo do rio Paranahyba, em cuja margem contava passar a noite.

Mal desapparecêra, e choveram commentarios que nem saraiva.

— Notou o senhor, disse o vigario para o major, como o doutor está mudado?... todo *jururú*.

— Nem tanto, contrariou o collector, nem tanto...

O Sr. Taques, major e juiz de paz, tomou ar de profunda meditação.

— Hão de os senhores vêr, disse por fim levantando um dedo para o ar, que aqui ha dente de coelho...

Durante essa noite e muitos dias subsequentes, repetio a villa toda aquellas celebres palavras.

— Foi o major quem disse, asseveravam convictos, aqui ha dente de coelho.

CAPITULO XXV

A VIAGEM

A's vezes sinto necessidade de morrer, como pessoas acordadas sentem necessidade de dormir.

MME. DU DEFFAND.

Encantador paiz! Teu aspecto, solitarios bosques, ar puro e balsamico têm o poder de dissipar qualquer sorte de tristeza, menos a da perda da esperança.

CARLOTA SMITH.

Cyrino em pouco mais de hora transpôz a distancia da villa ao rio. Tambem na legua e quarto que até lá medeia, só ha de ruim o trecho em que fica a matta que borda as margens da magestosa corrente.

Nessa matta trazem os troncos das arvores vestigio das grandes enchentes; o terreno é lodacento e ennatado; centro de putrefacção vegetal d'onde irradiam os miasmas que, por occasião da retirada das aguas, se originam em dias de intenso calor.

Abundam ahi coqueiros de stipite curto e folhuda corôa chamados *aucurys*, a que rodeam nume-

rosas lagoinhas de agua empoçada e coberta de limo.

Em nada é, pois, aprasivel o aspecto, e a lembrança de que alli imperam as temidas sezões faz com que todo viajante apresse a passagem por tão tristonhas paragens.

Ouve-se á curta distancia o ruido do rio.

Corre largo, claro e com rapidez.

Como duas verdes orlas, reflectem-se no espelhado da correnteza as elevadas margens e junto dellas moitas de *sarandys* curvadas pelo esforço das aguas e n'um balancear continuo produzem doce marulho.

Causa-nos involuntaria tristeza a contemplação de grande massa liquida a rolar, rolar mansamente, tangida por força occulta.

Bem como diante do oceano, cujo movimento incessante e monotono agita a alma, assim tambem aquelle passar perenne, quasi silencioso de uma corrente caudal, insensivelmente nos leva a meditar.

E quando o homem medita, faz-se triste.

Franca e espontanea é a alegria, como todo o facto repentino da natureza. A tristeza é uma vaga aspiração metaphysica, uma elação inquieta e quasi dolorosa acima da contingencia material.

Ninguem se prepara para ficar alegre. A melancolia pelo contrario aos poucos é que chega, como que resultado de phenomenos psychologicos a se encadearem uns aos outros.

Como nasceu aquella enorme porção de agua? D'onde veio? Para onde vai? Que mysterios encerra em seu seio?

Largo tempo ficou Cyrino a olhar para o rio. Em sua mente tumultuavam negros pensamentos.

Já se havia diffundido o crepusculo, e bandos folgazões de *quero-queros* saudavam os ultimos raios de sol e acordavam os écos em descommunal gritaria. De vez em quando passava algum pato selvagem, batendo pesadamente as azas; sobre as aguas as garças adejavam estirando e recolhendo o niveo collo, e pombas, aos centos, cruzavam de margem a margem a buscar o pouso de querencia.

Foi a luz morrendo no céo, seguida de perto pelas sombras; e o rio tomou aspecto uniforme, como se fôra lamina de prata não brunida.

— Emfim conheci o Manecão! pensava Cyrino. E para esse é que reservam a minha gentil Innocencia?!... Bonito homem para qualquer... para mim, para ella, horrendo monstro!... E como é forte!...

Digamol-o, sem por isso amesquinhar o nosso heróe, a idéa de força no rival acabrunhava-o.

— Se eu podesse... esmagava-o!... E que ar sombrio e desconfiado!... Meu Deus, dai-me coragem... dai-me esperanças... Nossa Senhora da Abbadia!... Nosso Senhor da Canna Verde... valei-me!...

E o mancebo, diante daquella natureza immensa que tanto se importava com a paixão que

lhe apertava com tenazes o peito, quanto com o insecto a chilrar debaixo da folha de humilde herva, cahio de joelhos, orando com fervor ou melhor desfiando automaticamente as preces que sua mãi lhe havia em pequeno ensinado.

E o rio corria sereno; e uma onça ao longe urrava, ou algum passaro da noite soltava gritos de susto, esvoaçando ás tontas.

.....

Transpondo, na manhã seguinte, o rio Paranahyba, pisou Cyrino territorio de Minas Geraes.

Depois de legua e meia em matta semelhante á da margem direita, abrem-se campos dobrados, um tanto crestados do sol, de aspecto pouco variado, mas abundantissimos em perdizes e codornas.

Tão preoccupado levava o moço o espirito que nem sequer uma só vez imitou o pio daquellas aves, distracção, á que aliás não se nega quem por lá viaja, tão instantes são os motivos de instigação.

Foi com impaciencia cada vez mais crescente que venceu as dezeseis leguas que o separavam da fazenda do Padua.

Ia com o coração cheio de tristeza e os olhos se lhe arrazavam de lagrimas, cada vez que contemplava o melancolico bority. Então pelo pensamento voava á casa de Innocencia. Tambem, alli, junto ao ribeirão em cuja borda se déra a ultima entrevista, erguia-se uma daquellas palmeiras, rainha dos sertões.

Que estaria fazendo a querida dos seus sonhos?

Que lhe aconteceria? E Manecão?! Já teria lá chegado?

Ao pensar nisto augmentava-se-lhe a agitação e com vigor esporeava a cavalgadura.

Transformava-se para elle o caminho em dolorosa via que n'uma vertiginosa carreira quizéra percorrer, mas que era preciso ir tragando pouso por pouso, ponto por ponto.

A impassibilidade magestosa da natureza exasperava-o.

Quando o homem devéras soffre, deseja nos raptos de allucinado orgulho vêr tudo derrocado pela furia de temporaes em harmonia com a tempestade que lhe vai no intimo.

— Meu Deus, murmurava Cyrino, tudo quanto me rodêa está tão alegre e é tão bello! Com tanta leveza voam os passaros; as flôres são tão mimosas; os ribeirões tão claros... tudo convida ao descanso... só eu a soffrer! Antes a morte... Quem me déra arrancar do coração este peso, esta certeza de uma desgraça immensa? Que é afinal o amor?... Daqui a annos talvez nem me lembre mais da pobre Innocencia... Estarei atormentando-me a tôa?... Oh não! Essa menina é a minha vida, é o meu sangue... Quem m'a rouba, mata-me de uma vez. Venha a morte... fique ella para chorar por mim... um dia contará como um homem soube amar!...

Cyrino levantára a voz. De repente deu um

grande grito como que abrindo o peito á uma expansão que o suffocava:

— Innocencia!... Innocencia!

E os écos, doceis a qualquer ruido, repetiram aquelle querido nome, como repetiam o uivo da çuçuarana, a nota plangente do sabiá ou a estridente martellada da araponga...

Como tudo, afinal, tem termo, no quarto dia alcançou Cyrino a casa de Antonio Cesario. Acolheu-o este com toda a amabilidade e franqueza.

CAPITULO XXVI

RECEPÇÃO CORDIAL

> Assignalemos este dia entre os mais felizes; não se poupem amphoras; e como Salios, descanso não demos aos nossos pés.
>
> HORACIO — Ode XXVI.

Em breve chegára Manecão á casa do futuro sogro.

Não é grande a distancia de Sant'Anna até lá, e entretanto o animal brioso e descansado que montava o tropeiro viéra sempre estimulado do acicate.

Batia de impaciencia o coração do capataz, e a lembrança da formosa noiva que o esperava enchia-o de desconhecido alvoroço. Tambem por vezes lhe fugia do rosto o toque habitual de tristura, e tenue sorriso, afastando a custo os densos bigodes, pairava-lhe nos labios.

Acolheu-o Pereira com verdadeira explosão de alegria.

— Viva! viva! exclamou de longe acenando

com os braços, seja bemvindo neste rancho... Ora, até que afinal!... Faltam *rojões* para festejar a sua chegada... Que demora!... Pensei que não topava com o caminho da casa... *Nocencia* vai pular de contente...

Emquanto o mineiro enfiava essas palavras quasi em gritos, apeava-se o sertanista, que, de chapéo na mão, veio pedir-lhe a benção.

— Deus o faça santo, disse Pereira abençoando-o com fervor. Você não queria chegar...

— Como vai a dona? perguntou Manecão.

— Agora, muito bem. Teve sezões, mas já está de todo boa...

— E lembrou-se de mim?

— Olhe, que *enjoado!*... Pois se elle enfeitiça a gente... Eu mesmo só pensava em você... Quando chegará aquelle marreco? dizia eu commigo mesmo: ... e botava uns olhos compridos por esta estrada a fóra... quanto mais, mulher! Isto é um nunca acabar de saudades.

— Mas, observou elle, estamos a bater lingua e não o faço entrar... *Agorinha* mesmo *Nocencia* foi para o corrego... Desensilhe o *pingo* e deixe-o por ahi...

Fez Manecão o que dizia Pereira. Tirou os arreios, não de subito, mas com cautéla e lentidão, para que o animal, encalmado como estava, não ficasse *airado:* deixou sobre o lombo a manta e, apanhando um sabugo de milho, esfregou a anca e o pescoço.

Depois de dar termo áquelle cuidado, penetrou na casa fazendo soar ruidosamente as esporas, que pelas dimensões desproporcionadas o obrigavam a caminhar firmado nos dedos e com a planta do pé levantada.

O mineiro não cabia em si de contente.

— Então está tudo arranjado? perguntou alegremente.

— Tudo. Os papeis já foram tirados... Tive que ir até Uberaba, e foi o que me atrazou... Quando mecê queira... botamos-nos de partida para a Senhora Sant'Anna... Amanhã cá chegam os cavallos que comprei... Está fallado o Lata... o vigario avisado; só... falta o dia...

— Nestes casos, quanto mais depressa melhor... Não acha?

— De certo que sim...

— Então se quizer, daqui a dous domingos...

— Como queira... Eu por mim... Bem sabe, isto de *casorios*, o que custa é... tomar resolução... depois... deve-se *pegar* na carreira... A rapariga está prompta?...

— Não sei... ha de estar... Vejo-a sempre cosendo... Quero ficar bem certo no dia, porque mando chamar a gente do Roberto... Afinal é preciso matar a porcada e mandar buscar *restillo* (1). Quando se casa uma filha e... filha unica, as algibeiras devem ficar *velleiras* (2)... Já estão todos combi-

(1) *Restillo* é a aguardente distillada. No interior empregam-se estas palavras como synonimas.

(2) *Velleiras*, isto é, faceis no abrir.

nados... é só dar o signal... Tudo se arma logo... Aqui em frente da casa faz-se um grande rancho... A latada para a *janta* ha de ser no outão direito... Já encommendei de Sant'Anna alguns rojões, e o mestre Trabuco prometteu-me uns que deitam lagrimas... Depois tiros de bacamarte e *ronqueiras* hão de troar...

— Eu, interrompeu Manecão, mandei com sua licença vir da *cidade* duas duzias de garrafas de vinho da casa do major...

— Homem! Metteu-se você em gastos!... Duas duzias de garrafas de vinho?

— Nhôr-sim...

— Pois essas, meu caro, hão de ser reguladinhas... Para o vigario... para o major... o collector... o professor... gente, emfim, de alguma representação, porque com ella conto, sem fallar na *arraia miuda*. Isso ha de haver um *despotismo*. Quero que dez dias antes da *fonçonata*, venha a comadre do Ricardo com o seu povo para prepararem os sequilhos, tarecos, biscoutos de polvilho e *brevidades* (1). Haverá regalo de *chicolate* (2) todas as manhãs. Você verá que desta festa fallarão... E o *sapateado* á noite? Os descantes? .. Talvez se possa arranjar um *cururú* valente...

— Mas, perguntou Manecão, que é de sua filha?

Rio-se Pereira.

— Maganão! não pensa n'outra cousa, hen?

(1) Especie de pão de milho em que entra clara de ovo.
(2) *Chicolate* é café com leite e ovos batidos.

Tambem fui *ansim*... cada qual tem seu tempo... Isto é regra de Nosso Senhor Jesus Christo.

E, sahindo para o terreiro, gritou com força, fazendo das mãos busina:

— *Nocencia!... Nocencia!...*

Não teve resposta.

— Coitadinha da pequena, disse elle, ha de saltar que nem veadinha, quando voltar do rio.

E acrescentou:

— Já que ella não vem... entremos. Você é de casa: tome por cá e chegue até meu quarto... Rede e pelles macias não faltam.

Ao dizer estas palavras, Pereira bateu amigavelmente no hombro de Manecão e fel-o seguir para o lanço dos fundos da casa.

CAPITULO XXVII

SCENAS INTIMAS

Santa Maria, advogada nossa, ouvi meus rogos. Virgem pura, ante vós se prostra uma infeliz donzella.

WALTER SCOTT — *Os dous desposados.*

DESCREVER o abalo que teve Innocencia ao dar cara a cara com Manecão fôra impossivel. Debuxaram-se-lhe tão vivos na physionomia o espanto e o terror, que o reparo não só da parte do noivo, como do proprio pai, habitualmente tão despercebido, foi repentino.

— Que tem você? perguntou Pereira apressadamente.

— A modos, observou Manecão com tristeza, que metto medo á senhora dona...

Batiam de commoção os queixos da donzella: nervoso estremecimento balanceava-lhe o corpo todo.

Achegou-se-lhe o mineiro e pegou-lhe no braço.

— Mas você não tem febre?... Que é isto, rapariga de Deus?

Depois, meio risonho, voltou-se para Manecão:

— Já sei o que é... Ficou toda fóra de si... vendo quem não contava vêr... Vamos, *Nocencia*, deixe-se de tolices.

— Eu quero, murmurou ella, voltar para meu quarto.

E, encostando-se á parede, com passo vacillante encaminhou-se para dentro.

Ficára sombrio o capataz.

De sobrecenho carregado recostára-se á mesa e fôra com a vista seguindo aquella a quem já chamava de esposa.

Sentou-se defronte delle Pereira com ar de admiração.

— E que tal? exclamou por fim... Ninguem póde contar com mulheres, hen?

Nada retorquio o outro.

— Sua filha, perguntou elle de repente com voz muito arrastada e parando em cada palavra, vio alguem?

Descorou o mineiro e quasi a balbuciar:

— Não... isto é, vio... mas todos os dias... ella vê gente... Porque me pergunta isto?

— Por nada...

— Não; explique-se... Você faz assim uma pergunta que me deixa um pouco... *anarchisado*. Este negocio é muito, muito sério. Dei-lhe palavra de honra em como minha filha *havéra* de ser

sua mulher... a *cidade* já sabe e... commigo não quero historias... É o que lhe digo.

Ergueu-se de improviso Manecão.

— Está bom, replicou elle, nada de *percipitações*. *Toda a vida* fui *ansim*... Já volto; vou vêr onde *pára* o meu cavallo.

E sahio, deixando Pereira entregue a suppposições desencontradas .

Decorreram dias sem que os dous tocassem mais no assumpto que lhes moia o coração. Ambos, calmos na apparencia, viviam vida commum, visitavam as plantações, comiam juntos, caçavam e só se separavam á hora de dormir, quando o mineiro ia para dentro e Manecão para a sala dos hospedes.

Innocencia não apparecia.

Mal sahia do quarto, pretextando recahida de sezões: entretanto não era seu corpo o doente, não; sua alma, sim, essa soffria morte e paixão, e amargas lagrimas, sobretudo á noite, inundavam-lhe o rosto.

— Meu Deus, exclamava ella, que será de mim? Nossa Senhora da Guia me soccorra... Que póde uma infeliz rapariga dos sertões?...

E de joelhos diante de tosco oratorio allumiado por esguias velas de cêra, orava com fervor, balbuciando as preces que costumava recitar antes de se deitar.

Uma, noute disse ella.

— Quizéra uma reza que me enchesse mais o

coração... que mais me alliviasse o peso da desgraça de hoje...

E como que levada de inspiração, prostrou-se murmurando:

— Minha Senhora, mãi da Virgem que nunca peccou, ide diante de Deus. Pedi-lhe que tenha pena de mim... que não me deixe assim nesta dôr cá de dentro... Estendei vossa mão sobre mim... Se é crime gostar de Cyrino, mandai-me a morte...

Ás vezes sentia Innocencia em si impetos de resistencia: era a natureza do pai que acordava, natureza forte e teimosa.

— Hei de ir, dizia ella com os olhos a chammejar, á igreja, mas de rastos! Na cara do padre gritarei: Não, não!... Matem-me... mas eu não quero...

Quando a lembrança de Cyrino se lhe apresentava mais viva, estorcia-se de desespero. A paixão punha-lhe o peito em fogo...

— Que é isto, meu Deus? Aquelle homem botou-me um máo olhado?... Cyrino, Cyrino volta, vem tomar-me... eu morro!...

E cahia prostrada no leito, com arrepios nervosos.

Um dia entrou inesperadamente Pereira e achou-a toda lacrymosa.

Vinha sereno, mas com ar decidido.

— Que tem você, menina, perguntou elle meio terno, de alguns dias para cá?

Encolheu-se Innocencia toda como uma pombinha que sente que a vão agarrar.

Puxou-a brandamente o pai e fel-a sentar ao collo.

— Vamos, que é isto, *Nocencia?* Você se *socou* no quarto, e Manecão lá fóra a todas as horas está perguntando por você... Isto não é bonito... É ou não o seu noivo?...

As lagrimas redobraram.

— Uma mulher não deve atirar-se á cara dos homens... mas tambem é bom não se *canhar* assim... É de *enjoada*... Um marido, como já elle é...

De repente o pranto de Innocencia cessou.

Desenvencilhou-se dos braços do pai e de pé diante delle encarou-o com resolução:

— Papai sabe porque tudo isto?

— Sim...

— É porque eu... não devo...

— Não deve o que?

— Casar.

Arregalou Pereira os olhos e de espanto abrio a boca.

— O que? perguntou elle levantando muito a voz.

Comprehendeu a pobresinha que a luta ia travar-se.

Revestio-se de toda a coragem.

— Sim, meu pai, este casamento não deve fazer-se...

— Você está douda? observou Pereira com fingida tranquillidade.

Proseguio então Innocencia com muita rapidez, as faces incendidas de rubor:

— Conto-lhe tudo, papai... Não me queira mal... Foi um sonho... Outro dia, antes deste homem chegar, estava sesteando e tive um sonho... Neste sonho, ouvio, papai? minha mãi vinha descendo do céo... Coitada, estava tão branca que mettia pena... Vinha *bem limpa*, com um vestido todo azul...

— Sua mãi? interrompeu Pereira tomado de ligeiro assombro.

— Nhôr-sim, ella mesma...

— Mas você não a conheceu? Morreu, quando você era *pequetita*...

— Não faz nada, continuou Innocencia, logo vi que era minha mãi... Olhava para mim tão amorosa!... Perguntou-me: Que *dê* seu pai? Respondi com medo — Está na roça; quer mecê, que elle venha? — Não, me disse ella, não é *perciso;* diga a elle que eu vim até cá, para não deixar Manecão casar com você, porque ha de ser infeliz...

— E depois? perguntou Pereira levantando a cabeça com ar sombrio e gyrando os olhos.

— Depois... disse mais... se esse homem casar com você, uma grande desgraça ha de entrar... nesta casa... E sem mais uma palavra, sumio-se.

Cravou Pereira olhar inquiridor na filha.

Uma suspeita atravessou-lhe o espirito.

— Que signal tinha sua mãi no rosto?

Innocencia empallideceu.

Levando ambas as mãos á cabeça e rompendo em ruidoso pranto exclamou:

— Não sei... eu estou mentindo... Isto é mentira! É mentira! Não vi minha mãi!... Perdão, minha mãi, perdão!

E cahindo de bruços na cama, ficou immovel com os cabellos esparsos sobre as espaduas.

Contemplou-a Pereira largo tempo sem saber o que pensar, o que dizer.

Subito se inclinou sobre o corpo da filha e ao ouvido lhe murmurou com muita energia:

— *Nocencia*, daqui a bocadinho Manecão chega da roça... Você ha de ir para a sala... se não lhe fizer boa cara, eu a mato.

E erguendo a voz:

— Ouvio? Eu a mato!... Quero antes vêl-a morta do que... a casa de um mineiro deshonrada...

Sahio ás pressas do quarto deixando Innocencia na mesma posição.

— Pois bem! balbuciou ella, já que é preciso... morro eu!...

CAPITULO XXVIII

EM CASA DE CESARIO

> Ah! a perspectiva que póde mais docemente sorrir ao meu coração é a do anniquilamento.
>
> KLOPSTOCK — *A Messiada*.

CYRINO, logo que se estabeleceu em casa do seu novo hospedeiro, tratou de captar-lhe as sympathias. Medicou um escravo que estava de cama, fez valer o conhecimento e amizade que tinha com Pereira, conversou muito a respeito delle e incidentemente deu noticias de Innocencia.

Atalhou-o Antonio Cesario neste ponto.

— Mecê a vio? perguntou elle.

— Pois não, respondeu o moço, por signal que a curei de sezões.

— Ah! É uma guapa rapariga...

— Pareceu-me...

— Isto é... fallo assim porque afinal... daqui a poucos dias está casada... não sabe?

— Ouvi contar.

— Pois é verdade. O noivo passou por cá

e levou a minha licença. É homem de mão cheia. A pequena deve estar contente. Ah! nem todas no sertão são felizes assim. Tem-se por aqui o máo veso de arranjar casamentos ás cegas, e ás vezes se *encambulha* um mocetão com uma fanadinha ou então uma sujeita de encher o olho com algum rapaz todo engorovinhado... Cruz! E uma vez dada a palavra, acabou-se...

Achou Cyrino a occasião propria e redarguio com vivacidade:

— Então o senhor não é desse parecer?

— Conforme, respondeu logo Cesario com reserva. Aos pais é que convém *inziminar* essas cousas.

— Boa duvida... Mas... se... sua afilhada... não gostasse de Manecão?

— Não gostasse?

— Sim.

— E que nos importa isso? Uma menina como ella não sabe o que lhe fica bem ou mal... Ninguem a vai consultar. Mulheres, o que querem é casar. Não ouvio já o patricio dizer que ellas não casam com carrapato, porque não sabem qual é o macho?

E Cesario sorrio.

Depois, fechando de repente a cara, perguntou:

— Porque é que estamos a dar de lingua nesse particular? Não sou amigo disso. Quer me parecer que mecê é um tanto namorador...

— Eu? protestou Cyrino com vivacidade.

— Boa duvida. Eu cá nem fallar nellas quero. Mulher é para viver quietinha perto do tear, tratar dos filhos e crial-os no temor de Deus; não é nem para *parolar-se* com ella, nem a respeito della.

Sempre as mesmas theorias de Pereira: a mesma grosseria repassada de desprezo ao sexo fraco, a mesma susceptibilidade para desconfiar de qualquer pessoa ou de qualquer palavra que lhes pareça menos bem soante aos prevenidos ouvidos.

— Minha afilhada, continuou Cesario, deve levantar as mãos para o céo. Achou um marido que a ha de fazer feliz e tornal-a mãi de uma boa duzia de filhos.

Estremeceu Cyrino, mas nada disse.

Por toda a parte esbarrava de encontro a preconceitos que nada podia vencer.

Nessa tarde mesma quiz montar a cavallo e voltar para Sant'Anna; entretanto o pensamento de resistencia com que Innocencia encetára a terrivel lucta com seu pai, actuou em seu espirito e o reteve.

Decidio-se a atacar o touro pelas aspas.

Restar-lhe-ia ao menos o consolo do desabafo e n'um jogo perdido arriscava ainda ousado lance.

— Sr. Cesario, disse elle na manhã seguinte, preciso muito fallar-lhe em particular.

— A mim?

— Sim, senhor.

— Pois, estou aqui ás suas ordens.

— Quizera que sahissemos. O que lhe vou dizer... ninguem póde... ninguem deve ouvir.

— Oh! O senhor me assusta... Então tem segredos que me contar?

— Tenho...

— Pois vá lá... *Mapiaremos* fóra... Ao meio-dia esteja na minha roça... sabe onde é?

— Sei...

— Espere-me n'um páo de peroba secco que está derrubado.

— Lá estarei.

Muito antes da hora aprazada, achava-se Cyrino no lugar indicado.

Devorava-o a impaciencia.

Resolvido a desvendar sem rebuço os seus amores a esse homem a quem mal conhecia, que por elle não tinha razões de sympathia, e de quem, comtudo, estava dependente sua felicidade, considerava decisivos os momentos.

Quem em taes circumstancias se acha, enxerga em tudo quanto o rodea symptomas de bom ou máo agouro, e nesse instante a Cyrino pouco parecia sorrir a natureza.

Não chovia; mas o tempo estava carregado.

Tinha o céo côr acinzentada, e do lado do poente linhas negras e continuas denunciavam trovoada talvez para a tarde.

Era o local, além disso, tristonho.

N'uma grande área enfileiravam-se pés de milho já pendoados, d'entre os quaes surgiam possantes

madeiros de tronco rugoso e galhada completamente despida de ramagem; uns, da base á extrema ponta, lugubremente ennegrecidos pelo fogo lançado antes da sementeira; outros, perdidas todas as folhas em consequencia da incisão profunda e circular com que o machado impedira a ascensão da seiva. Esses quedavam vivos, mas n'uma vida latente e esmorecida, denunciada por entanguidos brótos no mais alto dos topes.

Quando o dia é claro, aquelles gigantes da floresta, que pela robustez do cerne haviam desafiado as chammas e os esforços do homem, servem de poleiro a innumeros bandos de papagaios, periquitos, araçaris, ou de graúnas que formam concertos capazes de ensurdecer os écos.

Naquella occasião, porém, era tudo silencio.

Só de vez em quando se ouviam pancadas surdas e intermittentes dos pica-páos de crista vermelha, agarrados aos troncos das arvores e a explorar-lhes os pontos carunchosos, subindo em zig-zags.

Á hora ajustada apresentou-se Antonio Cesario.

Por cautela vinha armado de uma espingarda de caça, que bem serviria para derrubar alguma onça ou animal damninho.

Seu rosto habitualmente sereno indicava certa inquietação, repassada de curiosidade.

— Aqui me tem, doutor, disse elle descansando a arma sobre o páo derrubado e sentando-se

ao lado de Cyrino. Estou prompto para ouvil-o quanto tempo queira...

Muito pensára Cyrino nesse momento a que devia chegar e entretanto não podéra achar o modo por que encetasse as suas declarações. Parafusára de continuo mil pretextos sem nada assentar.

Foi, pois, a balbuciar que respondeu :

— O Sr.... ha de me desculpar... o incommodo que... lhe dou...

— Incommodo nenhum.

— E deve estar... espantado do que lhe pedi... vir fallar commigo... em lugar ermo... commigo que sou como qualquer hospede, como tantos que a sua casa franca todos os dias recebe...

— Com effeito, confirmou Cesario.

— Pois bem, daqui a nada tudo lhe ficará claro e explicado... Se emquanto eu fallar... o offender, perdôe-me, ouvio?

— Sr. Cesario, continuou Cyrino após breve pausa, se o Sr. visse um homem arrastado n'uma *corredeira* (1) e pudesse atirar-lhe uma corda e salval-o... não o faria?

— Boa duvida! replicou o outro com força. Ainda que corra perigo de vida, não deixarei homem nenhum, branco ou preto, livre ou escravo, rico ou pobre, conhecido ou não, sem o soccorro de meu braço.

— Pois bem, exclamou Cyrino arrebatada-

(1) Trecho de rio encachoeirado.

mente, sou eu esse homem que vai morrer, que está perdido e a quem o Sr. póde salvar...

E respondendo á tacita suspeita de quem o ouvia :

— Não acredite que esteja doudo... não. Estou tão são de juizo como o Sr. e fallo-lhe a verdade. Uma palavra esclarece-lhe tudo... eu morro de paixão por uma mulher e essa mulher é... sua afilhada... Innocencia !

De um pulo levantou-se Cesario. Seus labios tremiam, os olhos de subito injectados de sangue. A mão procurou a arma que lhe ficava ao lado.

— Que é isso? balbuciou encarando fixamente Cyrino.

Adivinhára-lhe este todos os pensamentos.

Erguêra-se tambem, cara a cara com Cesario :

— Mate-me, bradou elle, mate-me... É um favor que me faz... Dê cabo desta vida desgraçada...

Já arrependido do gesto que fizera e um tanto corrido da sua precipitação, replicou o outro todo sombrio :

— Não tenho razões para matal-o... O Sr. nunca me fez mal...

— Não, proseguio Cyrino meio desvairado, peço-lhe por favor... Se o Sr. tem caridade, se é bom, se gosta dos seus filhos, se tem pae e mãi no céo... por tudo isso lhe peço de joelhos : mate-me !... mate-me !

E deixou-se cahir aos pés de Cesario, occultando a cabeça entre as mãos.

Contemplou-o largos instantes o mineiro com sorpreza.

Inclinando-se para o moço, bateu-lhe no hombro e quasi com brandura lhe disse:

— Que historia é essa, doutor?... Isto é loucura! Conte-me o que ha... Quero saber se sua *bola* está gyrando ou não. Sou homem do sertão, mineiro de lei... mas sei tratar com gente...

A estas palavras, recobrou Cyrino algum alento e pôz-se de pé.

Sentando-se então ao lado de Cesario, narrou-lhe tudo, o desespero que sentia, a certeza que tinha do amor de Innocencia e a implacavel sentença proferida por Pereira.

Ouvia-o Cesario attentamente. Só de vez em quando deixava escapar esta exclamação:

— Ah! mulheres!... mulheres!

Depois que Cyrino acabou de fallar, encarou-o detidamente e com ar severo, perguntou:

— Falle-me a verdade, doutor, o senhor nunca trocou palavra com Innocencia? Nunca esteve só com ella?

— Estive, respondeu o outro meio receioso.

Ás faces de Cesario subio uma onda de sangue.

— Então, rouquejou elle, a desgraça...

— Deus meu, atalhou Cyrino com fogo, caia a alma de minha mãi no inferno, se Innocencia não é pura... se...

Conteve-o Cesario com um gesto.

— Basta, moço: quem jura assim, não mente... Tambem no meu tempo tive uma paixão infeliz... e sei o que é soffrer...

— Oh! Sr. Cesario, salve-me!...

— Que posso eu fazer? Não sabe o senhor que ella hoje não pertence nem mesmo ao pai, ao seu proprio pai? Pertence á palavra de honra, e palavra de mineiro não volta atrás... Não sabia o senhor disso, quando deixou que o amor lhe entrasse pelos olhos?... Não fallo della... Mulheres não pensam... mulheres, o que querem, é ver os homens cahidos por ellas... sacrificam tudo... e por um requebro *pincham* na rua a honra das suas casas...

— Não, protestou Cyrino, ella não é assim...

— Então é melhor que as outras? objectou Cesario com desdem.

— Sim, sim, é melhor do que tudo neste mundo. Acima della só Nossa Senhora!...

Ligeiramente sorrio o mineiro.

— Qual! observou elle, bem disse o *outro*: a paixão é um transtorno. Fica um homem que nem uma miseria! É...

— Então? interrompeu Cyrino.

— Então o que?... Já lhe não disse quanto basta? Minha afilhada pertence tanto a Manecão, como uma garrucha ou um *guampo lavrado* (1) que

(1) Guampo é uma vazilha feita de chifre para tirar agua. Chama-se guampo lavrado quando tem desenhos de lavor.

Pereira lhe tivesse dado... Não ha meios e modos de voltar atrás...

Não desanimou o mancebo.

Fallou por muito tempo com verdadeira eloquencia, appellando principalmente para a protecção que todo christão tem obrigação de dispensar ao ente que leva á pia baptismal, ao seu segundo filho, ao pagãosinho por quem o padrinho se torna responsavel perante Deus.

Ferio o sentimento religioso e commoveu ao mineiro.

— Não me falle assim, disse este, o senhor quer ver se me puxa para seu lado... E quem me assegura que *Nocencia* gosta tanto da sua pessoa?... Quem?

— O coração está-lh'o dizendo baixinho, respondeu com calma Cyrino. O senhor, que é homem de honra, acredita que eu esteja mentindo? Que tudo isso é falso?... diga, acredita?

Cesario tartamudeou:

— Sim... *Assumpto* verdades, mas...

— Ah! exclamou Cirino, o Sr. sente a consciencia que lhe bate que sua afilhada está desamparada, que vai ser sacrificada... e agora tapa os ouvidos e diz: Não quero ouvir, não, quero cumprir com minha palavra! — Porque então o Sr. a deu, essa palavra de honra de que tanto falla?... Nossa Senhora que a proteja... que a tire deste mundo... Isto ha de pesar-lhe no peito... e quando um dia tiver noticia que Innocencia morreu de

desgostos, pensará lá comsigo que ajudou a cavar-lhe a sepultura.

Estava Cesario abalado ; com verdadeira anciedade retorquio :

— Que historias me conta o Sr. ? Eu mettido no meu canto... vivendo tão socegadinho... não bolindo com ninguem, e agora *anarchisado* por estes mexericos !... Quem lhe mandou vir cá ?

— Quem seria, retrucou Cyrino, senão Innocencia ? Por ventura eu o conhecia ?... algum dia o vi ?... Não ; foi aquelle anjo que me disse : busca meu padrinho, é o ultimo recurso. Se elle não nos amparar, então... estamos perdidos de uma vez.

Estas palavras convenceram de todo Cesario.

Ficou em silencio, recolhido a meditar. Cyrino o observava offegante.

— Pois bem, disse por fim o mineiro com tom grave e pausado, hei de pensar no que o Sr. me conta...

— Oh ! Sr. Cesario !...

— Levarei dous dias remoendo o caso... O que eu disse uma vez, não digo duas... No fim desse tempo, monto a cavallo e appareço pela casa de Pereira...

— Sim, sim, balbuciou o moço.

— Amanhã mesmo, de madrugada, o Sr. sahe daqui e vai esperar-me na Senhora Sant'Anna.

— Irei... salve-me...

Cesario parou um pouco.

— Agora quero que o Sr. faça um juramento... pelas cinzas de sua mãi.

— Estou prompto.

— Pela salvação da sua alma...

— Pela salvação da minha alma, repetio Cyrino.

— Pela vida eterna...

Cyrino acenou com a cabeça.

— Jure!

O mancebo cruzou os dedos indices e beijou-os com uncção, abaixando os olhos e empallidecendo.

— O Sr., disse Cesario, jurou antes de saber o que era... Deu-me boa idéa de seu caracter... Farei tudo por ajudal-o, mas exijo-lhe uma condição... Se quizer aceital-a, fica valendo o juramento; senão... o dito por não dito...

— Que será, meu Deus? murmurou Cyrino.

— É ficar o Sr. me esperando em Sant'Anna. Se eu apparecer nestes oito dias, iremos juntos á casa do compadre. Se não, é que decidi o contrario. Nesse caso, virá o Sr. até cá, á espera das suas cargas que mandarei buscar. Será signal de que nunca mais, nunca mais, ha de procurar botar as vistas em Innocencia... nem sequer fallar nella. Aceita?

— Aceito, respondeu o moço com exaltação; mas fique certo de uma cousa: se o Sr. não estiver na villa no tempo marcado, reze pela alma de

Cyrino, porque ella terá deixado este mundo de afflicções.

Cesario meneou tristemente a cabeça e retirou-se, sem dizer mais palavra.

CAPITULO XXIX

RESISTENCIA DE CORÇA

Acasto — Não póde ella fallar?
Oswald — Se fallar é tão sómente fazer ouvir sons por meio da lingua e dos labios, é aquella creatura muda; mas se tão maravilhosa faculdade consiste tambem em tornar comprehensiveis os menores pensamentos por accionados e expressivos gestos, póde dizer-se que ella a possue, pois seus olhos brilhantes como estrellas do céo têm uma linguagem intelligivel, bem que falha de sons e de palavras.

SHAKSPEARE.

Deixámos Innocencia tão abatida de corpo, quanto resoluta de espirito.

Presentia os choques que tinha de supportar e robustecia a alma na meditação continua e firme da sua infelicidade.

Estava de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora, quando a voz de seu pai a fez levantar.

— *Nocencia!* chamava elle.

Rapidamente passou a pobresinha a mão pelo rosto para apagar os vestigios de copioso pranto e com passo quasi seguro penetrou na sala.

Estavam Pereira e Manecão sentados junto á mesa. O anãosinho Tico aquecia-se aos pallidos raios de um sol meio encoberto e sentado á soleira da porta brincava ou fingia que brincava com umas palhinhas.

— Estou aqui, papai, disse Innocencia em voz alta e um pouco tremula.

Encarou-a Manecão com ar entre sombrio e apaixonado.

Julgou dever dizer alguma cousa.

— Até que afinal sahio a dona do ninho... É que hoje o dia está de sol, não é?

A moça nada lhe respondeu; mirou-o com tanta insistencia que fêl-o abaixar os olhos.

— Ella esteve doente, desculpou Pereira.

E voltando-se para a filha:

— Sente-se aqui, bem perto de nós... O Manecão quer conversar com você em negocios particulares...

— Bem percebe ella, observou o desazado noivo intentando abrir motivo para risos.

Innocencia replicou em tom incisivo:

— Não percebo.

— Está se... fazendo de... engraçada, balbuciou Manecão. Pois já... se esqueceu... do que tratei com seu pai?... Parece que comeu muito queijo...

Com a mesma entoação e cortando-lhe a palavra, retorquio ella:

— Não me lembro.

Houve uns minutos de silencio.

Ia-se accumulando a colera no peito de Pereira: seus olhos irados fitavam, ora a Manecão ora á imprudente filha.

— Pois se você não se lembra, disse elle de repente, eu cá não sou tão esquecido.

— Ora, recomeçou Manecão levantando-se e vindo recostar-se á beira da mesa para ficar mais chegado á moça, faz-se de *enjoada* a tôa... Nosso casamento...

— Seu casamento? perguntou Innocencia fingindo espanto.

— Sim...

— Mas, com quem?

— Ué, exclamou Manecão, com quem ha de ser... Com mecê...

Pereira fôra se tornando livido de raiva.

O anão acompanhava toda essa scena com muita attenção. Scintillavam seus olhinhos como diamantes pretos; seu corpo rachitico estremecia de impaciencia e susto.

Á resposta de Manecão, levantou-se rapida Innocencia e, como que se acastellando por trás da sua cadeira, exclamou:

— Eu?... Casar com o senhor?! Antes uma boa morte!... Não quero... não quero...

Manecão bambaleou.

Pereira quiz pôr-se de pé, mas por instantes não pôde.

— Está douda, balbuciou, está douda.

E segurando-se á mesa ergueu-se terrivel.

— Então você não quer? perguntou com os queixos a baterem de raiva.

— Não, disse a moça com desespero, quero antes...

Não pôde terminar.

O pae agarrára-lhe na mão, obrigando-a a curvar-se toda.

Depois com violento empurrão arrojou-a de encontro á parede.

Cahio a infeliz com abafado gemido e ficou estendida por terra, amparando o peito com as mãos. Pallidez mortal cobria-lhe as faces, e de ligeira brecha que se abrira na testa lentejavam gottas de sangue.

Ia Pereira a precipitar-se sobre ella como que para esmagal-a debaixo dos pés, mas parou de repente e, levando as mãos ao rosto, occultou as lagrimas que lhe saltavam a flux dos olhos.

Manecão não fizera o menor gesto.

Extatico assistira a toda essa dolorosa scena. A physionomia estava impassivel, mas por dentro seu coração era um vulcão.

Lugubre silencio reinou por algum tempo naquella sala.

O anão chegára-se á Innocencia, tomando uma das mãos: depois a fizera sentar e, no meio de carinhos, mostrára-lhe por signaes a necessidade de retirar-se.

Á custo pôde Innocencia seguir aquelle con-

selho. Quasi de rastos e ajudada por Tico foi que sahio da presença do pai e de seu perseguidor.

Nenhum gesto fizeram os dous para retel-a. Calados como estavam, deixaram-se ficar de pé, um ao lado do outro, ambos acabrunhados pela grandeza daquella desgraça.

Com frenesi alisava Manecão o basto bigode.

Pereira tinha a cabeça pensa sobre o peito.

Afinal exclamou:

— É preciso que eu *desembuxe* o que tenho cá dentro, senão estouro... Quem fôr homem que seja... Manecão, *Nocencia* para nós está perdida... para nós, porque um homem lhe deitou um máo olhado...

— E que homem é esse? perguntou com tom surdo e ameaçador o outro.

— Agora vejo como tudo foi... Eu mesmo metti o diabo em casa... Estive alerta... mas o mal já caminhava.

— Mas quem é elle? tornou a perguntar com impaciencia Manecão.

— Um maldito!... um infame, um estrangeiro que aqui esteve... Roubou-me o socego que Deus me deu...

Contou então ás pressas Pereira todas as tentativas do allemão Meyer, tentativas que haviam sido descobertas, mas que infelizmente, pelo menos assim suppunha, já haviam produzido os seus damnosos fructos.

— Ah! disse por fim abaixando a voz, pensou

aquelle cachorro, que tudo era namorar mulheres e depois dar com os pés em polvorosa, não é?... Amanhã mesmo eu lhe saio no rasto.

— Para que? interrompeu Manecão.

— Respondam os urubús...

— Para matal-o?

— Sim...

Houve breve pausa.

— Não será o senhor, disse o capataz, que lhe ha de dar cabo da pelle.

— Porque?

— É negocio que me pertence. O senhor é pai... eu porém sou... noivo. Mangaram com ós dous... mas o *allamão* fica no chão.

— Pois seja, concordou Pereira, parta amanhã mesmo ou hoje... agora, se possivel fôr. Cão damnado deve logo ser morto para que a baba não dê raiva... Vá depressa e venha contar-me que aquelle homem já não existe... Como velho, como pai... abençôo a mão que o ha de matar. Caia o sangue que correr... sobre os meus cabellos brancos...

Havia toda esta conversa sido attentamente ouvida por alguem: o anão Tico.

Viéra a pouco e pouco se approximando da mesa com os olhos a fulgir.

De repente, collocou-se resolutamente entre Manecão e Pereira.

— Que quer você aqui? perguntou o mineiro com aspereza.

Começou então o homunculo a explicar por gestos vagarosos mas muito expressivos, que de tudo estava sciente, partilhando todos os projectos e o mesmo sentimento de indignação e desespero que enchia os dous offendidos.

Depois, apressando mais a gesticulação e por sons meio articulados, fez vêr que Pereira laborava em engano, tão sómente quanto á pessoa. Com muita propriedade de imitação e perfeita mimica, ora levantando o braço para representar as alturas, ora com accionados para caracterisar as physionomias, tão exactamente representou Meyer e Cyrino, que o mineiro logo os reconheceu.

— Bem sei, bem sei, Tico, murmurou elle. Você falla do doutor e daquelle...

Ahi o anão fez gesto de negação e, apontando para o quarto de Innocencia, indicou que nada tinha ella com o allemão.

Ficaram pasmos os dous.

— Então, balbuciou Pereira, quem será?... Cy...rino, meu Deus?!

— Sim... sim, gritou o anão com violento esforço abaixando muitas vezes a cabeça.

— Qual! protestou Pereira, o doutor?...

Com muita habilidade e segurança Tico desenvolveu as provas que tinha.

Gesticulou como um possesso: correu para fóra de casa; denunciou as entrevistas; reproduzio ao vivo todas as passadas de Cyrino; mostrou o lugar do laranjal d'onde vira tudo, o galho quebrado

em razão da sua quéda; repetio o grito que déra; lembrou a scena da madrugada, findando com aquelles tiros; exprimio-se por signaes tão adequados e taes movimentos de cabeça e physionomia, que qualquer duvida desappareceu do espirito de Pereira.

Então tudo se lhe descortinou claro e deslumbrante, e sua cólera subio a um gráo de violencia inexprimivel.

Esteve a cahir fulminado.

— Infame, murmurou rôxo de ira, você me paga! Infame... infame!

Depois, voltando-se para Menecão:

— Dê-me esse... eu o quero...

Abanou o capataz a cabeça.

— Não, respondeu surdamente. Esse me pertence... Caçoou com o senhor... e fez de mim chacota.

— Então, disse apressadamente Pereira, parta hoje... parta já... E quando voltar, diga só: estamos desaggravados... Innocencia será sua...

Parando um pouco, concluio tomado de enleio:

— Se quizer aceital-a.

— Havemos de conversar...

Teve o mineiro uma explosão de desespero.

— Meu Deus, exclamou com dôr, em que mundo vivemos nós? Um homem entra na minha casa, come do que eu como, dorme debaixo do meu

tecto, bebe da agua que carrego da fonte, esse homem chega aqui e de uma morada de paz e de honra, faz um lugar de desordem e vergonha! Não, mil raios me partam!... Não quero mais saber que esse miseravel respira o ar que respiro. Não! Mil vezes, não! E desde já enxoto a canalhada que trouxe, gente do inferno como elle!... Hei de cuspir-lhes na cara... *Pinchal-os* fóra como cães que são!... Ladrões!... Eu...

Interrompeu-o Manecão com calma:

— Não faça nada... É preciso que ninguem saiba do que se está passando aqui... Ninguem!... percebe?...

— E então...

— Finja que recebeu uma *lettra*(1) de Sant'Anna. O *cujo* foi quem a mandou, para que os camaradas o vão esperar no Leal... Ouvio?

Pereira fez signal de tudo comprehender.

— Depois, acrescentou Manecão com voz sinistra, mãos á obra.

— Você diz bem, retorquio Pereira, tenha pena de mim... Estou com esta cabeça como um cortiço de guaxupés... É um zumbido!... Mostre que já é dono desta casa e faça como entender... Entrego-me de pés e mãos atados a você... Tudo lhe pertence... Emquanto a honra do mineiro não fôr desaffrontada... não levanto o rosto... Meu Deus, meu Deus, que vergonha!...

(1) Carta.

— Coragem, coragem, aconselhou o outro.

— Se este *socavão* não chegar para esconder minhas miserias... mudo-me para as bandas do Apa... Parece que vou morrer... sinto fogo dentro da cabeça...

E vencido pela emoção encostou a testa á mesa, deixando cahir os braços.

Bateu-lhe Manecão no hombro.

— Que é isto, meu pai? animo! De que serve ser homem?... Olhe cara a cara a sua desgraça... que tambem é minha. Não o consola a certeza de que aquelle homem brevemente...

— Sim, replicou Pereira levantando a cabeça e reparando que o anão se retirára, mas que faremos deste *tico* de gente, que sabe tudo?...

— Não o deixe sahir mais de casa.

— Qual!... É que nem *mussú*. Quando a gente mal pensa, surde no Sucuriú e até no Corredor.

— Pois bem... Ficará elle sabendo que... um só piscar de olho... póde sahir-lhe caro... muito caro...

— Então, implorou Pereira, vá quanto antes limpar o meu paiol daquella gente... vá... Se eu podesse ainda dormir... esquecia um pouco, mas...

Com estas palavras retirou-se a custo o mineiro.

Incontinente foi Manecão despachar os camaradas de Cyrino, os quaes, pouco depois, sahiam com destino á casa do Leal.

Em seguida montando o sertanejo a cavallo, partio em carreira desapoderada para a villa de Sant'Anna do Paranahyba, onde chegou alta noite.

CAPITULO XXX

DESENLACE

Estão contados os grãos de arêa que compõem a minha vida. É aqui que devo cahir. É aqui que ella ha de acabar.

SHAKSPEARE — *Henrique V.* Acto I

Eis que vi um cavallo amarello, e quem o montava, era a morte.

S. JOÃO — *Apocalypse.*

DURANTE dous dias, foi Cyrino rigorosamente espreitado pelo noivo de Innocencia.

Com a cautela propria dos seus habitos esquivos, soube Manecão acompanhar-lhe todos os passos sem ser presentido.

Assim, notou que o rival montava a cavallo e ia até certo ponto da estrada como que esperar por alguem que não chegava. Na ida, mostrava impaciencia e inquietação; na volta, vinha melancolico e curvado sobre si mesmo, absorto em fundo meditar.

Ia o infeliz mancebo ao encontro de Cesario; mas este não apparecia.

Estava quasi expirado o prazo combinado, e

prestes a soar a hora do completo desengano.

Oh! se elle podéra!... Agarraria com forças de Josué esse sol que lhe marcava os dias e o deixaria immovel, até que o seu salvador se resolvesse a estender-lhe a mão.

E já ia findando a semana!...

Completo o circulo de horas, se Cesario não apparecesse, começava a imperar o juramento que déra, irrevogavel, implacavel!

— Matar-me-hei, dizia Cyrino: ficarão sabendo que não menti ás minhas palavras.

Nessa firme resolução sahio da villa: passou o rio Paranahyba e, como costumava, caminhou pela estrada de S. Francisco de Salles, talvez tres leguas. Contava pousar por aquelles sitios, de modo que alongava o seu passeio.

Claro era o dia; lindo.

Por toda parte cantavam mil aves. As gralhas gritavam nos cerrados; piavam as perdizes no relvoso chão.

Cyrino ia muito agitado. Nada ouvia, e seus olhos fitos sempre em frente buscavam na estrada o vulto de um cavalleiro.

Soou-lhe de repente aos ouvidos o tropel de um animal.

Alguem vinha a galope.

Seu coração pulsou que parecia ter entrado tambem a galopar.

Mas o som partia de detrás.

Sem duvida, algum viajante que sahira da villa.

Continuou Cyrino na vagarosa marcha.

O estrupido vinha indicando carreira folgada e que breve comsigo estaria emparelhando, quem extravagantemente em hora tão impropria corria a desfilada.

O mancebo de nada cuidava, tanto assim que mal reparou que alguem a trote largo passára por perto de si, quasi a roçar animal contra animal.

Dahi a pouco novo galope se fez ouvir.

Parecia que o mesmo cavalleiro havia dado de redeas, cortando o rumo que levava.

Dessa vez, porém, Cyrino acordou do lethargo e esporeou vigorosamente a sua cavalgadura: esbarrou com... Manecão.

Instinctivamente empallideceu. O outro estava tambem muito descorado.

Estacaram elles os animaes e fitaram-se alguns minutos, de um lado com desconfiança e pasmo, de outro com mal concentrado furor.

— Patricio, interpellou por fim o capataz com tom provocador, que faz mecê por aqui?

— Eu? perguntou Cyrino.

— Nhôr-sim, mecê mesmo.

— É boa... viajo.

— Ah! viaja? replicou Manecão. Então é andejo?

— Andejo, não, contestou Cyrino com força. Não sou nenhum bruto.

E por prevenção levantou a capa do coldre em que havia uma pistola, fazendo menção de a sacar.

— Não será andejo, continuou o capataz, mas então o que é?

— Sou o que sou, não é da sua conta.

Contrahio-se o rosto de Manecão.

De um tranco chegou o cavallo bem junto a Cyrino e disse-lhe em voz surda:

— É um ladrão... É um cachorro!

A esse insulto, puxou Cyrino a pistola.

— Mato-o já, bradou com violencia, se continúa a me *destratar*...

Sorrio-se o capataz com desprezo.

— Gentes, observou cuspindo para um lado, vejam só que valentão... E sabe manejar garrucha!...

— Acabemos com isso, gritou Cyrino.

— Acabemos, retorquio Manecão com fingida calma.

— Mas quem é o Sr., perguntou Cyrino.

— Eu?

— Sim!... sim!...

— Então não me conhece?

— Não, balbuciou Cyrino.

— Conhece *Nocencia?* uivou Manecão com voz terrivel.

E de sopetão tirando uma garrucha da cintura, desfechou-a á queima roupa em Cyrino.

Varou a bala o corpo do infeliz e o fez cahir por terra.

Dous gritos estrugiram.

Um de agonia, outro de triumpho.

Cyrino ficára estendido de bruços. Reunindo

as forças, que se lhe escapavam com o sangue, voltou-se de costas e prorompeu em vociferações contra o inimigo, que o contemplava sardonico.

— Matador !... vil !... Sim... conheço Innocencia... Ella é minha... Infame !... Mataste-me... mas mataste tambem a ella !... Que te fiz eu?... Deus te ha de amaldiçoar... sim, meu Deus, meus Santos... maldição sobre este assassino... Foge, foge... minha sombra ha de seguir-te sempre !...

— Melhor, interrompeu Manecão do alto do cavallo, é isso mesmo que eu quero.

— Ah ! queres? continuou Cyrino com voz rouquejante, não é?... Pois bem !... De noite e de dia... minha alma ha de estar comtigo... sempre, sempre...

Calou-se por um pouco e revolvendo-se no chão, passou a mão pela testa. Lentejava-lhe nos póros o suor frio e visguento da morte.

Foi seu rosto abandonando a expressão de rancor ; a respiração tornou-se mais difficil.

— Não, murmurou com tom grave e pausado, não quero morrer... assim ! Devo sahir desta... como christão... Hei de saber perdoar... E reunindo as forças, acrescentou com uncção e energia : Manecão... eu te perdôo... por Christo... que morreu... na cruz, eu te perdôo... Nosso Senhor tenha pena de ti... Eu te perdôo, ouviste?

Á medida que o moribundo pronunciava estas palavras, esbugalhára Manecão os olhos de horror. com o corpo todo a tremer.

— Não quero o teu perdão, bradou elle a custo.

— Não importa, respondeu-lhe Cyrino com voz suave. Elle é... dado do fundo d'alma... Caia sobre tua cabeça... Quero, quero morrer como christão... Que me importa agora o mundo, a vingança... tudo?... só Innocencia!... Coitada de Innocencia... Quem sabe... se... ella... não morrerá? Manecão dá-me agua... Agua, pelo amor de Deus!... Desce do cavallo, homem... É um defunto que te pede... Desce!...

E com os braços erguidos, acenava para Manecão.

— Agua, bradou o mancebo forcejando por levantar-se, dá-me agua... eu te dou a salvação...

Sentia o capataz escorrer-lhe o suor de entre os cabellos. Queria fugir e não podia. Parecia que seus olhos tinham que acompanhar passo a passo a agonia da sua victima. Aquella scena se lhe afigurava um pesadello, e completo torpôr tolhia-lhe os membros.

O que o tirou desse enleio foi o bater das patas de um animal que vinha pela estrada a trote.

Ouvira tambem Cyrino o estrepito e arregalára com anciedade os olhos.

Desabrochou-lhe nos labios um sorriso de acre tristeza.

Alguem vinha chegando.

Esporeou Manecão com vigor o cavallo e, levantando uma nuvem de poeira, desappareceu n'um abrir e fechar de olhos.

Nisso assomava um cavalleiro n'uma das voltas do caminho.

Era Antonio Cesario.

Vendo um homem estirado por terra apressou o passo.

— O doutor?! exclamou apeando-se rapidamente e todo horrorisado.

— Eu mesmo, respondeu Cyrino com voz fraca.

— Mas quem lhe fez esse damno, santo Deus?

E correndo para o moço, ajoelhou-se junto delle e levantou-lhe o corpo.

— Quem foi o assassino?...

— Ninguem, rouquejou o misero, foi... destino... Morro contente... Dê-me agua... e falle-me de Innocencia...

— Agua? exclamou Cesario com desespero, aqui no meio do cerrado?... O corrego fica a tres leguas pelo menos...

— Ah! replicou Cyrino meio desvairado, se não ha... com o que estancar... a sêde do corpo... estanque a... da alma... Innocencia... onde está?... Quero vêl-a... Diga-lhe que morri!... por causa della...

— Mas quem o matou? bradou o mineiro.

— Não vale a pena dizel-o, respondeu o mancebo entre gemidos. Cuide agora... só de mim... Olhe... nunca fui máo... não tenho peccados... grandes... Acha que Deus... ha de perdoar-me?

— Acho, respondeu Cesario com força.

— Que fiz eu... na minha vida? Talvez...

enganasse os outros... dizendo que era... medico... Mas... tambem curei alguns... De nada mais me recordo...

Vinha a morte desdobrando suas sombras no rosto de Cyrino. Iam-se-lhe os olhos empanando; ficára a lingua tropega, afilára-se o nariz e sinistro pallôr mais realçava a negra côr das barbas e cabellos.

Sentára-se Cesario no chão para segurar com mais geito o corpo do moribundo. Duas lagrimas vinham-lhe sulcando as masculas faces.

Ligeiro estremecimento agitava o corpo de Cyrino.

— Agora, acrescentou com voz muito sumida, chegou... o meu dia... Mas... eu lhe peço... nada diga... á sua afilhada... Não consinta... que case com... Manecão.

— Então, interrompeu Cesario, foi elle quem?...

— Não, não, contestou Cyrino, mas... ella havia de ser... infeliz... Ouvio? Promette-me?

— Prometto, respondeu Cesario com firmeza. Juro até...

— Pois bem, suspirou o agonisante, agora... agradeço a morte... Quero apegar-me... ás Santas do paraiso... e chamo por...

E com esforço, no ultimo alento, murmurou mais e mais baixo:

— Innocencia!

....

Á tarde desse dia, o viajante que passasse por aquelle sitio poderia ver uma cova coberta de fresco, sobre a qual se erguia uma cruz tosca feita de dous grossos páos amarrados com cipós.

Eram mostras da caridade do mineiro Antonio Cesario.

EPILOGO

REAPPARECE MEYER

Possue-te de justo orgulho e corôem os louros de Apollo tua cabeça.

HORACIO.

No dia 18 de Agosto de 1863, presenciava a cidade de Magdeburgo pomposo espectaculo, ha muito annunciado no mundo scientifico da sabia Germania.

Era uma sessão extraordinaria e solemne da Sociedade Geral Entomologica, a qual chamava a postos, não só todos os seus membros effectivos, honorarios, correspondentes, como muitos convidados de occasião, afim de acolher e levar ao capitolio da gloria um dos seus mais distinctos filhos, um dos mais infatigaveis investigadores dos segredos da natureza, intrepido viajante, ausente da patria desde annos e de volta da America Meridional, em cujas regiões centraes por tal fórma se embrenhára, que impossivel havia sido seguir-lhe o roteiro, até nos mappas e cartas especiaes do grande colleccionador Simão Schropp.

Revestira-se de mil galas a sciencia. Todos os socios de casaca preta, gravata e luvas brancas, alguns com discursos nos bolsos, enchiam a sala das sessões muito antes da hora marcada ; a musica executava a sonata n.º 26 de Luiz van Beethowen, e senhoras ostentavam *toilettes* ricas e de aprimorado gosto.

De repente atroou um grito :

— Vivat Meyer ! ! Hurrah ! Vivat !...

E ao passo que todos os pescoços se estiravam para ver quem entrava, sacudiam-se no ar com enthusiasmo lenços e chapéos.

Acalmada a ruidosa manifestação, levantou-se o presidente da Sociedade Entomologica, um presidente magro como um espeto e ornamentado de ruiva cabelleira que lhe dava aspecto de um projecto de incendio.

— Sim ! exclamou elle depois de ter bebido uns goles d'agua assucarada e preparado a garganta, eis emfim, aqui, no meio de nós, o grande, o vencedor, o incomparavel Guilherme Tembel Meyer !...

E neste gosto fallou duas horas seguidas.

.....

No dia seguinte, traziam as gazetas de Magdeburgo extensa relação da festa, transcreviam o discurso do presidente e, como appendice ás notas biographicas relativas a Meyer, enumeravam os prodigios entomologicos que havia recolhido em suas dilatadas peregrinações.

« O que ha mais digno de admiração, dizia

o *Tempo* (Die Zeit), em toda a immensa collecção trazida pelo Dr. Meyer das suas viagens, é sem contestação uma borboleta, genero completamente novo e de explendor acima de qualquer concepção. É a *Papilio Innocentia*... (Seguia-se uma descripção de minuciosidade perfeitamente germanica.)

« O nome, acrescentava a folha, dado pelo eminente naturalista áquelle soberbo specimen, foi graciosa homenagem á belleza de uma donzella (mädchen) dos desertos da provincia de Matto Grosso (Brazil), creatura, segundo conta o Dr. Meyer, de fascinadora formosura. Vê-se, pois, que tambem os sabios têm coração sensivel e podem por vezes usar da sciencia como meio de demonstrar sentimentos, que muitos lhes querem negar... »

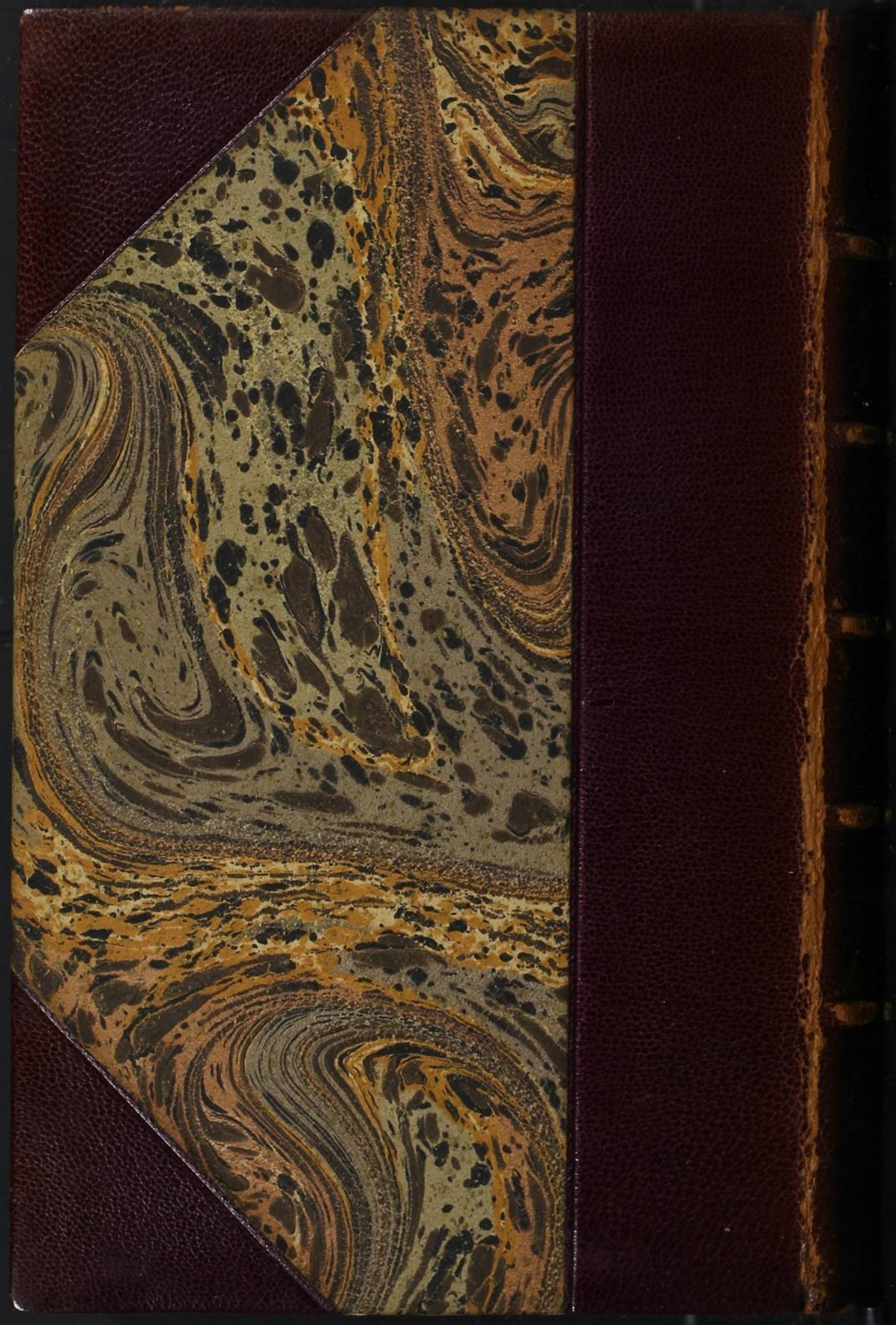
*
* *

Innocencia, coitadinha...

Exactamente nesse dia fazia dous annos que o seu gentil corpo fôra entregue á terra, no immenso sertão de Sant'Anna do Paranahyba, para ahi dormir o somno da eternidade.

FIM

INDICE

Capitulos		*Pags.*
	DEDICATORIA	7
I.	O sertão e o sertanejo	9
II.	O viajante	25
III.	O doutor	41
IV.	A casa do mineiro	49
V.	Aviso prévio	59
VI.	Innocencia	67
VII.	O naturalista	77
VIII.	Os hospedes da meia noite	83
IX.	O medicamento	93
X.	A carta de recommendação	101
XI.	O almoço	115
XII.	A apresentação	123
XIII.	Desconfianças	131
XIV.	Realidade	141
XV.	Historias de Meyer	153
XVI.	O empalamado	163
XVII.	O morphetico	179
XVIII.	Idyllio	187
XIX.	Calculos e esperanças	199
XX.	Novas historias de Meyer	207
XXI.	Papilio Innocentia	215
XXII.	Meyer parte	221
XXIII.	A ultima entrevista	229
XXIV.	A villa de Sant'Anna	241
XXV.	A viagem	251
XXVI.	Recepção cordial	257
XXVII.	Scenas intimas	263
XXVIII.	Em casa de Cesario	271
XXIX.	Resistencia de corça	285
XXX.	Desenlace	297
EPILOGO.	Reapparece Meyer	307

18145